

OLINDA MENDES BORGES

**CALDAS NOVAS (GO):
turismo e fragmentação sócio-espacial (1970-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-Mestrado-, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientadora: Professora Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Uberlândia (MG)

2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732c Borges, Olinda Mendes, 1938-
 Caldas Novas (GO) turismo e fragmentação sócio-espacial
(1970-2005) / Olinda Mendes Borges. - 2006.
 155 f. : il.

 Orientadora: Beatriz Ribeiro Soares.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Geografia.
 Inclui bibliografia.

 1. Geografia urbana – Caldas Novas (GO) - Teses. 2. Turismo –
 Caldas Novas (GO) - Teses. 3. Geografia - Caldas Novas (GO) –
 Teses. I. Soares, Beatriz Ribeiro. II. Universidade Federal de Uber-
 lândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 911.375(817.3)

**Dedico este trabalho a meus pais
Lázaro Mendes da Costa e Altina
Mendes Borges (*in memorian*) que me
ensinaram as primeiras letras.**

AGRADEÇO

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Ribeiro Soares pelo carinho, amizade e pelo aporte teórico e prático recebido nesta caminhada.

Em especial à Prof^ª. Dr^ª. Suely Regina Del Grossi pelo incentivo para que esta dissertação se concretizasse.

À professora Dr^ª. Marlene Teresinha D Muno Colesanti, diretora do Instituto de Geografia da UFU, pela atenção e receptividade.

Ao Prof. Dr. João Cleps Júnior, coordenador da Pós-Graduação do Instituto de Geografia da UFU, pelo incentivo no decorrer deste trabalho.

Aos professores do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Dr^a Vânia Rúbia Vlach, Dr^a Beatriz Ribeiro Soares, Dr. Júlio César Ramires, Dr. Rossevelt José de Oliveira que contribuíram sobremaneira para o meu desempenho acadêmico.

À Prof^ª. Dr^a. Geisa Daise Gumiero pela atenção, amizade e o incentivo nessa trajetória.

Aos meus amigos Rildo, Penha, Leonardo, Luciene, Sandrinha, Nágela, Núbia, Edivane, Fransualdo, Celso, Celeste, Divino que estiveram presentes nesse meu caminhar, auxiliando-me a vencer os contratempos.

À minha família, que soube me apoiar em todos os momentos difíceis desta caminhada. Em especial a minha irmã Olgamina e seu esposo João de Souza Carvalho pelo aconchego da casa, o abraço amigo nos momentos de incertezas e questionamentos da realização desta dissertação.

À minha sobrinha Raquel Mendes Carvalho que soube entender e compreender mais este desafio na minha vida e, não mediu esforços acompanhando-me nas inúmeras viagens a Caldas Novas. Contribuiu sobremaneira com seu olhar de arquiteta

experiente e comprometida com as questões urbanas. Além disso, foram noites e mais noites mal dormidas para vermos os resultados desta pesquisa. Sou-lhe eternamente grata.

Aos meus sobrinhos netos Patrícia, Gabriel, Leonardo, Luciana, Alexandre, Thiago, Andréa, Isabela, Thaís, Fernanda, Lucas, Bruno, Caroline e Juninho que na jovialidade de seus pensamentos e ideais deram-me a energia de prosseguir e concretizar este sonho. Aos pais destes garotos e crianças muito obrigada.

Aos meus sobrinhos Ricardo, Adriana, Eliana e Maria Regina mesmo na distância estiveram presentes nesta minha trajetória.

À Silvinha, exemplo de dedicação e determinação, prima e irmã de todas as horas. Sou-lhe profundamente grata.

Abrem caminhos e estradas, vasculham rios e montanhas, desviam correntes, desmatam e limpam regiões inteiras, rechaçam os índios e exploram, habitam e povoam uma área imensa - em grande parte hostil pela aridez e pela insalubridade - que se estende a mais da metade do atual estado de Goiás.

(PALACIN,1979, p. 30-31)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender os processos políticos, econômicos e sociais que influenciam a construção do espaço urbano de Caldas Novas (GO). A imagem paradisíaca impulsiona, na contemporaneidade, o turismo de lazer, com exploração de suas águas termais. Uma simbologia espacial reforça o discurso político do maior pólo turístico de Goiás e materializa a cidade que cresce a qualquer preço. O turismo, ao mesmo tempo em que abre postos de trabalho, segrega o lado “feio” da cidade: os pobres e suas habitações precárias. O turismo retalha a cidade e deixa-a a mercê da especulação imobiliária. Preparar a cidade para o turista impôs a Caldas Novas um padrão arquitetônico e urbanístico que acentuou as diferenças, reforçando as características de uma cidade segregada e fragmentada.

Palavras chave: cidade, turismo, fragmentação.

ABSTRACT

This work has for objective to understand the political, economical and social processes that influence the construction of the urban space of Caldas Novas (GO). The paradisiacal image impels, in the present time, the leisure tourism, with the exploration of its thermal waters. A symbolic space reinforces the political speech of the largest tourist pole of Goiás and materializes the city that increases at any price. The tourism, at the same time that opens job vacance, segregates the “ugly” side of the city: the poor and their precarious houses. The tourism slashes the city and submits it to speculation. To prepare the city for the tourist imposed to Caldas Novas architectural and urban pattern that accentuated the differences, reinforcing the characteristics of a segregated and fragmented city.

Key words: city, tourism, fragmentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

01 – “Caminhos das Águas -----	33
02 - Monumento que retrata o descobrimento da lagoa de Pirapitinga, Caldas Novas (GO), 2003 -----	43
03 – Casa de Martinho Coelho, Caldas Novas (GO), 2004 -----	44
04 – Igreja antiga com duas torres, Caldas Novas (GO)-----	48
05 – Ponte sobre o rio Corumbá construída na gestão de Bento de Godoy-----	56
06 – Caldas Novas (GO): naturalidade dos alunos – Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz (1ª a 4ª série), 2001 -----	72
07 – Caldas Novas (GO): naturalidade dos alunos – Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz (1ª a 4ª série), 2002 -----	72
08 – Primeira casa de banho, Caldas Novas (GO)-----	84
09 – Prédio construído no local da primeira casa de banho, Caldas Novas (GO), 2005 --	85
10 – Ciro Palmerston em visita a Serra de Caldas-----	86
11 – Pousada do Rio Quente, Caldas Novas (GO), 2005-----	87
12 – Caldas Novas (GO): avaliação da população em relação à emancipação de Rio Quente, 2004 -----	88
13 – Lagoa Quente de Pirapitinga, Caldas Novas (GO), 2004 -----	90

14 – Praça de entrada do Parque Estadual da Serra de Caldas com escultura siriema do artista Tolosa, Caldas Novas, (GO), 2005 -----	14
15 – Marco de entrada do Parque Estadual da Serra de Caldas, Caldas Novas (GO), 2005 -----	92
16 – Carta imagem da microrregião geográfica Meia Ponte (GO), 2005 -----	95
17 – Casarão, construção do final do século XIX, Caldas Novas (GO), 2004 -----	97
18 – Vista parcial da Serra de Caldas e a Pousada do Rio Quente, Caldas Novas (GO), 2004 -----	98
19 – Caldas Novas (GO): acesso a programas de educação ambiental, 2004 -----	101
20 – Caldas Novas (GO): acesso a rede de esgoto, 2004-----	102
21 – Vista aérea de clubes-hotéis, Caldas Novas (GO), 2005 -----	105
22 – Origem dos turistas na Feira do Luar, 2004 -----	107
23 – Caldas Novas (GO): nível de escolaridade dos entrevistados, 2004 -----	113
24 – Área central em destaque - Caldas Novas, GO -----	117
25 – Dona Hélia descerrando a placa em homenagem a Mestre Orlando (seu pai), 1973 -----	119
26 – Vista parcial da Praça Mestre Orlando, Caldas Novas (GO), 2005 -----	120
27 – Ocupação das calçadas pelos comerciantes, Caldas Novas (GO), 2004 -----	122
28 – Shopping Tropical, Caldas Novas (GO), 2004-----	123

29 – Vista parcial dos bairros Termal e Turista I (fundo), Caldas Novas (GO), 2004 ---	124
30 – Acessos de Caldas Novas a outras localidades, 2005 -----	125
31 – Caldas Novas (GO): aspectos positivos do crescimento da cidade segundo entrevistados, 2004-----	130
32 – Vista parcial da cidade de Caldas Novas (GO): diversas formas de uso e ocupação do solo urbano, 2005 -----	131
33 – O bairro Turista I e II vistos a partir do bairro Solar das Caldas, Caldas Novas (GO), 2004-----	133

LISTA DE MAPAS

01 – Turismo em Goiás-----	32
02 – Localização e municípios da microrregião de Meia Ponte -----	67
03 – Microrregião de Meia Ponte (Goiás): população urbana, 2000-----	71
04 – Área de expansão urbana de Caldas Novas (GO), 1980-2002-----	74
05 – Densidade residencial – Caldas Novas (GO)-----	109
06 – Zoneamento Urbano – Caldas Novas (GO) -----	111
07 – Caldas Novas (GO): Bairros-----	137

LISTA DE QUADROS

01 – O turismo em Goiás: tipo, características, locais para a prática -----	29
02 – Principais atrativos de Caldas Novas, 2004 -----	96

LISTA DE TABELAS

01 – Caldas Novas: produção agrícola, 2000 – 2001 -----	61
02 – Caldas Novas: efetivo da pecuária, 1998 – 2002 -----	62
03 – Microrregião geográfica de Meia Ponte: população, 2000 -----	65
04 – Microrregião de Meia Ponte: evolução populacional, 2000-2004 -----	68
05 – Microrregião de Meia Ponte: população total e densidade demográfica segundo estimativas para o ano de 2004 -----	69
06 – Caldas Novas: bairros com edificações irregulares, 2004 (em %) -----	140

LISTA DE SIGLAS

AGETUR – Agência Goiana de Turismo

CTC – Caldas Termas Clube

DEMAE – Departamento Municipal de Água e Esgoto

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

GOIASTUR – Empresa de Turismo de Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INGEO – Instituto de Genealogia de Goiás

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

PDU – Plano Diretor Urbano

PEA – População Economicamente Ativa

PIB - Produto Interno Bruto

PMCN – Prefeitura Municipal de Caldas Novas

PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo

POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento do Cerrado

PRODECER – Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado

SEPLAN-GO – Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás

SESC – Serviço Social do Comércio

UNICALDAS – Faculdade de Caldas Novas

UNIMONTE – Centro Universitário Monte Serrat

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	15
1 - O TURISMO E A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	20
1.1 - O turismo e o consumo do espaço-----	20
1.2 - A produção do espaço urbano: algumas considerações	22
1.3 - O turismo e o espaço goiano-----	27
2 - DA LAGOA QUENTE DE PIRAPITINGA AO MUNICÍPIO DE CALDAS NOVAS-----	36
2.1 - Relembrando a história: o fugaz ouro goiano-----	36
2.2 - A exploração medicinal das águas-----	41
2.3 - Uma ponte muda os rumos da história-----	53
3- CALDAS NOVAS: ECONOMIA E SOCIEDADE-----	58
3.1 - O peso das atividades agropastoris em Caldas Novas--	58
3.2 - A explosão urbana-----	64
3.3 - Desafios da cidade turística sustentável-----	75
4- A IMPORTÂNCIA DO TURISMO NA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DE CALDAS NOVAS-----	84
4.1 - Caldas Novas: turismo e patrimônio-ambiental-----	89
4.2 - Entendendo a organização e as novas formas do espaço caldasnovense-----	105
4.3 - Dinâmica da área central: revitalização ou requalificação?-----	114
4.4 - A expansão da malha urbana-----	130
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	143

6 – REFERÊNCIAS-----	145
ANEXO 01 - Legislação sobre as águas de Caldas Novas-----	152

INTRODUÇÃO

Caldas Novas é um dos 21 municípios da Microrregião Geográfica de Meia Ponte, no Sul de Goiás, distando apenas 170 km de Goiânia, capital do estado. A cidade tornou-se conhecida por suas águas termais, que atraem, a essa cidade de 62.744 habitantes¹, quase um milhão de pessoas todos os anos.

Desde o descobrimento das águas quentes, em 1777, pessoas de diversas procedências, acreditando na capacidade curativa das mesmas, buscam a região de Caldas Novas, muitas ali fixando residência, o que contribuiu para a divulgação do valor terapêutico dessas águas. Entretanto, constituiu-se o município apenas em 21 de outubro de 1911 e o primeiro balneário público foi construído somente em 1920.

Em meio ao cerrado e cercada por um relevo de formas arredondadas, Caldas Novas apresenta grandes belezas naturais. Encravado em uma região rica em jazidas minerais, o município, através de políticas espaciais, conseguiu transformar seus mananciais hidrotermais em base para a estruturação de uma cidade para o turismo de lazer.

O município possui atrativos naturais que se localizam tanto no perímetro urbano como no rural. No Parque Estadual da Serra de Caldas, é possível caminhar por trilhas, e tomar banho em cachoeiras. A cidade conta com um complexo hoteleiro muito significativo, constituído por hotéis, pousadas, *apart*, *flats* e outros.

¹ Estimativa IBGE (2004).

No início deste século XXI, Caldas Novas constitui-se, junto com o município de Rio Quente, na maior atração turística do estado de Goiás. A rede conecta-se com grandes centros urbanos do país, como Brasília, Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro, através de rodovias asfaltadas e de um aeroporto.

As edificações de Caldas Novas refletem a sua história. Construções recentes, bairros mais novos e um ritmo de cidade turística coexistem com outras temporalidades, mais lentas, também permeadas pelo vai-vem de pessoas e carros, pelos sons de muita “música raiz”. Há uma grande heterogeneidade nos modos de vida, nas formas de morar e nos usos do solo urbano. A paisagem urbana evidencia momentos diversos do processo de produção espacial, o que possibilita entender sua evolução e a maneira como foi produzida.

O “corre-corre” do dia-a-dia, seja para o trabalho, seja para as compras, compõe e movimenta a vida urbana. Esse cenário resultado das influências tecnológicas e sociais que ocorreram no passado e que ocorrem no presente.

Do mundo da aparência, pode-se extrair a essência, que revela o dinamismo do processo de construção da paisagem. Uma paisagem marcada pelas relações sociais de produção, pelo trabalho humano, expondo uma época e um período de desenvolvimento das forças produtivas. Vale lembrar que os homens, antes de produzirem coisas, produzem relações sociais. Portanto, a cidade é um espaço de sociabilidade, cuja paisagem mostra a realidade do momento.

Este trabalho tem por objetivo compreender os processos

políticos, econômicos e sociais que influenciaram na construção do espaço urbano de Caldas Novas, criando o imaginário de “paraíso”. Busca-se apreender porque a exploração das águas termais, que se dava desde os primórdios de sua história, é capaz, na contemporaneidade, de impulsionar as atividades do turismo de lazer, sustentando-se em formas e simbologias espaciais que constroem o maior pólo turístico de Goiás.

Considerando que fazer e refazer a cidade é um processo constante e, para entender tal processo, além do olhar atento ao caminhar pela cidade, teve-se o cuidado de registrar as falas de moradores, utilizando questionário semi-estruturado através de entrevistas, aplicados aleatoriamente, como também, as conversas descontraídas do dia a dia. Buscou-se através dos levantamentos bibliográficos, entrevistas, pesquisa de campo, gravações de palestras, o apoio para uma análise do processo de transformação e crescimento do espaço urbano de Caldas Novas e o turismo de águas quentes.

No contato com a cidade e seus habitantes, vários questionamentos foram surgindo, como: Qual o significado do turismo no processo de produção do espaço da cidade? Que fatores políticos e econômicos, produziram em Caldas Novas, um espaço urbano diversificado e fragmentado? Que alterações se apresentam no espaço urbano em decorrência das apropriações com objetivos de exploração das águas quentes?

Para responder a essas questões e atingir os objetivos propostos, primeiramente, fez-se a leitura teórica-informativa e metodológica, o que possibilitou a formação de um referencial teórico, necessário para o desenvolvimento das várias etapas da pesquisa.

Na coleta dos dados percebeu-se a riqueza das informações e deparou-se com pessoas, cujos antepassados participaram e fizeram à história de Caldas Novas. Foram depoimentos importantes para compreender a construção e o crescimento da cidade.

Fez-se o levantamento de fontes iconográficas e registrou-se através de fotografias e mapas elaborados a realidade atual da cidade, as quais retratam as contradições, os símbolos e signos.

De posse de todos os dados e informações procurou-se mostrar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais no decorrer de momentos históricos e geográficos da cidade.

Neste sentido, esta pesquisa divide-se em quatro capítulos. O primeiro discute a influência do turismo sobre as configurações e reconfigurações do espaço geográfico. Faz-se uma discussão teórica sobre turismo e geografia e analisa-se a produção do espaço urbano na sociedade capitalista e a influência do turismo de lazer nas reconfigurações do espaço goiano.

O segundo capítulo traça o histórico da ocupação de Caldas Novas. Descreve-se a ocupação do espaço goiano por bandeirantes paulistas à procura de ouro e de índios para o trabalho escravo e, por fim, analisa-se a constituição política do município de Caldas Novas.

O terceiro capítulo analisa o crescimento populacional de Caldas Novas ante o *boom* do turismo e as novas configurações do espaço urbano neste contexto.

O quarto e último capítulo discute as percepções de moradores e turistas sobre as recentes mudanças ocorridas nesse espaço.

Conclui-se que a atividade turística, desencadeada por uma série de políticas públicas e por ações privadas, tem profundo impacto sobre as formas assumidas pelo espaço urbano, reflexo de relações sociais marcadas pela desigualdade.

1 - O TURISMO E A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O presente capítulo discute a influência da atividade turística sobre a produção e reprodução do espaço urbano. Inicialmente, faz-se uma discussão teórica sobre turismo e geografia. A seguir, analisa-se a produção do espaço urbano na sociedade capitalista e a influência do turismo nas reconfigurações do espaço goiano.

1.1 - O turismo e o consumo do espaço

Souza Júnior e Ito (2005, p. 1) apontam que a origem do termo pode estar relacionada a denominação *tur* do hebreu antigo que significa “viagem de descoberta, de exploração, de reconhecimento”. Afirmam, porém, que “um resgate sobre a ‘geohistória’ do turismo” indicaria “que o seu desenvolvimento é mais antigo do que a origem do próprio termo”.

Entretanto, continuam esses autores, a maior difusão do turismo deu-se “graças ao desenvolvimento tecnológico do século XIX (máquina a vapor, trem com vagão leito, etc) e século XX (desenvolvimento dos setores de transporte e comunicação)”.

Pires (2002, p. 162) afirma que a paisagem é o elemento essencial para o turismo, de modo que “o turismo pode ser concebido como uma experiência geográfica”. Por isso, “não demorou muito para que a atividade turística se utilizasse, indiretamente, do aporte descritivo fornecido pela geografia ao optar pela seleção de espaços destinados ao seu

desenvolvimento”.(SOUZA JÚNIOR; ITO, 2005, p. 1).

A seletividade do espaço é, a um só tempo, sua fragmentação e reconfiguração.

A prática do turismo demanda infra-estrutura adequada para atender as exigências impostas pela lógica do mercado turístico (hotéis, pousadas, aeroportos, vias de acesso, saneamento básico). [...] Nesse processo, o turismo vai produzir e reproduzir espaços elitizados para atender as necessidades das classes que podem comprar o lazer. Assim, o turismo materializa-se na lógica do capital, uma vez que transfere valor aos patrimônios natural e cultural dos lugares (MOREIRA; TREVIZAN, 2005, p. 1).

A expansão da atividade turística demanda a implantação de infra-estruturas básicas em escala regional; a implantação de equipamentos hoteleiros e a qualificação e formação de mão-de-obra para trabalhar no setor, além de um agressivo *marketing* nacional e internacional, como noticia Merys (2003, p. 3).

Produzidos pelo mercado, os espaços turísticos atendem aos interesses do capital e, assim, “Cidades inteiras se transformam com o objetivo precípua de atrair turistas”, o que “provoca, de um lado, o sentimento de estranhamento – para os que vivem nas áreas que num determinado momento se voltam para atividade turística – e, de outro, transforma tudo em espetáculo” (CARLOS, 1996 *apud* MOREIRA; TREVIZAN, 2005, p. 1).

O espetáculo é buscado (e alcançado) na quebra das rotinas:

O turismo reside no rompimento da monotonia da vida urbana, que é construída pela rotina de trabalho e estudo, que são obrigações diárias. Essa rotina leva ao afastamento da mesmice, estimulando os sentidos a procurar diversão e descanso em outros lugares, que não sejam os mesmos do dia a dia. O que se procura nas férias e feriados, é o contrário da

vida de todo dia, ou seja, experiências agradáveis que estão além do habitual (GONÇALVES; DEL GROSSI, 2003, p. 2).

A atividade turística induz a profundas alterações nos lugares em que se desenvolve. Isso se deve ao fato de que, nos lugares turísticos, se confrontam a territorialidade sedentária dos que aí vivem frequentemente e a nômade dos que por ali só passam.

O turista traz hábitos e costumes, cuja novidade, muitas vezes, gera uma sensação de invasão do lugar, só compensada pelos benefícios financeiros oriundos de sua passagem.

Com o turismo, o espaço é reordenado. Dessa forma, “verdadeiras” cidades são construídas única e exclusivamente para o seu consumo. Para se “embelezar” aos olhos do visitante, a cidade turística exclui tudo o que é feio: a miséria da maioria de seus habitantes, de forma que o consumo dos bens e serviços turísticos implica um crescimento da periferização e da degradação do meio ambiente, elemento, por sua vez, redutor do consumo do espaço turístico.

O turismo constrói e reconstrói o espaço urbano². É necessário crescer e desenvolver a qualquer preço, retalhar a cidade para deixá-la à mercê da especulação imobiliária. A cidade do turista impõe um padrão arquitetônico e urbanístico, que acentua as diferenças, sua fragmentação/segregação.

² Vale lembrar que até formas “rurais” da atividade, como o turismo rural ou o de aventura, depende de uma infra-estrutura sempre ligada ao espaço urbano.

1.2 - A produção do espaço urbano: algumas considerações

A organização espacial está em constante mutação, porque a sociedade também modifica seus hábitos, costumes, desejos, consumo, imprimindo novas funções às formas geográficas, que se acham impregnadas de conteúdo social.

Para Carlos (2004),

[...] o homem se apropria do mundo, enquanto apropriação do espaço – tempo determinado, aquele da sua reprodução da sociedade. Assim se desloca o enfoque da localização das atividades, no espaço, para a análise do conteúdo da prática sócio-espacial, enquanto movimento de produção/apropriação/reprodução da cidade. (CARLOS, 2004, p. 19).

A forma urbana transforma-se. De sorte que, no início do terceiro milênio, os mais diversos pontos geográficos do globo estão conectados pelos fluxos de capitais. A concentração acentuada do capital parece homogeneizar o mundo, produzindo uma nova organização do espaço mundial.

De fato, nas últimas décadas, a inovação tecnológica tem tornado os fluxos mais numerosos, possibilitando ao homem a conexão entre os diversos lugares. Estudando a produção do espaço geográfico, Santos (2002, p. 62) afirma: “os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos”.

Neste espaço, a ciência, a tecnologia e a informação vão definindo novas desigualdades entre regiões e lugares. Em contrapartida, cada

lugar procura mostrar suas particularidades im(ex)pressas na produção de um pensamento sobre a cidade que, por sua vez, espelha a produção social da mesma.

A cidade, como construção das sociedades humanas, produto histórico-social, revela-se obra materializada, construída ao longo de gerações e tecida nas relações do cotidiano. O modo de apropriação do espaço revela-se em sua história, símbolos, nas obras humanas, na fala dos seus habitantes e no seu modo de vida.

Dessa forma, não se pode pensar o espaço como mero espelho externo da sociedade.

Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de produção (LEFÈBVRE, 1976 *apud* CORRÊA, 1995, p. 25-26).

As inter-relações sociais assumem concretamente a forma de relações espaciais. A maneira como se realiza a vida na cidade revela o uso e a apropriação do seu espaço.

A compreensão da cidade, pensada na perspectiva da Geografia, nos coloca diante de sua dimensão espacial – a cidade analisada enquanto realidade material – esta por sua vez, se revela pelo conteúdo das relações sociais que lhe dão forma (CARLOS, 2004, p.18).

É assim que, graças às ações de grupos representantes do capital imobiliário e do próprio Estado, emergem novos loteamentos, condomínios verticais e horizontais, hotéis, *flats* e clubes que modificam a

paisagem da cidade. O crescimento da cidade é orientado por critérios sócio-econômicos segregacionistas.

As relações que se estabelecem entre os homens, as realizações do passado e do presente estão impressas no espaço, coexistindo conteúdos que reforçam a idéia de que o cotidiano fornece o significado da vida presente e futura.

Para Santos (2002, p. 109), é “a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente”.

Se, no espaço geográfico, estão as obras humanas, estas não se constituem simples objetos. De acordo com Santos (2002, p. 105) “só por sua presença, os objetos técnicos não têm outro significado senão o paisagístico. Mas eles aí estão também em disponibilidade, à espera de um conteúdo social”.

Para Soares (1995),

quando observamos a paisagem urbana, sua realidade é, para nós, onipresente e inevitável, por onde quer que olhemos, percebemos seus edifícios de concreto e vidro, seus estacionamentos, seus conjuntos habitacionais, suas ruas e praças, seus *shopping centers*, sinais elétricos entre outros. No entanto, ela se apresenta para nós banalizada, porque é componente de nosso cotidiano urbano. (SOARES, 1995, p. 12).

Sociedade e espaço não estão dissociados. Considera-se espaço geográfico como totalidade de inter-relações e nas sociedades contemporâneas onde à velocidade e a inovação tecnológica transpõem

fronteiras, encurtam distâncias, realizam transformações no modo de viver globalizado. Santos (2002) afirma ainda:

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim formas-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (SANTOS, 2002, p. 106).

Ao estudar a configuração territorial, Santos (2002) afirma:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica tem, pois, uma existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS, 2002, p. 62).

Os acréscimos, de que fala Santos (2002), transformam o espaço urbano. Carlos (1992, p. 38) afirma que “a paisagem não só é produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim do viver”.

Como nos lembra Carlos (2001, p. 40), “da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao ‘espaço construído’, imobilizado nas construções; e o segundo diz respeito ao movimento da vida”.

Assim, os condomínios fechados, o asfalto, canalizações, pontes e uso diversificado de materiais marcam o espaço rapidamente transformado pela atividade turística. Os acréscimos imprimem mudanças substanciais nas relações sócio-espaciais.

A atividade turística depende de grandes acréscimos, de modo que seus impactos se dão em grande escala. A seguir, analisa-se a construção do estado de Goiás como destino turístico.

1.3 - O turismo e o espaço goiano

Segundo a Empresa Brasileira de Turismo de Goiás (EMBRATUR, 2000 *apud* MOREIRA; TREVIZAN, 2005), a atividade turística no Brasil corresponde a 7% do PIB e já se tornou o terceiro segmento da pauta de exportações do país. Movimenta outros 52 setores da economia, gerando um faturamento de US\$25,8 bilhões³, através das viagens de 45 milhões de brasileiros e 5,3 milhões de turistas estrangeiros que visitam o país, além de empregar seis milhões de pessoas no Brasil.

O impacto da atividade turística depende da infra-estrutura regional.

O sistema turístico e a rede onde este se encontra sitiado é produto da relação entre os pólos de atração e os espaços satélites cujos atrativos passam a dar sentido ao espaço turístico confabulando para a criação de espaços hierárquicos para o desenvolvimento do turismo (BARROS, 1998, p. 18).

Assim, o turismo não privilegia o fixo, mas os roteiros. O turista, proveniente de qualquer parte do Brasil ou mesmo do estrangeiro, encontra magníficas atrações em Goiás.

O estado apresenta um grande potencial turístico. Goiás tem

³ O valor do dólar tem variado em 2005 entre 2,30 e 2,50 reais.

várias cidades históricas, estâncias hidrominerais, nas quais vários tipos de turismo podem ser impulsionados.

Caldas Novas é um dos pontos de maior destaque no mercado consumidor interno de bens turísticos. Ao lado deste, no sopé da Serra de Caldas, encontra-se o *resort* Pousada do Rio Quente.

Conforme informações publicadas pela revista Ambiente Brasil (2005) o estado de Goiás apresenta vários outros destinos turísticos:

- Anápolis: a capital econômica e a segunda cidade mais importante do estado situa-se entre Brasília e Goiânia e possui grande qualidade de indústrias.
- Cachoeira Dourada: além da usina hidrelétrica, há o Canal de São Simão, atração turística.
- Paraúna: a cidade apresenta belos monumentos erigidos pelo tempo e pelo vento, no dorso da serra Paredão.
- Trindade: cidade religiosa, na qual, no primeiro domingo de julho de cada ano, se realiza a festa em louvor ao Divino Padre Eterno.
- Pirenópolis: destaca-se pela Cavallhada, realizada junto com a Festa do Espírito Santo, pelo estrondo da Roqueira, pela serra dos Pirineus, a famosa Pensão do Padre Rosa, além da arquitetura colonial de suas casas e igrejas. Inserida na Serra dos Pirineus, a cidade tem belas cachoeiras.
- Goiás: essa antiga cidade oferece aos turistas os muros de pedra feitos pelos escravos, os sobrados coloniais, o Largo do Chafariz, a Casa da Fundação, o largo da Boa Morte, o Palácio Conde dos Arcos, a cruz do Anhangüera e o Chafariz da Carioca. A cidade, primeira capital do estado, foi fundada em 1725 por Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, com o nome de Vila Boa.
- Araguaia e Bananal: o rio Araguaia é mais piscoso do mundo. A Ilha do Bananal apresenta lagoas, de águas claras e areal branco, flora e fauna riquíssimas pela variedade de espécies. (AMBIENTE BRASIL, 2005).

Constituem-se pólos ecoturísticos goianos o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, o município de Pirenópolis e o Parque Nacional das Emas. No entorno da Chapada dos Veadeiros, nos municípios de São

Domingos e Posse, desenvolve-se a espeleologia.

O Parque das Emas é destino de ecoturistas que, no parque e em seu entorno, chapadas, cachoeiras e nascentes de rios, em Costa Rica e Mineiros, e, as pinturas rupestres e os rios de corredeiras rápidas em Serranópolis. Outros destaques são Parque Estadual Serra de Caldas Novas, de Terra Ronca e as Reservas Estaduais Biológicas de Paraúna e Lagoa Grande.

O quadro 1 apresenta os diferentes tipos de turismo que são impulsionados em Goiás por ações do poder público, em nível local, estadual e nacional.

Quadro 01 - O turismo em Goiás: tipo, caracterização e locais para a prática.

Tipo de Turismo	Caracterização	Locais para a prática
Lazer	Voltado ao conhecimento de novos locais, paisagens e contemplação.	Todos os municípios
Eventos	Reúne profissionais para exposições, lançamentos e/ ou discussões de temas relevantes.	Goiânia, Rio Quente, Caldas Novas
Águas termais	Destina-se às estâncias hidrominerais visando a saúde ou a recreação.	Caldas Novas, Rio Quente e Itajá
Desportivo	Atrai público em geral para eventos esportivos.	Todos os municípios
Religioso	Visitas a igrejas, templos, santuários, etc.	Trindade, Pirenópolis e Cidade de Goiás
Cultural	Professores, pesquisadores, arqueólogos e público em geral interessados nos aspectos culturais da região.	Cidade de Goiás, Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Silvânia, Serranópolis e Pilar de Goiás.
Ecológico	Contemplação da natureza.	Alto Paraíso, Formosa, Caiapônia, Goiânia, Cidade de Goiás, Paraúna, Mineiros, Serranópolis, Pirenópolis, Caldas Novas, São Domingos, Chapadão do Céu.

(continuação)

Aventura	Ideal para quem gosta de praticar esportes radicais.	Paraúna, Alto Paraíso, Caiapônia, Piranhas, São Domingos, Mineiros, Posse, Chapadão do Céu e Formosa.
Gastronômico	Pratos tradicionais da região aguçam o paladar dos turistas: arroz com pequi, peixe na telha, entre outros.	Anápolis, Alexânia, Pirenópolis e Luziânia.
Melhor idade	Atividades e locais turísticos para todos as idades, aventura ou paisagens tranquilas.	Caldas Novas, Rio Quente e Itajá.
Rural	Atividades como: andar a cavalo, ordenhar vacas, passear de carroça, tomar banho de cachoeira, etc.	Anápolis, Alexânia, Corumbá de Goiás e Cidade de Goiás.
Náutico	Utiliza as vias navegáveis do estado.	Buriti Alegre, São Simão, Três Ranchos, Britânia, Uruaçu, Minaçu, Cachoeira Dourada.
Pesca	Nos períodos em que não ocorrem a piracema e o defeso.	Aragarças, Bandeirantes, Luís Alves, Aruanã e Britânia.

Fonte: AMBIENTE BRASIL, 2005, p. 1. Org.: BORGES, O. M., 2005.

O planejamento do turismo, no estado, após a extinção da Empresa de Turismo de Goiás (GOIASTUR), em 2000, cabe à Agência Goiana de Turismo (AGETUR). Os planos estaduais centram-se em quatro roteiros:

- “Caminho do Ouro -: Cidade de Goiás: Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade”. Goiás tem história para contar.
- “Caminho da Biosfera - A Alma do Cerrado”: Chapada dos Veadeiros - Alto Paraíso, São Jorge e Cavalcante, Salto do Itiquira e Parque Estadual de Terra Ronca.
- “Caminho do Sol - Turismo em seu Estado mais Natural”: Araguaia - Aragarças, Aruanã, Bandeirantes e Luis Alves. Parque Nacional das Emas - Serranópolis.
- “Caminho das Águas - A Natureza segue seu curso”: Caldas Novas, Rio Quente, Jataí e Cachoeira Dourada. (AGETUR, 2005, p. 1).

O trabalho da AGETUR centra-se em três municípios: Caldas Novas, Pirenópolis e São João, esta última cidade com importantes fontes de

águas sulfurosas. A simples inexistência desta cidade do “Caminho das Águas”, por si, aponta para o enorme impacto que o redirecionamento de uma política pública em turismo pode ter sobre a vida, o tempo e o espaço de um município (AMBIENTE BRASIL, 2005).

O mapa turístico abaixo, da AGETUR (Mapa 01), mostra os quatro roteiros turísticos priorizados por Goiás a partir de 2000, dentro de um espírito empresarial que busca auferir lucros máximos.

Dentro deste “Caminho”, Caldas Novas tem papel de destaque. Se, de acordo com Albuquerque (1996, p. 25), há registros de que, no século XVII, “já eram feitas incursões de índios, com trilhas que iam do Rio de Janeiro até Machu Pichu, a capital dos Incas, no Peru”, é certo que a inserção de Caldas Novas no circuito do “turismo capitalista” ocorreu, de forma mais efetiva, na década de 1980.

A partir desse período, Caldas Novas transformou-se radicalmente, tanto do ponto de vista econômico, quanto sócio-cultural e, acima de tudo, espacial. Em função do turismo de águas quentes, cresce a população e diversificam-se comércio e serviços, ao passo que os promotores imobiliários expandem o entorno da cidade.

É assim que, na Caldas Novas da atualidade, um grande espelho d'água forma o lago Corumbá, para o qual vertem os rios Pirapitinga⁴, Piracanjuba, Peixe e São Bartolomeu. A formação deste lago, com os 65 km² de área inundada pela construção da Usina Hidrelétrica de Corumbá, fez surgir muitas dúvidas quanto à possibilidade de resfriamento das águas termais.

O Lago atinge cinco municípios e é responsável pela submersão da Ponte São Bento, o principal marco arquitetônicos da modernidade em Caldas Novas. Um dos netos de seu construtor, Bento de Godoy, relembra: “Tudo aqui era cerrado. Era um homem que estava adiantado 200 anos em relação àquele período de 1911” (Pesquisa de campo, 2004).

⁴ Pirapitinga: na língua tupi significa pira = peixe; pitinga = pele branca ou casca branca, pintado ou salpicado de branco (ELIAS, 1994, p.34).

Mas “o presente não se opõe ao passado”. De fato, a “memória compartilhada, por definição, ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado” (ABREU, 1998, p.12).

Em função dos limites e potencialidades da memória, o próximo capítulo realiza uma retrospectiva da história de Caldas Novas, acentuando a importância que o turismo terapêutico tem na vida social e econômica do município desde o princípio de sua história.

2 - DA LAGOA QUENTE DE PIRAPITINGA AO MUNICÍPIO DE CALDAS NOVAS

O presente capítulo traça o histórico da ocupação de Caldas Novas. De início, descreve-se a ocupação do espaço goiano por bandeirantes paulistas à procura de ouro e de índios para o trabalho escravo. Depois, volta-se à análise histórica do município de Caldas Novas. Finalmente, caracteriza-se o atual cenário sócio-político-econômico do município.

2.1 - Relembrando a história: o fugaz ouro goiano

No século XVIII, caminhos irregulares levam ao interior brasileiro. Nas terras de Goiás, os exploradores bandeirantes procuram ouro e índios a serem escravizados. É o início do povoamento do Centro-Oeste.

Sobre este momento, um nome é lembrado, Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. Percorrendo longínquas terras, Anhanguera adentrou pelo sertão goiano e “fundou em 1726, às margens do Rio Vermelho, o arraial de Sant`Ana, mais tarde Vila Boa, que viria a ser a capital da futura Capitania de Goiás” (CHAUL, 2002, p. 33).

Olhar para o passado é transitar por caminhos de encontros e desencontros. O desbravamento do sertão, para escravização dos silvícolas e descoberta do ouro, pontilhou de arraiais as margens dos rios auríferos. Nesses arraiais, prospera o comércio e as desconfianças, a cobiça e o medo das perdas.

No abrir caminhos, povoados foram surgindo e demarcando o território brasileiro. Palacin (1979) faz menção aos descobridores, afirmando:

[...] abrem caminhos e estradas, vasculham rios e montanhas, desviam correntes, desmatam e limpam regiões inteiras, rechaçam os índios, e exploram, habitam e povoam uma área imensa – em grande parte hostil pela aridez e pela insalubridade – que se estende a mais da metade do atual Estado de Goiás. (PALACIN, 1979, p. 30-31).

A princípio, Goiás fez parte da Capitania de São Paulo, mas, em 1744, foi criada a Capitania de Goiás. Ainda que a mineração em Goiás tenha tido uma vida efêmera, “Goiás entra na história como as ‘Minas dos Goyazes’” (PALACIN, 1979, p. 25).

O governo português adotou medidas com o fim de resguardar a riqueza aurífera do vasto território brasileiro, deixando a Província de Goiás muito isolada. Essas medidas e a situação dos primeiros habitantes daquelas terras goianas são descritas por Alencastro (1863):

Traçada a primeira via de comunicação para Goiás, a mesma que percorre Bartolomeu Bueno e seus aventureiros, foi proibida a abertura de novas estradas, e vedado o trânsito por aquelas que, apesar disto, o povo, para a sua comodidade, houvesse aberto em diferentes direções. Os rios, desde logo trancados à navegação, viam sulcar suas águas pelas montarias e ubás dos indígenas, que povoavam suas férteis margens. Muitas indústrias foram proibidas, por se oporem ao desenvolvimento da mineração, por serem julgadas criminosas ou cúmplices dos extravios. Apesar disto, a corrente da imigração para Goiás foi de ano para ano mais abundante. Um imenso lençol de ouro se desenrolava às vistas ávidas do mineiro ambicioso, e suas esperanças eram plenamente satisfeitas, no princípio, sem quase trabalho e sacrifício. (ALENCASTRO, 1863, p. 17).

A imagem da riqueza fácil, “sem quase trabalho e sacrifício”, acabou moldando o imaginário de um homem goiano indolente e pouco afeito ao trabalho constante. Esses contrastes marcam a história dos Goyazes e

delineiam a ocupação do seu espaço. Os viajantes que passaram por Goiás, vindos de terras além mar, descreveram, em relatos de viagem, uma natureza desoladora, inóspita e sem vida.

Chaul (2002) comenta que Palacin (1979), para justificar a decadência de Goiás, recorre às observações dos viajantes europeus. Ao mostrar que a população, antes urbana, busca no campo os meios de sobrevivência, Palacin, “embora coloque ênfase na colonização e na escravidão – o que representa uma novidade”, acaba “por incorporar a visão expressa nos relatos daqueles viajantes sobre as causas primeiras da decadência da sociedade goiana da época, ou seja, os vícios dos homens” (CHAUL, 2002, p. 68).

Assim, a visão sobre a sociedade dos Goyazes, propalada pelos viajantes europeus, pelos governadores da época e por alguns historiadores apoiados nos relatos dos mesmos, é de um estado pobre, desolado e de homens dominados pelo desânimo.

Esse imaginário é reforçado com a queda da atividade mineradora. De fato, a mineração, iniciada em 1726, declinou após a década de 1770.

Mas foram poucos anos de grandeza e prosperidade. O meteoro passou, e à luz fugaz dessa transitória grandeza sucedeu o quadro mais *contristador*. O deslumbramento, porém, continuou por muito tempo ainda. No entanto, via-se o comércio do interior fiscalizado e vexado; a lavoura quase de todo abandonada; a indústria da criação limitada e interdita; o fisco insaciável; o monopólio exercido pelo próprio governo, matando a indústria particular e tornando impossível qualquer concorrência. Morria-se de fome, mas a mineração não parava. A mineração era o alvo de todos os desejos, uma como que febre ou delírio de que o povo estava tomado. O proprietário, o *industrialista*, o aventureiro, finalmente todos convergiam suas vistas, seus esforços, sem capitais, toda a sua atividade

em suma, para o mister da mineração. A extensa capitania de Goiás tornou-se em pouco uma vasta mina, em que trabalhavam milhares de operários, obrando prodígios de esforço e de paciência, que ainda hoje fazem pasmar aos que observam os vestígios dessas longas canalizações, empreendidas e realizadas somente a poder do braço do homem. E quantos malogros, e quantas decepções! E, porque o vasto interior do país era povoado de um sem número de tribos selvagens, que embargavam-se bandeiras, organizavam-se custosas expedições para a sua conquista, mas quase sempre à custa de forçadas derramas, e da contribuição do povo. O real erário poucas vezes concorria para esses gastos. Para que mormente se pudesse desentranhar dos solos as suas preciosidades, varria-se da superfície da terra os seus legítimos habitantes. Devastadas e destruídas a ferro e fogo as aldeias, até então pacíficas e tranqüilas, os silvícolas, que escapavam à fúria dos bandeirantes, iam-se refugiar nas *solidões* das florestas, onde supunham poder estar a salvo de tão estranhos *civilizadores*. Mas embalde, que para esses aventureiros não havia divisas, nem distância, nem obstáculos insuperáveis. E os que porventura procuravam na resistência salvar o direito do seu lar, das suas terras e da sua liberdade eram todos os anos dizimados pelo ferro *exterminador* dos cabos da conquista, ou reduzidos ao mais execrável cativo (ALENCASTRO, 1863, p. 18-19).

Algumas razões são colocadas para se entender o declínio da mineração em Goiás:

[...] as técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas (ouro de aluvião), a falta de braços para uma exploração mais intensa das minas, a carência de capitais e uma administração preocupada apenas com o rendimento do quinto (CHAUL, 2002, p. 34-35).

Todos os esforços eram canalizados para a exploração do ouro, tornando os bens de primeira necessidade mais caros. Palacin (1979) refere-se ao esgotamento das minas e à decadência da mineração a partir de 1778.

A quebra de rendimento das minas fonte de toda a atividade econômica, arrasta consigo os outros setores a uma ruína parcial: diminuição da importação e do comércio externo, menos rendimentos de impostos, diminuição da mão de obra por estancamento na importação de escravos, estreitamento do comércio interno, com tendência à formação de zonas de

economia fechada e um consumo dirigido à pura subsistência, esvaziamento dos centros de população, ruralização, empobrecimento e isolamento cultural (PALACIN, 1979, p. 133).

Com o declínio da mineração, os campos de pastagens naturais, principalmente no Sul de Goiás, transformaram-se em fazendas de gado. Um novo tipo de povoamento estabelecia-se com a pecuária, ocupando extensas áreas do território goiano.

A historiografia goiana atesta, em todo o conjunto de suas produções, que foi por meio da pecuária que se procurou manter ativo o sistema de produção mercantil, abastecendo de gado os mercados do Centro-Sul e Norte - Nordeste do país. Da crise da mineração ao início do século XX, o setor agrário e o erário público teriam sobrevivido das rendas advindas da pecuária (CHAUL, 2002, p. 92).

As extensas áreas planas, as veredas repletas de buritizais, o cerrado com suas árvores e arbustos retorcidos e revestidos por uma cortiça grossa, foram ocupadas pelo gado. A pecuária extensiva ganhou espaço numa área até então desconhecida, no entanto, dando suporte e mantendo o comércio com outras regiões.

As fazendas foram marcando a ocupação das terras.

As habitações rurais no Brasil [...] se dividiam em dois tipos: fazendas e sítios. A distinção se baseava na importância e no tamanho, mas ambas eram igualmente simples, tanto na construção como no mobiliário, sem ornamentação alguma nas paredes lisas. A fazenda tinha na frente uma sala, lugar de recepção de visitantes, em cuja mesa, com bancos ou tamboretas, eram servidas as refeições. As janelas, sem vidros, mantinham-se abertas durante o dia e eram fechadas à noite com aldravas, espécie de tranca de metal com que se fecham portas e janelas. Nas fazendas mais importantes, a frente era ocupada por uma varanda: um espaço coberto por uma prolongação do telhado, sustentado por colunas de madeira, como por exemplo o Casarão. A cozinha e os quartos do interior eram reservados às mulheres, que nunca se mostravam em público, segregadas num verdadeiro “gineceu” (parte da

habitação grega destinada às mulheres). Os jardins, sempre situados por trás das casas, são para as mulheres uma fraca compensação de seu cativoiro (BORGES; PALACIN, 1987 *apud* ELIAS, 1994, p. 71-72).

Os autores comentam sobre a planta da casa:

A circulação interna não evita a passagem através dos quartos. Na história da habitação, não é algo insólito senão que reproduz o tipo normal-mesmo nas grandes residências e palácios – até a época contemporânea. O gosto pela privacidade é uma inovação do século XIX, consequência na habitação do estilo burguês de vida: e individualmente se traduz então na busca de um espaço próprio, isolado, indevassável (BORGES; PALACIN, 1987 *apud* ELIAS, 1994, p. 71-72).

Com arquitetura colonial, as casas das fazendas iam pontilhando o espaço de Goiás. No sul do estado, em função de suas características físiogeográficas, dos rios e da proximidade com Minas Gerais e Mato Grosso, as cidades apresentaram formas diferentes das demais áreas do estado.

Dessa realidade que, aos poucos, contornava os horizontes de Goiás, adveio a idéia fixa do gado como redentor da economia goiana. [...] É preciso ressaltar que, apesar do isolamento de Goiás, a economia regional, em seu todo, buscava uma organização no contexto das leis de mercado, inteirando-se e fazendo parte da lógica e das necessidades da produção nacional. O gado foi, sem dúvida, a moeda goiana capaz de estimular, embora relativamente, a economia regional (CHAUL, 2002, p. 92-96).

Nesse contexto de transição entre uma sociedade mineradora e outra voltada para a pecuária, surge Caldas Novas.

2.2 - A exploração medicinal das águas

Se Caldas Novas entra na história com os exploradores do século XVIII que chegaram à região das Caldas a procura do ouro, é sabido que, já no século XVI, é possível encontrar as primeiras informações sobre suas águas quentes em publicações espanholas.

Registra a história que Bartolomeu Bueno da Silva, o filho de Anhangüera, em 1722, enquanto tentava achar ouro, descobriu às águas quentes que jorram na base da Serra de Caldas, na vertente ocidental, formando um rio de águas transparentes, *encachoeirado* e de frondosas árvores que se alinhavam no sopé da serra. Ali, em suas margens fizeram o assentamento e deram o nome de Caldas Velhas (TEIXEIRA NETO et. al., 1986) ao local que, atualmente, abriga a Pousada do Rio Quente.

Segundo Elias (1994):

Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722, descobriu as fontes principais de Rio Quente, mas não encontrando grandes riquezas em ouro seguiu para outros locais para fundar as primeiras povoações do Estado de Goiás, como o arraial de Santana, hoje cidade de Goiás. (ELIAS, 1994, p. 40).

Esse local era habitado pelos índios Guaiás, da tribo Tupi, habitantes da região de Caldas, dizimados por doenças trazidas pelo homem branco e pela escravidão⁵.

O governo português, ávido por riquezas minerais, procurou resguardar as águas termais de Caldas Novas para futuras explorações.

⁵ Elias (1994, p. 40) informa que, “até recentemente existiam em Caldas Novas os últimos descendentes dessas tribos, conhecidos por pertencerem à família ‘Quirino’”.

Entretanto, em 1777, Martinho Coelho de Siqueira, um bandeirante paulista, procedente de Santa Luzia, atual Luziânia, chega à região conhecida como Caldas de Santa Cruz, essa cidade, uma das mais antigas, está localizada a 69 km da atual Caldas Novas.

Os cães de Martinho Coelho de Siqueira se escaldaram nas águas da Lagoa de Pirapitinga, “um lago de cento e oitenta palmos de comprimento por vinte de largo, cuja temperatura chega à da água fervendo” (CORREA NETTO, 1918, *apud* TEIXEIRA NETO et. al., 1986, p. 17).

A figura 02 ilustra o descobrimento da lagoa de Pirapitinga. A cena foi registrada em pintura a óleo de Félix Emílio Taunay. Há notícias de que, em um catálogo da Exposição de Pintura de 1862, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, o referido pintor faz referências a este descobrimento.



Figura 02 - Monumento que retrata o descobrimento da lagoa de Pirapitinga, Caldas Novas (GO), 2003. Fonte: GUIMARÃES, S., 2003.

Após o ocorrido, Martinho Coelho de Siqueira construiu sua casa, em terras onde atualmente situa-se o Serviço Social do Comércio (SESC)⁶. A casa permanece no mesmo local e guarda ainda feições de uma época, embora tenha passado por algumas reformas. No dizer de Albuquerque (1996) a casa de Martinho Coelho, onde residiu, foi a primeira casa a ser construída na incipiente Caldas Novas (Figura 03).



Figura 03 - Casa de Martinho Coelho, Caldas Novas (GO), 2004. Fonte: BORGES, O. M., 2004.

Elias (1994) afirma:

Martinho Coelho de Siqueira é considerado o descobridor dessas terras, que hoje pertencem ao município de Caldas Novas. Alguns, como o historiador Oscar Santos, o consideram também o fundador da cidade, pois ele não apenas a região descobriu, como também nela se estabeleceu, construindo ali a primeira morada. (ELIAS, 1994, p. 41).

Esse bandeirante à procura de ouro e de pedras preciosas, ao encontrar as águas termais da Lagoa de Pirapitinga, viu nelas “um potencial de aproveitamento econômico e resolveu se fixar na região” (ALBUQUERQUE, 1996, p. 26). Resolveu, por conseguinte, estabelecer-se no

⁶ Acha-se aberta ao público com exposição e venda de objetos do artesanato local.

lugar onde, posteriormente, constituiu-se o município de Caldas Novas, vendo aí o despertar de uma próspera estância hidrotermal.

Martinho Coelho e seu filho Antônio, proprietários do garimpo, mandaram construir banheiras de lajes de pedra com bicas de madeira nas proximidades do córrego das Lavras e resolveram cobrar daqueles que as utilizassem.

Todavia, outro fator contribuiu para que Martinho Coelho de Siqueira fixasse residência ali: o ouro era farto às margens do Córrego das Caldas, na época denominado Córrego das Lavras. As minas de ouro multiplicavam-se. Apossando-se de uma gleba de terra de cerca de 40km², tomou posse das terras na margem esquerda do córrego Caldas e toda a terra da margem direita acima das nascentes.

O bandeirante construiu o Sítio das Caldas e, em seguida, requereu a sesmaria das terras, legalizando suas propriedades. Durante duas décadas, Martinho Coelho de Siqueira trabalhou na mineração do ouro, com a ajuda de escravos e do filho Antônio Coelho de Siqueira até as reservas auríferas se exaurirem⁷.

Logo a notícia da existência de ouro e do valor medicinal das águas se espalhou, atraindo centenas de mineiros⁸ e de doentes, que construíram barracos às margens do Córrego das Lavras.

⁷ Elias (1994, p. 44) comenta que “em 1848, após a morte de Antônio Coelho, seus herdeiros venderam suas propriedades a Domingos José Ribeiro”.

⁸ Há ainda, no espaço urbano de Caldas Novas, as marcas deixadas por aqueles garimpeiros. No Bairro Bandeirante da atual cidade de Caldas Novas, segundo Elias (1994, p. 41-42), “foi aproveitada uma grande escavação na encosta do morro para a construção do empreendimento Pousada Termas das Pirâmides”, em um local conhecido como “lavras do tenente Coelho”, por ser um garimpo de propriedade de Antônio Coelho.

Martinho Coelho e seu filho Antônio construíram banheiras de lajes de pedras com bicas de madeira para facilitar o uso das águas termais pelos inúmeros freqüentadores que buscavam o local, o que reforça a idéia de que as águas termais já eram vistas como “um potencial de aproveitamento econômico”, nos termos de Albuquerque (1996, p. 26), e a base de um turismo terapêutico.

Cada vez mais, pessoas portadoras de doenças contagiosas, na procura por banhos medicinais passaram a residir em ranchos ao longo do Ribeirão das Lavras. Os moradores do povoado procuraram se afastar da estância, receosos do contágio de alguma doença, o que levou o proprietário a colocar fogo nos ranchos e a proibir a permanência de doentes no arraial (TEIXEIRA NETO, et. al., 1986).

Entretanto, a fama das águas quentes espalhou-se ainda mais, atraindo inclusive o capitão-geral da província de Goiás, o governador Fernando Delgado de Castilho. Este, para tratar de doença reumática, deslocou-se de Vila Boa até Caldas Novas, percorrendo cerca de 400 km em liteira, carregada por escravos, a fim de se tratar. Foi recebido por Antônio Coelho, que, para ele, mandou construir uma banheira especial.

O governador, tendo sua doença curada, autorizou a propaganda oficial das águas termais. Em função de seu renome, em 1819, o naturalista francês August Saint Hilaire, financiado por D. João VI, estuda as propriedades das águas quentes. É o primeiro estrangeiro a pisar nesta região.

Os relatos de cura pelo uso das águas termais são freqüentes. Pessoas portadoras de doenças de pele, afecções articulares viram-se curadas por terem se banhado ou por terem ingerido essas águas.

Com isso, o arraial cresce. Caldas Novas já tinha, em 1842, cerca de 200 habitantes. Em 1840, Luiz Gonzaga de Menezes chega à região das Caldas, tornando-se político influente da Província de Goiás. Adquiriu terras no local denominado Quilombo, a quinze quilômetros das termas, onde havia construções de casas, geralmente de sapé, que abrigavam doentes ou tropeiros que por lá passavam com destino à cidade de Goiás (TEIXEIRA NETO et. al., 1986).

Gonzaga de Menezes era homem sensível aos destinos daquela gente. Comovido com sua situação de miséria, ele associa-se a Domingos José Ribeiro para estimular e convencer os moradores da necessidade de ocuparem um outro sítio, transferindo o arraial. Domingos José Ribeiro, a pedido de Luis Gonzaga, doou, então, terras para formar o patrimônio e erigir uma capela.

No final do século XIX, a estrutura urbana era influenciada pela doação de glebas de terra para a igreja ou santo, dando início a um núcleo inicial de um povoado. É o que se denominava patrimônio.

Quanto à forma do ato de fundação dos aglomerados era muito comum, no período colonial, o chamado patrimônio: um fazendeiro ou um grupo deles, oferecia terra a uma igreja ou santo, nas quais se iria organizar o núcleo inicial do novo aglomerado. Os fazendeiros vizinhos poderiam aí ocupar lotes, mediante o pagamento de *fôro* em dinheiro, destinado às obras urbanas. Este processo pelo qual surgem localidades de interesse dos grandes fazendeiros, prossegue até os dias de hoje, com a diferença que agora são patrimônios leigos, não ofertados a santos ou igrejas, mas loteados de parte da propriedade. Os patrimônios de doação a santos foram comuns até os fins do século passado. (GEIGER, 1963, p. 77).

Em 1849, iniciam-se os trabalhos de demarcação dos terrenos e da praça para o estabelecimento do Arraial das Caldas Novas, o que foi

firmado com a escritura lavrada em 27 de janeiro de 1850 (ELIAS, 1994). Naquele ano, foi construída por Luis Gonzaga de Menezes a Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro, que, em 1888, passa a se chamar Nossa Senhora das Dores, atual padroeira da cidade. A igreja, de arquitetura colonial, possuía duas torres e reflete um complexo jogo social, marcado por práticas de caráter hierárquico e segregacionista. (Figura 04).



Figura 04: Igreja antiga, com duas torres, Caldas Novas. Fonte: ALBUQUERQUE, C., 1996.

Com a transferência dos habitantes do povoado de Quilombo para o novo local, inicia-se um movimento para a criação do distrito, o que ocorreu em 1851, “pelo Conselho Municipal de Santa Cruz, a quem pertencia o então povoado de Caldas Novas” (TEIXEIRA NETO et. al., 1986, p. 15).

O arraial foi ganhando, assim, novos espaços. A igreja, a casa paroquial, as ruas e outras edificações imprimiram as marcas de um tempo e de um espaço construído, as formas e conteúdo de uma época.

Cândido Gonzaga, filho do Coronel Luis Gonzaga, empenhado por novas conquistas para o distrito de Caldas Novas, consegue desligá-lo da Comarca de Santa Cruz, transferindo-a para a jurisdição de Vila Bela de Morrinhos (ELIAS, 1994).

Muitas famílias adquiriram propriedades e se estabeleceram na região, cultivando a terra e desenvolvendo a criação de gado. Fazendeiros de Minas Gerais e de São Paulo que se estabeleceram nessas paragens tiveram importante papel na construção e ocupação do espaço urbano de Caldas Novas.

De fato, embora fosse lugar isolado no interior da Província Goiana, muitas pessoas dirigiam-se, a cavalo, para lá, para se banharem nas águas quentes. Albuquerque (1996) comenta que os poderes curativos das águas termais, propagadas pela Província goiana, atraíram pessoas que sofriam de lepra e outras doenças cutâneas.

Caldas Novas, em função de seu isolamento dos grandes centros, desenvolvia uma economia auto-suficiente, com a população se organizando para obter os produtos necessários à sobrevivência.

As famílias que viviam na zona rural, tornaram-se auto-suficientes em alimentação (grãos, frutas, leite, ovos, carnes, verduras); vestuário (plantavam algodão, fiavam, teciam e confeccionavam as próprias roupas); energia (lenha, óleo para as lamparinas); remédios obtidos de plantas e animais locais; produziam açúcar, aguardente, rapadura, móveis e utensílios para cozinha. Só dependiam do sal, ferramentas, pregos, metais e outras coisas que eram impossíveis de serem produzidos localmente (ALBUQUERQUE, 1998, p. 51).

Em função dessa necessidade de auto-suficiência, as fazendas espalharam-se pela localidade. Uma delas foi construída por Cândido Gonzaga de Menezes, entre 1873 e 1878, e retrata a arquitetura colonial da época. Trata-se da “Fazenda do Pedrão”, considerada a mais antiga propriedade rural da região (ELIAS, 1994).

Até 1911, o lugarejo foi subordinado a Morrinhos. Mas, já em 1908, sob a liderança do coronel Bento de Godoy, de Orcalino Santos, Juca de Godoy, Victor Ala, Josino Brettas, Orlando Rodrigues da Cunha e outros, inicia-se um movimento político que culmina com a emancipação de Caldas Novas.

Essas lideranças chegaram à pequena vila a partir de 1900. À medida que os habitantes influentes de Caldas Novas foram construindo a história do lugar, define-se a organização espacial de uma promissora cidade turística, o que mostra, como afirma Santos (1972), que o espaço construído apresenta uma história seletiva.

Em 1911, por ordem de presidente do Estado, Urbano Gouveia, Bento de Godoy foi nomeado presidente da primeira intendência - designação que, no princípio do século XX, se dava aos chefes do poder executivo municipal - instalada em 21 de outubro daquele ano, data em que se comemora o aniversário de Caldas Novas.

Segundo Elias (1994, p. 46) “este [Urbano Gouveia] nomeou em 21 de setembro do mesmo ano uma Intendência para instalar o recém criado município”. No entanto, comemora-se o aniversário da cidade no dia 21 de outubro, porque nesse dia, instalou-se o município em uma sessão solene em antigo casarão na Praça da Matriz com os habitantes da cidade.

Com a criação do Município de Caldas Novas, sua sede foi elevada à categoria de Vila. Durante a administração Bento de Godoy (1911 a 1915), o desenvolvimento de Caldas Novas tomou um novo impulso. Com os conselheiros municipais, ele empenhou-se na construção da história de Caldas

Novas como cidade das águas quentes, não se medindo esforços para dotar o município de elementos para alcançar o progresso almejado.

O governo da cidade no início do século XX ficou a cargo de uma Intendência composta por homens influentes e que tinham um projeto de desenvolvimento para Caldas Novas. Esses homens foram, segundo Elias (1994, p. 46) “Bento de Godoy, como presidente, Aristίδes Cícero de Oliveira, João Pires da Costa, Josino Ferreira Brettas, Modesto Pires do Oriente, Pedro Branco de Souza e Joaquim Gonzaga de Menezes.”

Em 1915, são realizadas as primeiras eleições municipais, sendo eleito o coronel Orcalino Santos. Através de subscrição popular, é adquirido um casarão no largo da Matriz para abrigar os poderes executivo e legislativo⁹.

É interessante pensar que, já naquela época, o poder político procura envolver a população nos destinos da cidade, mesmo sendo através de auxílio financeiro para o estabelecimento desses poderes.

Nesse momento, conforme afirma Elias (1994), a cidade era marcada por uma arquitetura colonial, casas de pau-a-pique, revestidas com reboco de areia e esterco, ruas sem nome e uma frágil iluminação com a utilização de candeias, velas e lamparinas.

Em 1918, o médico Orozimbo Corrêa Neto, a pedido do senador Olegário Pinto, realizara estudos sobre as águas termais, suas qualidades terapêuticas, o que resultou na obra “Águas Termais de Caldas

⁹ Mais tarde este prédio foi demolido e, em seu lugar, em 1960, foi construído o Cine-Teatro Caldas Novas e, atualmente, abriga o supermercado Super 10.

Novas”. O livro teve grande repercussão, o que atraiu a atenção dos grandes centros do país, que, em seus jornais, passaram a tratar Caldas Novas como um futuro e importante centro turístico (ELIAS, 1994).

Em seu livro, Corrêa Neto (1918) destaca Caldas Novas como:

[...] futura cidade de águas capaz de rivalizar em opulência com as mais famosas do estrangeiro e repercutir como digna da cultura de um povo civilizado, Caldas Novas é comparável àquelas localidades que, no velho mundo, e na América do Norte, gozam de todos os benefícios de uma administração vigilante, encarregada de zelar, com amor, pelos tesouros inigualáveis da natureza (BRASIL, 1982, p. 58).

Esse médico contribuiu com os estudos realizados sobre as águas quentes. Na pequena cidade goiana, vislumbrou a importância de uma estação termal. Dizia ele,

É mister que não esqueçam os poderes públicos goianos a grandeza da indústria hidromineral e termal que, bem desenvolvida e sabiamente explorada, constitui um fator importantíssimo da fortuna pública e, em Goiás deve ser um patriótico programa de governo. O governo goiano teria já antecipado os votos da posteridade na estima de toda a Nação, se tivesse lembrado de erguer em Caldas Novas uma Estação Termal modelo para o benefício dos doentes da Pátria Brasileira (BRASIL, 1982, p. 58).

Este médico comprovou o valor terapêutico das águas termais de Caldas Novas.

Entre os casos notáveis de curas operadas com o uso das águas termais de Caldas Novas, nenhum é mais eloqüente do que o caso de Rodrigues de Queiroz, que deu causa a que ficasse conhecido um antiqüíssimo banheiro pelo nome de “Poço do Valeriano”. Na minha visita a Caldas Novas tive ocasião de conversar com esse indivíduo e consegui tirar-lhe a fotografia, que em projeção luminosa pude apresentar ao público em uma Conferência realizada sobre Caldas Novas, em Araguari – MG. (BRASIL, 1982, p. 60).

Em 1923, na administração de Juca de Godoy, Caldas Novas é elevada à categoria de cidade. Isso revela a importância que as águas termais já assumem neste momento (CATELAN, 1991, p. 60).

As porções desse território foram ocupadas de maneira desigual. O espaço urbano caracteriza-se, desde os primórdios pela heterogeneidade, tanto nos níveis de vida, quantos nos credos e na cultura. Imigrantes foram se estabelecendo na pequena vila e a mesma começa a apresentar “ares” de cidade.

A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas”, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita (SANTOS, 1979, p. 14).

Se “o uso do espaço remete às profundas marcas que o homem imprime à natureza” (DAMIANI, 1999, p. 49), a administração do Coronel Bento de Godoy marca-se pela construção da ponte sobre o rio Corumbá, que dá a Caldas Novas novo impulso para o desenvolvimento.

2.3 - Uma ponte muda os rumos da história

As ferrovias têm papel de destaque no povoamento goiano. De um lado, propiciaram o acesso dos produtos goianos aos mercados do litoral, de outro, favoreceram a ocupação meridional de Goiás. Em 1896, a Estrada de Ferro Mogiana chegou até Araguari (MG) e, em 1913, a transpôs o rio Paranaíba e alcançou a cidade de Ipameri (GO).

“A chegada da ferrovia em Ipameri, em 1913, ligando a Araguari, Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo, permitiu que Goiás escoasse sua produção pecuária” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 51).

O coronel Bento de Godoy, àquela época prefeito de Caldas Novas, acreditava que a construção de uma ponte sobre o rio Corumbá, não só abriria os caminhos para o sul de Goiás, mas colocaria Caldas Novas na rota do desenvolvimento. A construção da ponte era um sonho que modificaria o destino da região.

“A ponte São Bento iniciada em 1918 foi construída pelo coronel Bento de Godoy, que contratou para esse serviço o armador francês Joseph Jory e foi supervisionada durante a sua construção por Juca de Godoy” (ELIAS, 1994, p. 73-74). Essa ponte constituiu-se em elo de ligação com outros estados.

Com chegada da ferrovia a Ipameri, a ponte possibilitou a abertura de uma estrada de rodagem ligando Caldas Novas àquela cidade. Em 1913, com a posse do governador Olegário Pinto, começa a delinear-se essa estrada de rodagem:

[Ele] adquiriu duas diligências para serem colocadas numa linha de Caldas Novas a Ipameri: uma até o rio Corumbá e a outra, da margem oposta até Ipameri. Finalmente, 1918, o coronel Bento conseguiu do presidente João Alves de Castro a concessão para a exploração dos serviços da ponte. Em troca do pedágio, Bento de Godoy arcou com os duzentos e oitenta contos de réis que a ponte custou. (SE LIGA NO FUTURO, 2004, p. 17)

José Theófilo de Godoy, mais conhecido como Juca de Godoy, mineiro de Bagagem, atual município de Estrela do Sul, presenciou o

assentamento dos trilhos da ferrovia em Araguari (MG). Sobrinho do coronel Bento de Godoy, ele foi para Caldas Novas aos 22 anos, em 1906¹⁰.

Para construir a ponte sobre o Rio Corumbá, Juca de Godoy, que era engenheiro, se fez presente. “Os cálculos preliminares, o levantamento topográfico, bem como o projeto, foram sugeridos por Juca de Godoy” (SE LIGA NO FUTURO, 2004, p. 19). O engenheiro francês encarregado da obra confirmou todos os cálculos feitos pelo sobrinho do coronel Bento.

A ponte pênsil São Bento, com 200 metros de extensão foi inaugurada em 31 de janeiro de 1920. O cimento “portland” utilizado, bem como o ferro das estruturas e os cabos de sustentação, vieram da Inglaterra. Quase todos os operários vieram de fora, já que não havia mão de obra qualificada na região. Todo o transporte de material ainda foi feito em carros de boi. Além disso, o coronel teve que adquirir as terras nas duas margens do rio, pertencentes ao barqueiro Romano, que tinha o direito de passagem. Na inauguração da ponte, foram montados ranchos para o churrasco, com direito a banda de música e foguetes. A madrinha da ponte foi a filha do coronel Bento e mulher de José Gumercindo Márquez Otero, Maria Aparecida. E o coronel ainda reservou uma surpresa para os convidados. Depois da bênção e inauguração solene, ele fez uma pequena boiada de 40 cabeças atravessar livremente a ponte como demonstração de solidez. Gradualmente, a ponte foi dotada de todos os recursos possíveis: casa de administrador, curral, rego d'água e ranchos para tropeiros, carreiros e boiadeiros. As diligências funcionavam perfeitamente. Até uma linha telefônica foi instalada na ponte. Um ano depois era inaugurada a estrada até Ipameri. (SE LIGA NO FUTURO, 2004, p. 18)

A construção da ponte foi um marco histórico determinante para o desenvolvimento da região (Figura 05). No lugar dos carros de boi e da difícil passagem pelo rio, principalmente nos períodos chuvosos, deu-se a

¹⁰ Trabalhou como caixeiro da loja de seu tio, fotógrafo amador, operador de máquina de cinema, farmacêutico prático, auxiliar de gerente de hotel, poeta. Excelente orador, cronista, contista e jornalista, ele foi serventuário da Justiça, com tabelionato, prefeito (o terceiro) e vereador em diversas legislaturas (SE LIGA NO FUTURO, 2004).

interligação com outros estados através de uma rodovia e de uma ponte. Formou-se, desse modo, um corredor de mão dupla que possibilitou o comércio dos produtos da região. Esses fatos também influenciaram no fluxo de turistas para Caldas Novas para tratamento de saúde.



Figura 05 - Ponte sobre o rio Corumbá, construída na gestão de Bento de Godoy. Fonte: SE LIGA NO FUTURO, 2004.

Além da participação na construção da ponte, Juca de Godoy teve presença marcante em vários momentos da história de Caldas Novas. Segundo Elias (1994, p. 54), ele “fez o levantamento topográfico e a planta da cidade quando a pequena vila de Caldas Novas, ainda conservava as características rurais da época” e, na zona rural, “dividiu e mapeou todas as fazendas do município”.

Com a atuação de Juca de Godoy, ruas e avenidas se alargaram, praças foram desenhadas e o aspecto urbanístico da cidade melhorado.

No tempo do arraial, com o movimento de tropas de boiadas e comitivas, uma barca deslizava sobre as águas do rio Corumbá, entre Corumbaíba e Caldas Novas. O porto denominado “Limoeiro” era já bastante movimentado. Caldas Novas se expandia, tendo uma população crescente. A espacialidade do município transformou-se em função da exploração turística das águas quentes.

No próximo capítulo, analisa-se a produção e reprodução do espaço urbano de Caldas Novas e a influência do turismo de águas quentes nesse processo.

3 - CALDAS NOVAS: economia e sociedade

O presente capítulo busca no passado, em especial no século XX, as bases constitutivas da sociedade caldasnovense atual. Discorre-se sobre a permanência do rural em um município, cuja população urbana aumenta em altas e crescentes taxas.

3.1 - O peso das atividades agropastoris em Caldas Novas

Em Goiás, após o desaparecimento do ouro como empresa pré- capitalista, a maioria dos mineiros que ali permanecem vai dedicar-se a uma agricultura de subsistência e à criação de gado.

Goiás entrava no chamado ciclo do gado, com declínio da dinâmica econômica anterior. Na impossibilidade de importar, como antes, as mercadorias do litoral, o homem encontrou no boi e na agricultura familiar a sua subsistência (OLIVEIRA; DUARTE, 2004, p. 125).

Na década de 1920, a criação de gado emerge como o setor mais dinâmico da economia, por ser o gado em pé produto de fácil exportação. Entre 1920-1929, o gado vivo significou quase a metade de todas as exportações e 27,69% da arrecadação total do Estado (PMCN, 2005).

O cenário permanece o mesmo na década de 1950.

Da população economicamente ativa, 83,69% estavam ocupados em 1950 no "setor primário", em sistema de trabalho rudimentar: 4,17% no "setor secundário", e ainda incipiente: e 12,14% no "setor terciário". A indústria continua sendo de pouca expressão em Goiás para a formação de riqueza e oferecimento de empregos: sua participação na renda estadual

é quatro vezes menor que a média nacional. A agricultura e a pecuária, representam, 57% e 40% respectivamente do setor primário. A agro-pecuária concentra 69% da mão-de-obra total. A agricultura do Estado se baseia em três produtos principais: arroz, milho e feijão (INGEO, 2005, p.1).

Na década de 1970, este quadro altera-se radicalmente.

No Estado de Goiás, o desenvolvimento da agropecuária, principalmente a partir da década de 70, causou significativa mudança na forma de ocupação territorial de sua área e, em consequência, na gestão de sua biodiversidade. [...] Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Censo Agropecuário, 1997) –, 2.174,85 mil hectares são ocupados com lavouras temporárias ou permanentes, representando 6,36% do estado; as pastagens ocupam 19.404,69 mil hectares ou 56,74% do estado, sendo 15,02% de pastagens naturais; as matas naturais ocupam 3.774,65 mil hectares ou 11,04% do estado (OLIVEIRA; DUARTE, 2004, p. 106).

Nesse momento, “o modelo do agronegócio adotado, com ações articuladas em vários pontos de diferentes cadeias de produtos, contrapõe-se à perpetuação do modelo anterior herdado do período colonial”. São introduzidos, na dinâmica agropastoril, “setores a montante e a jusante do setor agropecuário”, orientados “por interesses de grupos voltados para o aumento e a diversificação da produção agropecuária e sua transformação industrial” (OLIVEIRA; DUARTE, 2004, p. 131).

Albuquerque (1998, p. 53) lembra que “o grande estimulador da ocupação acelerada do cerrado na região Centro Oeste foi a cultura da soja, que alcançou altos preços no mercado internacional”. O cerrado foi perdendo, dessa forma, as suas características originais, dando lugar às pastagens e aos cultivos. Máquinas transitam de um lugar para outro, revolvendo a terra, adubando e irrigando.

A infra-estrutura necessária aos novos investimentos avolumou-se com os projetos de “integração do território

nacional”, após os anos 1950, com destaque para a construção de Brasília (1960) e a construção das rodovias que direcionaram a mobilidade do capital e do trabalho no território brasileiro, alterando profundamente as regiões na sua forma e no seu conteúdo. [...] A partir da década de 1960, inicia-se um processo de alteração no uso e na forma de ocupação dos solos no Centro-Oeste, com a implementação das formas técnicas modernas no cultivo de grãos e na criação de gado. As tradicionais áreas de Cerrado –extensos chapadões com topografia plana, até então pouco utilizados, passam a ser intensamente aproveitados, devido à disponibilidade de capitais (programas governamentais), de recursos técnicos (máquinas), de tecnologia (desenvolvimento de pesquisas científicas) e do apoio na construção de infra-estrutura pelo Estado brasileiro, como forma de viabilizar os interesses do capital privado nacional e transnacional (MENDONÇA; THOMAZ JÚNIOR, 2004, p. 98-99).

Estas pré-condições permitiram que o projeto “Goiás, o celeiro do Brasil” ganhasse impulso no início dos anos 1980. Corroboram e constroem este projeto político megaprogramas de investimento agrícola, o POLOCENTRO e o PRODECER.

O POLOCENTRO foi instituído em 1975, visando à ocupação racional do Cerrado, com modernas técnicas agrícolas. Por interveniência deste Programa, foram implementados eixos rodoviários, redes de energia elétrica, armazéns e toda a infra-estrutura necessária ao desenvolvimento do capital agroindustrial. Incorporou 3 milhões de ha de áreas de cerrado à produção agropecuária, cerca de 1878 projetos com área média em torno de 630 ha (MENDONÇA; THOMAZ JÚNIOR, 2004), o que concentrou, ainda mais, terras e rendas em sua área de atuação.

Quanto ao PRODECER, Mendonça e Thomaz Júnior (2004) assinalam:

Instituído em 1974, objetivava atender a demanda mundial de alimentos (soja) por meio da agricultura moderna. Previa a criação de grandes unidades agrícolas de caráter empresarial. Iniciado em Minas Gerais – Iraí de Minas – alcança o Centro-

Oeste em 1987. Com abrangência mais restrita e seletiva, o PRODECER selecionou produtores jovens e com alto grau de escolaridade, visando assegurar o sucesso das inovações tecnológicas no campo, dando preferência a agricultores sulistas. Segundo a CAMPO – empresa executora do projeto–houve a incorporação de 350 mil hectares de Cerrados, em 21 projetos de colonização, com 758 “produtores assentados”. Os investimentos somaram meio bilhão de dólares, gerando a produção de 620 milhões de toneladas de grãos e receita de 165 milhões de dólares. (MENDONÇA; THOMAZ JUNIOR, 2004 p. 119).

Seguindo a lógica da produção agrícola de *commodities* para exportação, há, em Caldas Novas a preponderância do cultivo da soja e do milho, como demonstra a tabela 1.

Tabela 01 - Caldas Novas: produção agrícola, 2000 – 2001.

Produtos		2000		2001	
		Área (ha.)	Prod. (t)	Área (ha.)	Prod. (t)
1	Arroz irrigado	10	50	10	50
2	Arroz sequeiro	200	320	330	313
3	Coco	0	0	10	160
4	Feijão 3ª safra	0	0	110	264
5	Laranja	230	5658	230	5934
6	Limão	15	150	15	249
7	Manga	54	800	54	1021
8	Melancia	0	0	6	180
9	Milho 1ª safra	4710	30615	5000	32500
10	Milho 2ª safra	0	0	100	100
11	Milho 3ª safra	210	1365	210	1365
12	Soja	8180	24540	9420	23550
13	Sorgo	300	900	110	330

Fonte: IBGE/SEPLAN-GO, 2000.

Em Caldas Novas, a agropecuária exerce relevante papel na economia local. Os produtos consumidos pela rede hoteleira, pelos restaurantes e lanchonetes locais advêm, quase em sua totalidade, dos

hortigranjeiros do município.

Tabela 02 - Caldas Novas: efetivo da pecuária, 1998 – 2002.

Produtos	1998	1990	2000	2001	2002
Aves (cab.)	31.250	32.040	32.640	34.380	37.380
Bovinos (cab.)	77.830	85.050	83.750	84.610	91.373
Prod. de leite (1.000)	23.435	22.869	22.491	19.655	21.302
Prod. de ovos (1.000 dz)	57	62	68	74	75
Suínos (cab.)	7.370	8.400	8.175	7.766	8.400
Vacas Leiteiras (cab.)	16.896	16.940	16.660	15.820	17.320

Fonte: IBGE/SEPLAN-GO, 2004.

A tabela 2 aponta o contínuo crescimento do efetivo bovino do município de Caldas Novas no período compreendido entre 1998 e 2002.

O setor de laticínios destaca-se na economia local e, entre suas empresas, os “Laticínios Serina”, instalados em Caldas Novas em 1976 e pioneiros na região na produção de queijos. Esta empresa ganhou espaço, no comércio local e também em Brasília e São Paulo, pela qualidade de seus produtos.

O Projeto “Se Liga No Futuro” (2004) assinala:

A empresa processa atualmente cerca de dez mil litros de leite por dia, produzindo cerca de 40 toneladas de derivados de leite por mês. Além dos queijos outros produtos como a manteiga, doce de leite, requeijão e o iogurte atendem os mercados mencionados. [...] em parceria com a Só Soja, a Serina deve lançar em breve produtos que levam o extrato de soja, com o objetivo de aumentar seu valor nutricional. (SE LIGA NO FUTURO, 2004, p. 46).

Esta outra indústria, a Só Soja do Brasil, inaugurada no final de 2003, lançou a soja torrada crocante com sabores, que entrou no gosto e no paladar dos goianos e têm conquistado os mercados de Minas Gerais, São

Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas.

De acordo com Pintaui (2002, p. 143), “até o século XIX, de um modo geral, a cidade viveu impregnada pelo campo e suas atividades”. Mas, em Caldas Novas, o campo ainda exerce influência sobre a cidade, seja pela proximidade ou mesmo porque a população local guarda os vínculos com a área agrícola.

A grande característica desse mercado consumidor é a sua demanda por produtos originários do Cerrado. A população urbanizou-se, mas ainda não esqueceu o gosto dos frutos nativos, como pequi (*Caryocar brasiliense*), mangaba (*Hancornia speciosa*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), araticum (*Anona* spp.), ou alimentos como guariroba (*Syagrus* spp.). Prova disso é a culinária goiana, com seu tradicional frango ou arroz com pequi, entre outros. Também esse mercado de produtos nativos pode ser observado nas feiras livres ou nos mercados municipais, onde se encontram muitos produtos à venda, como doce de buriti (*Mauritia* spp.), cajuzinho do campo (*Anacardium* spp.), etc. (OLIVEIRA; DUARTE, 2004, p. 133).

Vale lembrar que se trata, também, de uma demanda dos turistas, que, vindos dos grandes centros urbanos, procuram um contato mais próximo com a natureza. Preferem adquirir produtos do campo, doces caseiros de frutos do cerrado ou dos quintais das fazendas.

Constata-se, como Castrogiovanni (2001, p. 24), que “o movimento histórico é que constrói o espaço, que é uma instância da sociedade, portanto como instância contém e é contida pelas demais instâncias”. Assim, as cidades participam da complexidade que é o espaço geográfico.

Os fluxos de homens e idéias constroem, no decorrer do tempo, espaços que retratam os interesses de uma época. Na

contemporaneidade, ainda que ganhe impulso a idéia de uma Caldas Novas diretamente vinculada aos fluxos do turismo mundial, a cidade continua impregnada de campo, no qual a vida continua a se reproduzir, ainda que de forma subordinada ao espaço.

3.2 - A explosão urbana

Ao longo do século XX, acentuou-se a importância das cidades na dinâmica da sociedade. Segundo Santos (1997, p. 53), “a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se, então, que é a cidade lugar de ebulição permanente”.

É o que ocorre com Caldas Novas a partir de 1980. O turismo incrementou outros setores econômicos. O setor secundário desenvolveu-se com a indústria alimentícia (padarias, fábricas de doces, salgados, conservas, massas, biscoitos, laticínios, torrefadoras de café, bebidas – cachaça, sucos e licores) e com as manufaturas da confecção, de móveis e produtos de limpeza. Neste setor, merece destaque a construção civil, com as “pequenas empresas que fabricam tijolos, cerâmicas, concreto, artefatos de cimento” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 31).

Em relação ao setor terciário, os principais equipamentos e serviços são voltados para o turismo: hospedagens (hotéis, pousadas, acampamentos); serviços de alimentação (restaurantes, bares, lanchonetes) e de entretenimento (praças, clubes, parques); operadoras e agências de viagens, transportadoras turísticas, locadora de imóveis, além do comércio

para turistas (feiras, artesanato), dos bancos, entre outros.

Com crescimento econômico, há notável aumento da população. Em 1991, a população do município de Caldas Novas era de 24.159 habitantes e, no ano de 2000, evolui para 49.660 habitantes (IBGE, 2000), um aumento aproximado de 105,55 % menos de dez anos.

Conforme se observa na tabela 03, em 2000, a população absoluta do município era de 49.660 habitantes. Deste total, 47.308 pessoas residiam no espaço urbano, 95% da população total.

Tabela 03 - Microrregião geográfica de Meia Ponte: população, 2000.

Municípios	População			Frequência (%)	
	Total	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Água Limpa	2.200	1.554	646	71,0	29,0
Aloândia	2.128	1.735	393	82,0	18,0
Bom Jesus de Goiás	16.257	14.746	1.511	91,0	9,0
Buriti Alegre	8.718	7.371	1.347	85,0	15,0
Cachoeira Dourada	8.525	3.940	4.585	46,0	54,0
Caldas Novas	49.660	47.308	2.352	95,0	5,0
Cromínia	3.660	2.717	943	74,0	26,0
Goiatuba	31.130	27.806	3.324	89,0	11,0
Inaciolândia	5.239	4.058	1.181	77,0	23,0
Itumbiara	81.430	77.123	4.307	95,0	5,0
Joviânia	6.904	5.978	926	87,0	13,0
Mairipotaba	2.403	1.488	915	62,0	38,0
Marzagão	1.920	1.661	259	87,0	13,0
Morrinhos	36.990	30.929	6.061	84,0	16,0
Panamá	16.556	13.382	3.174	81,0	19,0
Piracanjuba	23.557	16.177	7.380	69,0	31,0
Pontalina	2.776	1.943	833	70,0	30,0

(continuação)					
Porteirão	2.823	2.436	387	86,0	14,0
Professor Jamil	3.403	2.177	1.226	64,0	36,0
Rio Quente	2.097	1.648	449	79,0	21,0
Vicentinópolis	6.015	4.927	1.088	82,0	18,0

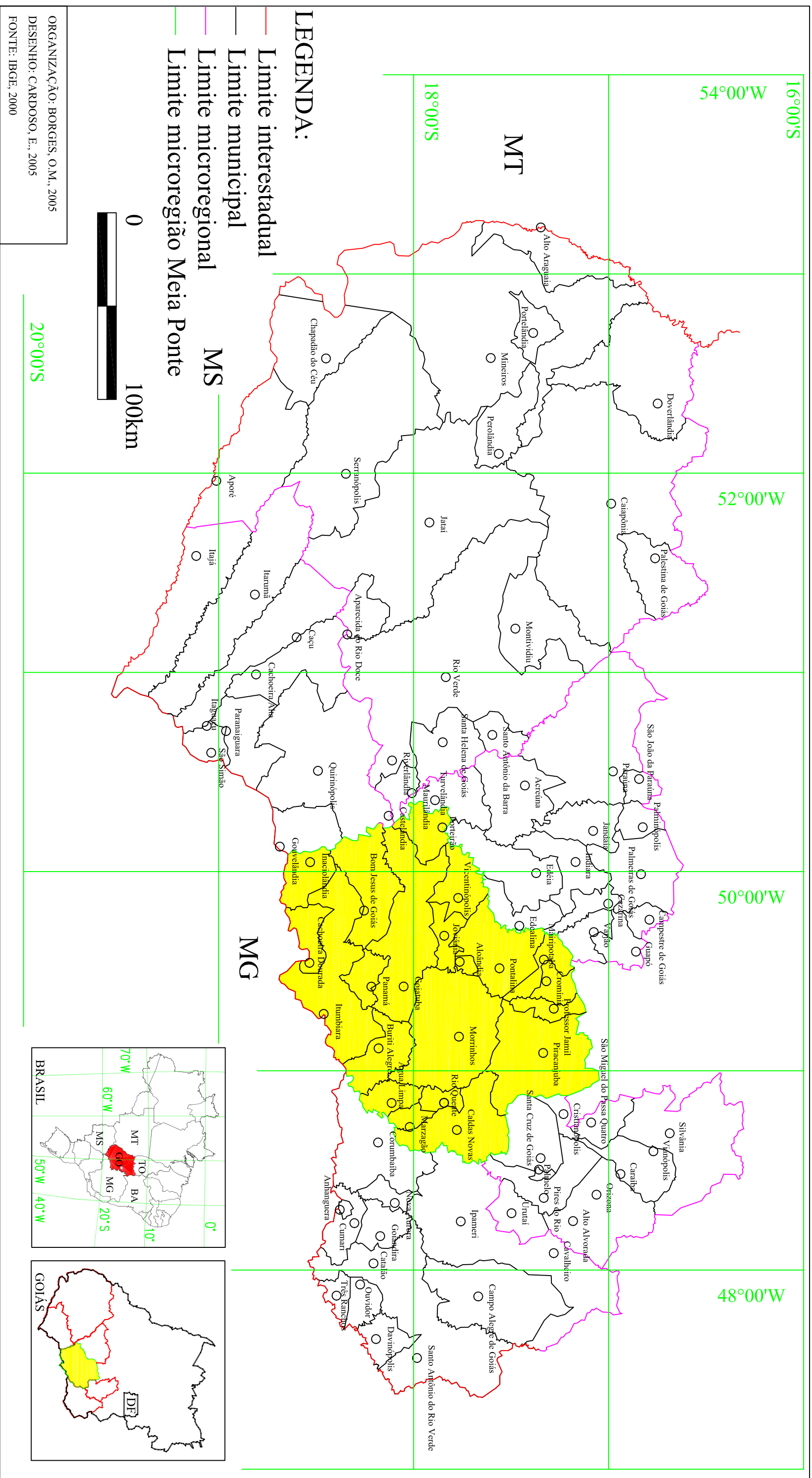
Fonte: IBGE, 2000.

Elaboração: BORGES, O. M., 2005.

A mapa 02 apresenta a localização geográfica e os municípios constituintes da Microrregião de Meia Ponte.

Caldas Novas é o segundo maior mercado imobiliário de Goiás, com aproximadamente 3.000 unidades habitacionais construídas e centenas de outras em construção (IBGE, 2005).

LOCALIZAÇÃO E MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE MEIA PONTE



Mapa 2

Em 2004, de acordo com o IBGE (2005), a população local foi estimada em 62.744 habitantes, o que representa um aumento de mais de 13.000 pessoas (20,9%) em apenas quatro anos (Tabela 04).

Tabela 04 - Microrregião de Meia Ponte: evolução populacional, 2000-2004.

MUNICÍPIOS	População total		Crescimento 2000/2004	
	2000	2004	Absoluto	Relativo (%)
Água Limpa	2.200	2.335	135	5,8
Aloândia	2.128	2.198	70	3,2
Bom Jesus de Goiás	16.257	17.491	1.234	7,0
Buriti Alegre	8.718	8.706	12	0,001
Cachoeira Dourada	8.525	8.537	12	0,14
Caldas Novas	49.660	62.744	13.084	20,9
Cromínia	3.660	3.793	133	3,5
Goiatuba	31.130	31.780	650	2,0
Inaciolândia	5.239	5.384	145	12,7
Itumbiara	81.430	84.947	3.517	4,1
Joviânia	6.904	7.151	247	3,5
Mairipotaba	2.403	2.269	134	0,05
Marzagão	1.920	2.189	269	12,3
Morrinhos	36.990	39.246	2.256	5,8
Panamá	16.556	17.130	574	3,4
Piracanjuba	23.557	24.126	569	2,4
Pontalina	2.776	2.917	141	4,8
Porteirão	2.823	2.934	111	3,9
Professor Jamil	3.403	3.700	297	8,0
Rio Quente	2.097	2.743	650	23,7
Vicentinópolis	6.015	6.415	400	6,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000 e 2004.

Elaboração: BORGES, O. M., 2005.

Tabela 05 - Microrregião de Meia Ponte: população total e densidade demográfica segundo estimativas para o ano de 2004

Municípios	População total (2004)	Área total (km ²)	hab./km ²
Água Limpa	2.335	453	5,2
Aloândia	2.198	102	21,5
Bom Jesus de Goiás	17.491	1.405	12,4
Buriti Alegre	8.706	897	9,7
Cachoeira Dourada	8.537	521	16,4
Caldas Novas	62.744	1590	39,5
Cromínia	3.793	360	10,3
Goiatuba	31.780	2.475	12,8
Inaciolândia	5.384	688	7,9
Itumbiara	84.947	2.461	34,5
Joviânia	7.151	455	15,7
Mairipotaba	2.269	461	5,0
Marzagão	2.189	228	9,6
Morrinhos	39.246	2.846	13,8
Panamá	17.130	1.428	12,0
Piracanjuba	24.126	2.405	10,0
Pontalina	2.917	438	6,7
Porteirão	2.934	604	4,9
Professor Jamil	3.700	347	10,7
Rio Quente	2.743	257	10,7
Vicentinópolis	6.415	737	8,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000; IBGE, estimativa populacional, 2004.

Elaboração: BORGES, O. M., 2005.

Para a microrregião de Meia Ponte, os dados da tabela 3 indicam que, em 2000, o município de Itumbiara contava com uma população absoluta de 81.430 habitantes, da qual 77.123 residiam no espaço urbano, 95% da população total. Em 2004, a população local chegou a 84.947 habitantes, o que representa um aumento de mais de 3.000 pessoas (4,1%)

num período de quatro anos.

A análise comparada das tabelas 3, 4 e 5 e mapa 03, prova que Caldas Novas e Itumbiara são os dois municípios que apresentam maior concentração populacional, maior população urbana e densidade demográfica de 39,5 hab/km² e 34,5 hab/km² respectivamente na Microrregião Geográfica de Meia Ponte.

Em cem (100) entrevistas, realizadas no centro urbano de Caldas Novas, no período de agosto a outubro de 2004 encontramos 68 moradores provenientes de municípios de Goiás e 32 pessoas de outros estados brasileiros. Esses dados indicam que Caldas Novas tem-se comportado como centro receptor de imigrantes.

Os efeitos culturais da migração não são minimizados pelo fato de a maior parte dos atuais moradores de Caldas Novas serem do estado, já que de Goiás apresenta uma grande diversidade de hábitos e costumes regionais. Na diversidade está intrínseca a perspectiva de uma nova história de vida, quer individual, quer coletiva.

Pesquisa de campo de 2004 indica a origem dos alunos de 1^a a 4^a séries da Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz entre os anos 2001 e 2003. Em 2001, 63% das crianças matriculadas nessa escola nasceram em outros estados brasileiros e apenas 23% delas são de Caldas Novas (Figura 06). No ano seguinte, a percentagem de discentes provindos de outros estados eleva-se a 65% (Figura 07).

MICROREGIÃO DE MEIA PONTE / GOIÁS - POPULAÇÃO URBANA, 2000

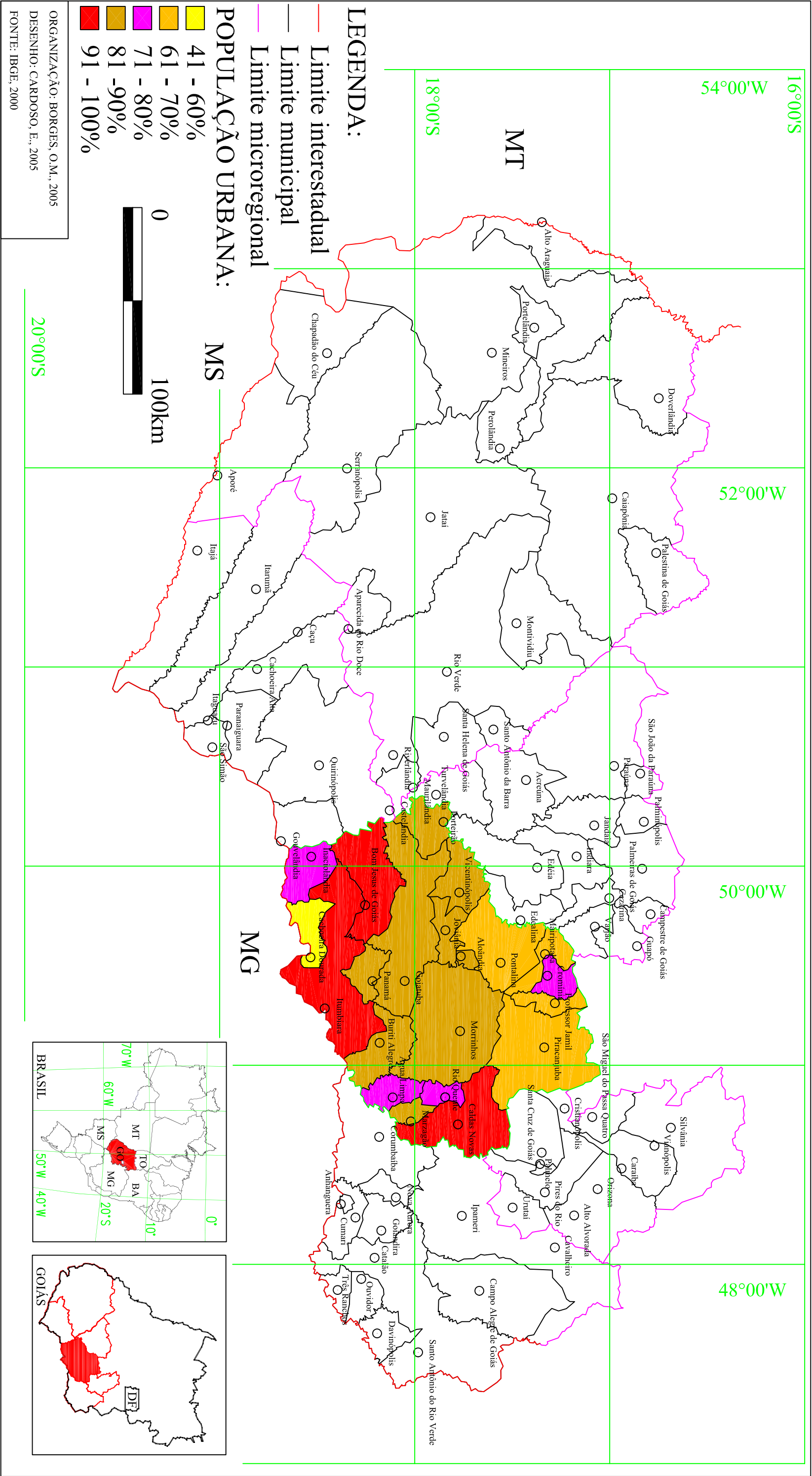
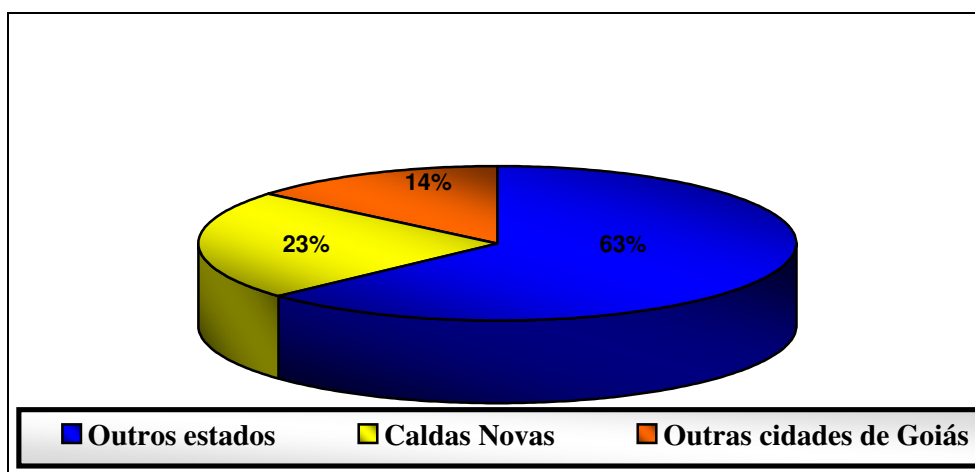
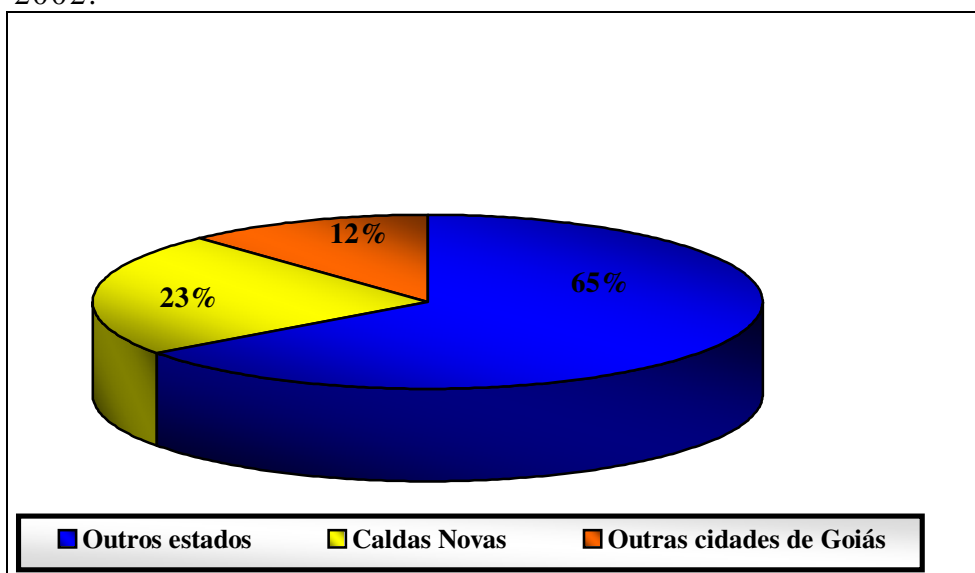


Figura 06- Caldas Novas (GO): naturalidade dos alunos - Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz (1ª a 4ª série) - 2001



Fonte: Pesquisa de campo/2004. Org.: BORGES, O. M., 2005.

Figura 07- Caldas Novas (GO): naturalidade dos alunos - Escola Municipal Felipe Marinho da Cruz (1ª a 4ª série) - 2002.



Fonte: Pesquisa de campo/2004.

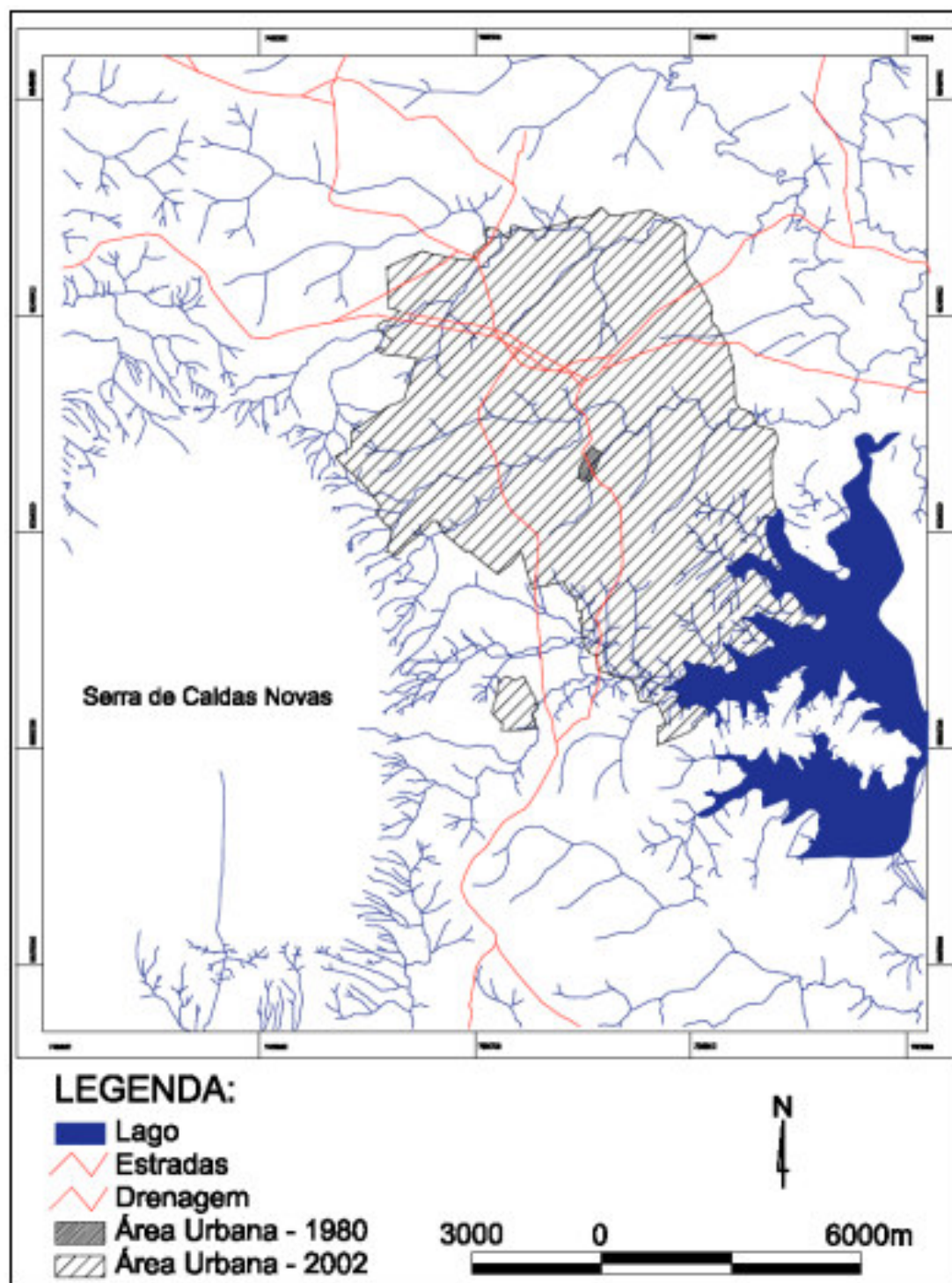
Org.: BORGES, O. M., 2005.

A explosão demográfica urbana promove o surgimento de novos bairros. Estes foram incorporados àquele pequeno núcleo de 1911, quando da criação do município. De acordo com a PMCN (2005), em 2004, a cidade contava com 148 bairros (pesquisa de campo, 2004-2005).

O mapa 04 representa a evolução da malha urbana de Caldas

Novas entre 1980 e 2002. Ela permite verificar que, em 1980, havia um pequeno núcleo urbano, que se expande, em 2002, até atingir os contrafortes do Parque Estadual da Serra de Caldas, a oeste; margear o Lago Corumbá, ao sul e sudeste, e avançar em direção à Lagoa de Pirapitinga, ao norte.

Mapa 04 – Área de expansão urbana de Caldas Novas (GO), 1980 - 2002.



Fonte: COSTA, R., 2005.

As transformações provocadas no espaço urbano denotam que, em Caldas Novas, a demanda é maior que a infra-estrutura existente. Assim, há um crescimento desordenado da cidade, que compromete suas possibilidades de absorver os migrantes e os turistas, no médio e longo prazos.

Coloca-se, nesse cenário, o desafio de se construir uma cidade sócio-econômica e ecologicamente sustentável.

3.3 - Desafios da cidade turística sustentável

As inovações tecnológicas amplificaram o poder do humano sobre a natureza. Conectaram pessoas e locais, mundo afora, mas condenaram ao isolamento populações e territórios à margem da dinâmica do capitalismo global.

Se a tecnologia trouxe infindáveis benefícios, conhecimento e comodidades, faz-se necessário lembrar que os recursos da Mãe Terra são finitos. É a partir desse reconhecimento que se começa a defender um outro modelo de desenvolvimento: o sustentável.

O conceito de desenvolvimento sustentável, conforme Gadotti (2000), foi utilizado pela primeira vez na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979. Esse conceito indicava que o desenvolvimento poderia ser um processo integral, incluindo dimensões culturais, éticas, políticas, sociais, ambientais, e não só econômicas.

Essa concepção vai de encontro ao atual modelo de

desenvolvimento, baseado na sociedade de consumo, na qual os valores sociais são medidos pelo dinheiro.

Gadotti (2000) afirma que o movimento conservacionista surgiu como tentativa dos países ricos de preservar grandes áreas naturais do globo intocadas para o seu lazer e contemplação.

Há que se entender que o próprio conceito de desenvolvimento não é neutro. O uso da expressão países subdesenvolvidos e em desenvolvimento é carregado de ideologia, pois as metas para o desenvolvimento são ditadas pelos países chamados “desenvolvidos”, sem se ater a que cada povo considera desenvolvimento.

As regras impostas, em muitos casos, trouxeram valores éticos e ideais políticos que desestruturaram povos e nações. Portanto, pensar em desenvolvimento sustentável, no contexto da globalização capitalista, é uma contradição que tem gerado relevantes debates, colocando na pauta do dia a possibilidade e desejável conciliação entre o desenvolvimento, a preservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida.

O trabalho humano transforma a natureza em bens úteis à sua vida e quanto mais a sociedade se desenvolve, maiores as transformações no espaço geográfico.

Assim Oliveira (1999), em sua fala na abertura do “V Encontro Nacional de Prática de Ensino”, realizado em Belo Horizonte (MG), ressaltou o quanto deve se considerar e se preocupar com as mudanças, tais como: as variações ambientais, as transformações e os novos ritmos de crescimento, o apogeu e as crises de certas atividades do homem.

Pensando no turismo, constata-se que, até os anos de 1960, seus administradores objetivavam ampliar a demanda, tendo suas atenções concentradas no número de visitantes. A partir desse momento, “começou a tomar força, no mundo todo, a consciência de preservação do meio ambiente” (PETROCCHI, 1998 *apud* IZUWA, 2002, p. 56).

É exatamente nesse contexto que deparamos com as grandes transformações que se verificaram na economia, na política, na tecnologia e nas ciências que, de certa maneira vieram reforçar a importância das atividades de lazer nas sociedades pós-modernas, proporcionando condições para que as viagens se incorporassem, cada vez mais, na vida dos homens e fazendo do turismo a atividade que se apresentou a maior expansão na virada de milênio. Segundo todas as estimativas, a atividade de turismo continuará crescendo, em taxas elevadas, durante as próximas décadas contribuindo, assim, para a criação de novos postos de trabalho e de riqueza (XAVIER, 2002, p. 59).

A população do planeta Terra, de mais de seis bilhões de habitantes, distribui-se em uma realidade de extremos, entre riqueza e pobreza, mesa farta e fome, intelectualidade e analfabetismo. Problemas sociais, como a desnutrição crônica, o trabalho escravo infantil e a discriminação, podem ser tratados pela atividade turística.

Observa-se que a maior comunicação entre os indivíduos aproxima sociedades e culturas, mas reforça as contradições sociais, ao transformar, brutalmente, o tempo e as formas de vivê-lo.

Enquanto a globalização refere-se às mudanças decorrentes dos processos produtivos que ao se realizarem, em seu processo de expansão, derrubam barreiras e fronteiras nacionais ligando, ao mercado, os “lugares do mundo” – através de uma nova divisão espacial do trabalho -; o processo de mundialização se revela e, ganha sentido, enquanto processo de constituição da sociedade urbana (CARLOS, 2004, p. 48).

Xavier (2002, p. 60) afirma que, “dos países ricos, a prática

do turismo expandiu-se pelo planeta, convocando regiões distantes, bem conservadas, dos países periféricos de todo o mundo a entrarem em seu cenário”.

A mundialização é um processo que se realiza no plano do lugar. Para Carlos (1996, p.26), “o lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”.

Dessa forma, iniciativas das próprias sociedades periféricas vêm dando ênfase ao reconhecimento dos benefícios e dos riscos que a atividade turística proporciona.

O *marketing* do turismo tem por veículo a mídia, que mostrando, quase somente, viagens e cenários convidativos ao lazer. O Brasil, com seus contrastes naturais e sociais, possui um rico potencial turístico. No entanto, o país ainda é um mercado inexpressivo em relação ao turismo mundial.

Vale lembrar: o turismo impacta 52 segmentos da economia, empregando desde mão de obra mais qualificada em áreas que se utilizam de alta tecnologia, até a de menor qualificação no emprego formal e informal (IBGE, 2005).

Albuquerque (1998, p. 27) afirma que “Caldas Novas recebe todos os meses gente de quase todos os estados brasileiros”. Essas pessoas buscam um espaço para viver e trabalhar.

Segundo dados de pesquisa do IBGE de 1993, publicados em 1995, da população residente no Centro-Oeste 53% não é

nascida na região, sendo, pois a região que mais atraiu os brasileiros na década de 1990 [...] Essa taxa de atração do Centro-Oeste foi muito maior em Caldas Novas, chegando próximo a 80% (idem, 1996, p. 49).

Além dos migrantes, a cidade precisa atender a rotatividade intensa de turistas. Se, como afirma Lemos (1999, p. 238), “os espaços turísticos são produzidos e recriados num ambiente onde deve ser considerado o turista como um consumidor”, a cidade turística é produzida e vendida como mercadoria.

O turismo vende a imagem do “paraíso”, incitando a curiosidade e o desejo de consumo. “É permitido arriscar a seguinte comparação: é o pensamento mágico que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida quotidiana” (BAUDRILLARD, 1995, p. 21).

Para fugir da monotonia do trabalho, da rua, da casa, consome-se o real por antecipação. Imagens, cores, informações permitem a viagem virtual antes de torná-la real. É o consumo através da ilusão e dos sonhos. A população residente recepciona, às vezes planejando e esperando a alta temporada, para realizar o sonho daqueles que chegam e seus próprios sonhos, a partir da rentabilidade dos serviços.

Caldas Novas atrai investidores de todo o Brasil para a hotelaria, a indústria local de móveis, artesanato, jóias, doces e licores caseiros, inclusive com frutos do cerrado. Os condomínios, *flats* e *aparts*, possuem móveis projetados para atender diversos níveis sociais. Toda a cidade é reconfigurada para atender o turista.

No entanto, o crescimento da cidade exige do poder público

municipal, e mesmo estadual, um planejamento urbano com objetivos claros, que saliente onde se pretende chegar com as ações desse poder e, ainda, destaque a política, ou seja, os caminhos a serem percorridos para a realização desses objetivos.

Em Caldas Novas, o expressivo crescimento populacional gera demanda por infra-estrutura, de modo que “o atendimento às necessidades básicas como o saneamento, saúde, educação, segurança, habitação devem ser prioridades” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 26).

É preciso salientar, no PDU, as ações propostas para o consumo da cidade, a partir de um acordo político com os vários segmentos da sociedade. É preciso compreender que a participação cidadã é imprescindível ao desenvolvimento e à organização da cidade e à conquista de um espaço para todos.

Mas é preciso lembrar que a população residente deve ser respeitada nos seus direitos mais básicos. Com 80% de população migrante, a população original de Caldas Novas convive com rápidas mudanças de hábitos, ritmos de consumo e da maneira de organizar o tempo e o trabalho.

De um núcleo inicial, a cidade foi tomando uma forma espacial, a materialização de tempos diversos. Através dos usos do espaço, pode-se analisar a relação entre a cidade, forma espacial, e a urbanização como processo dinâmico. Na análise dessa relação entre forma e processo, verifica-se que, em Caldas Novas, o crescimento vertiginoso das últimas décadas provocou uma série de transformações no ambiente urbano.

O município expandiu-se de forma fragmentada sem que

houvesse por parte da municipalidade um planejamento adequado para e dos diversos usos do espaço urbano. Acentuou-se a verticalização, dando origem aos condomínios residenciais, que somados aos condomínios horizontais, “fecham a cidade”, criando um mundo à parte.

Cada fração da cidade deve ser analisada em suas especificidades, mas, ao mesmo tempo compreendida em suas relações com outras frações do mesmo espaço urbano, e desses com outros espaços, relações estas estabelecidas por diferentes atores sociais (SPOSITO, 1999, p. 88).

Um complexo conjunto de usos da terra caracteriza a organização espacial da cidade que, à medida que cresce, mesmo fracionada, faz com que suas partes apresentem formas e conteúdos sociais peculiares, e que cada uma delas mantenham contato com o todo, embora com intensidade variável.

Vários agentes interferem no uso e na apropriação do espaço urbano. Conforme Corrêa (1996), há um constante processo de reorganização espacial,

[...] que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. (CORRÊA, 1996, p 31).

O setor imobiliário transforma as várias esferas da produção do espaço e da vida em Caldas Novas. O crescimento urbano desconsidera o futuro. Assim, em uma cidade turística que se apóia no bem água termal, criaram-se loteamentos sem infra-estrutura básica, condomínios sem água tratada e sem esgoto. É mais preocupante ainda, a existência de loteamentos

em locais de recarga do aquífero, como exemplo o Bairro Itaguaí 2 (pesquisa de campo, 2005).

A propriedade privada restringe o acesso à terra a alguns grupos, com a conseqüente segregação dos demais. A diferenciação acentuada na ocupação do solo e na distribuição dos equipamentos urbanos é facultada, não só pelo capital, mas também pelo Estado. Este exerce uma ação direta ou indireta na organização do espaço urbano, interferindo no uso da terra. Além de possuir uma reserva fundiária para usos diversos no futuro, através de leis e normas vinculadas ao uso do solo, o próprio Estado, no seu desempenho como consumidor de espaço, proprietário fundiário e promotor imobiliário, promove as desigualdades e a segregação sócio-espacial.

O solo urbano, concebido como mercadoria, gera renda àqueles que a possuem. A presença ou ausência de bens urbanísticos é um fator a proporcionar variações no seu entorno.

Esse processo implicará, ainda, na diferenciação da qualidade da mercadoria-habitação, que por ser cara e de construção lenta, exclui parte considerável da população de seu acesso. Nos terrenos mais caros e melhor localizados serão construídas as melhores habitações, porém as mais precárias serão produzidas em terrenos pouco valorizados, e geralmente distantes das áreas centrais da cidade. Estrutura-se assim, a segregação social e espacial: os “pobres” na periferia e os “ricos” nas áreas mais agradáveis da cidade (SOARES, 1998, p. 92).

Continua a autora:

A diferenciação de apropriação do espaço da cidade pelas classes sociais se deve ao fato do solo urbano se constituir dentro da economia capitalista, em propriedade privada, portanto, mercadoria, fazendo com que se torne fonte de renda para quem o detém, sejam proprietários de terras ou empresas imobiliárias (idem, ibidem, p. 92).

A mercadoria moradia acha-se vinculada à terra, pois cada novo edifício exige um novo solo, cujo valor baseia-se, em princípio, em sua localização. E, no caso de cidades turísticas, como Caldas Novas, eleva-se acentuadamente.

De acordo com o Projeto Se Liga no Futuro (2004), Caldas Novas é o terceiro parque hoteleiro do país, possuindo 23.052 leitos em seus 93 hotéis, pousadas, pensões, *flats* e vários condomínios residenciais. Anualmente, mais de um milhão de pessoas visitam Caldas Novas, de acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Turismo (pesquisa de Campo, 2004).

Nesse contexto, o turismo (re)organiza Caldas Novas, o que se manifesta no plano do lugar.

O lugar, acima de tudo, não é o particular, perdido do mundo, é o diferente. Nasce do embate com os outros lugares, como totalidade, com a totalidade dos lugares, o mundo. Coloca-se no mundo para ser o lugar. O que rege a existência do lugar, como do cotidiano, é o desenvolvimento desigual (DAMIANI, 2002, p. 169).

No século XXI, o aumento do mundo da mercadoria, pelo emprego do saber e da técnica, pretende homogeneizar o espaço e os seus usos. Entretanto, isso não ocorre posto que a cidade, ao mesmo tempo em que se fragmenta, se conecta, não apenas pelas relações sociais que se estabelecem ao nível do lugar, mas pela própria reprodução do capital e do poder.

O próximo capítulo analisa como capital e poder constroem a mercadoria chamada Caldas Novas e como a cidade é vista pelos que estão dentro e pelo que estão fora (do lugar).

4 - A IMPORTÂNCIA DO TURISMO NA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DE CALDAS NOVAS

A cidade — era assim que a chamávamos — não era mais que meia dúzia de ruas cascalhadas, vermelhas, determinadas por casas humildes onde habitavam pessoas igualmente humildes, além de uns poucos e austeros senhores que jamais imaginávamos em mangas de camisa. Na praça, a única praça, o maior edifício era a igreja, mutilada em uma das torres, presidindo o largo onde, poucos anos antes, um jovem prefeito começara a construir o jardim. Aquele começo de urbanização do único logradouro público de convívio e lazer — início inevitável de dezenas de novas famílias e que se resumia ao quadrado de cimento, postes ornamentais e mudas crescentes de fícus em cada canto — é o cartão-postal que mais evoca a infância na remota e esquecida Caldas Novas das boas imagens. O despertar para o turismo nos anos 20 de mim, ou, se preferirem, a casa do tempo que vai de 1965 a 1975, foi significativo. Amadureceu o homem, transfigurou a cidadela.

Luiz de Aquino, poeta de Caldas Novas.

A história do turismo em Caldas Novas inicia em 1910, ano em que o major Victor Ozeda Alla construiu a primeira casa de banho particular (Figura 08). A casa de madeira possuía duas banheiras com temperaturas diferentes.

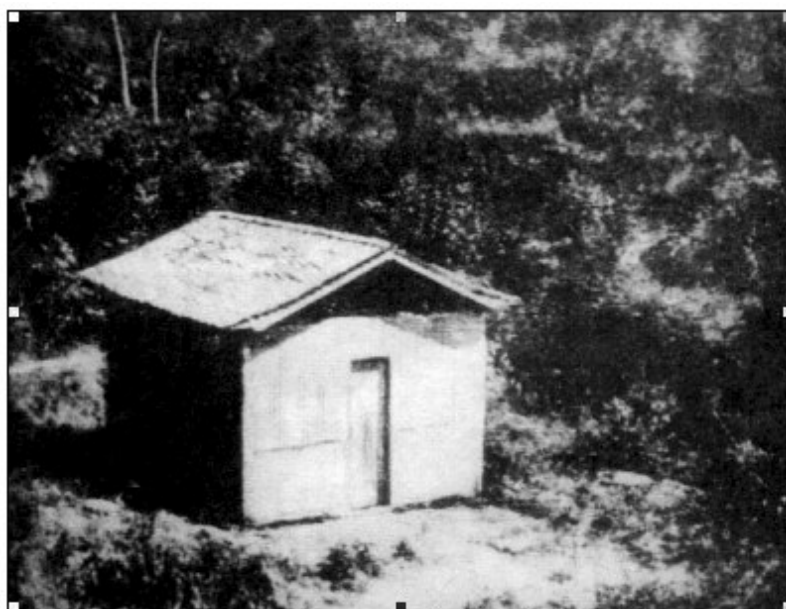


Figura 08 - A primeira casa de banho, Caldas Novas (GO). Fonte: ALBUQUERQUE (1996, p. 29).

Em 1920, o farmacêutico Ciro Palmerston, em sociedade com os herdeiros de Victor Ala, construiu o primeiro balneário público, para atender à procura crescente de pessoas que vinham tratar da saúde (Figura 09). Os visitantes, chamados de "aquáticos" pela população local, costumavam se instalar em pequenos hotéis e pensões e se deslocavam para o balneário para tomar os banhos termais. Esse empreendimento permitiu que Ciro Palmerston se tornasse político influente no lugar, chegando a prefeito de Caldas Novas entre 1930 e 1931.



Figura 09 – Prédio construído no local da primeira casa de banho, Caldas Novas (GO), 2005. Fonte: BORGES, O. M., 2005.

Na década de 1960, começa-se a mudar o foco do turismo de saúde para o de lazer. A partir daí, a infra-estrutura hoteleira cresceu, tornando-se a principal fonte de oferta de trabalho.

A construção da Pousada do Rio Quente teve início nesse momento. Em 1962, Ciro Palmerston Guimarães trocou uma fazenda que possuía no município de Marzagão pelas terras de uma fazenda ao pé da Serra de Caldas.

A figura 10 ilustra a visita de Ciro Palmerston à Serra de Caldas, época em que comprou as terras do local das fontes, com a finalidade de construir ali, um balneário, visando à exploração das águas termais.



Figura 10 - Ciro Palmerston em visita a Serra de Caldas. Fonte: NOGUEIRA, 2002, p. 2.

Conta-se que à época dessa negociação, motivo de muita polêmica, por serem as terras do Dr. Ciro de boa cultura e a outra, no sopé da serra, com minas de águas quentes que não serviam nem para dar de beber aos animais. Porém, destas águas não serviriam os animais, porque o ideal do Dr. Ciro, era construir neste paradisíaco lugar um balneário (NOGUEIRA, 2002, p. 11).

No entanto, aquele homem que viveu em uma época em que se ouvia a cantiga dos carros de boi pelas estradas empoeiradas do interior de Goiás, vislumbrou um empreendimento do porte do Pousada do Rio Quente *Resorts*, o maior complexo turístico de Goiás.

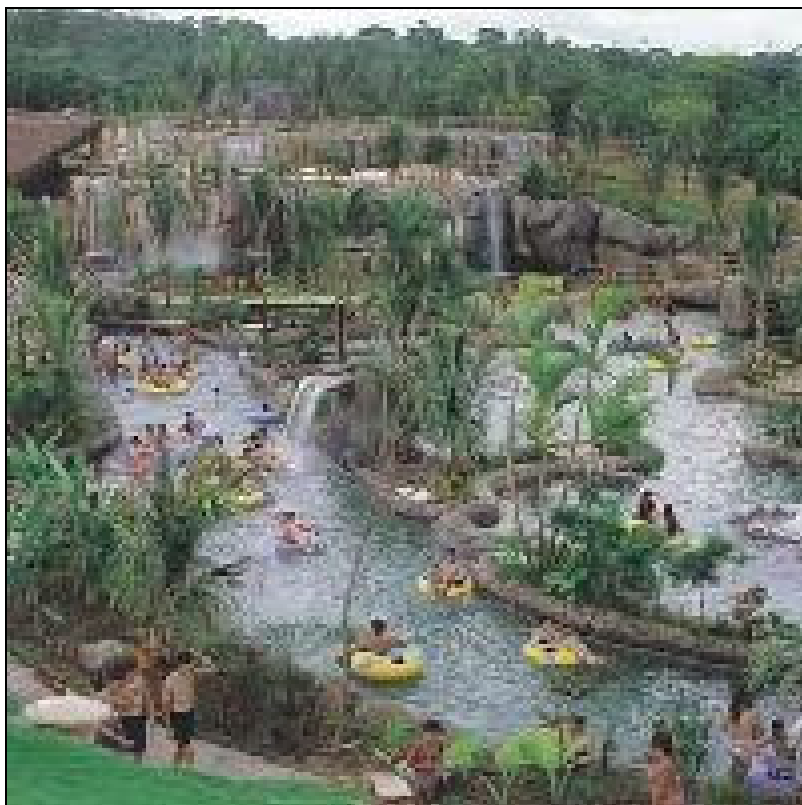


Figura 11 - Pousada do Rio Quente, Caldas Novas (GO), 2005. Autor: BORGES, O. M., 2005.

Com a passagem de sua morte, seu ideal continuou vivo e se realizou, em sua memória, pelos filhos, construindo o grande empreendimento da Pousada do Rio Quente. A empresa Pousada do Rio Quente, 1964, liderada pelo Sr. Waldo Xavier, genro do Dr. Ciro, ganhou um rápido desenvolvimento (NOGUEIRA, 2002, p. 2).

É tal a forma política que um empreendimento desse porte detém que Rio Quente, distrito de Caldas Novas, emancipou-se em 11 de maio de 1988. O município de Rio Quente tem uma população estimada de 2.743 habitantes (IBGE, 2005), predominando a população urbana (79%).

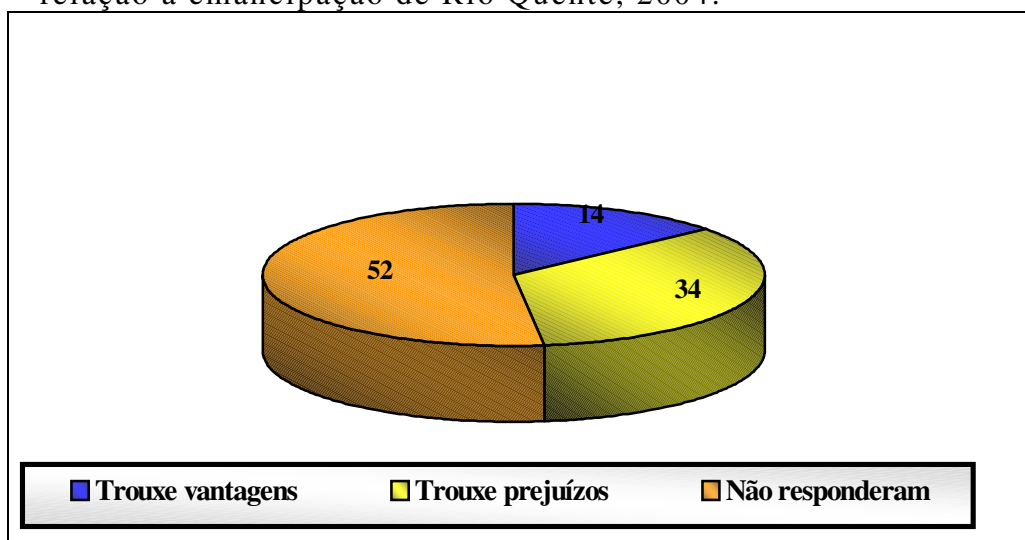
A criação do novo município trouxe uma grande perda de arrecadação de impostos para Caldas Novas, que tinha a Pousada do Rio Quente como o seu maior contribuinte. Em 1988, por ocasião da Assembleia Constituinte, a Pousada do Rio Quente liderou um movimento de emancipação política e conseguiu desligar-se de Caldas Novas, criando o município do Rio Quente, que possui uma área pequena, de apenas 280 quilômetros quadrados (ALBUQUERQUE, 1996, p. 50).

A Pousada do Rio Quente deixou, na atualidade, de ser um empreendimento familiar, sendo administrada pela Companhia Thermas do Rio Quente, associação, em partes iguais, do grupo mineiro Algar e do goiano Gebepar¹¹.

O município de Rio Quente receberá, entre 2005 e 2009, investimentos da ordem de R\$ 140 milhões. O Rio Quente Resorts construirá mais três hotéis, um centro de convenções e eventos, um campo de golfe profissional e até uma praia, com direito a areia e ondas (UNIMONTE, 2005).

A perda de arrecadação de impostos por Caldas Novas em função da emancipação de Rio Quente foi apreendida por 34 pessoas que participaram da entrevista enquanto 14 pessoas acreditam que a emancipação trouxe vantagens para Caldas Novas e 52 pessoas não souberam opinar (Figura 12).

Figura 12- Caldas Novas (GO): avaliação da população em relação a emancipação de Rio Quente, 2004.



Fonte: Pesquisa de campo/2004.
Org.: BORGES, O. M., 2005.

¹¹ O lucro bruto da empresa chegou a R\$22 milhões em 2004.

Esse dado, 52 entrevistados não sabendo responder à questão é, também, revelador do fluxo recente de migrantes para o município. Fato é que, com a criação do novo município, o poder municipal e o empresariado de Caldas Novas tiveram que investir maciçamente na rede hoteleira, na criação de condomínios, *flats*, clubes e *aparts* sofisticados, para assegurar a demanda turística ao município.

A atuação do Estado, com a instalação de equipamentos de consumo coletivos, melhoramentos urbanos diversos, valorizou determinadas áreas em detrimento de outras, propiciando a valorização fundiária e imobiliária das primeiras. Percebe-se, na atuação conjunta desses agentes sociais, que estão em jogo os interesses de um grupo específico. O propósito é um só: incrementar o turismo de lazer.

4.1 - Caldas Novas: turismo e patrimônio ambiental

O turismo desperta o fascínio. Em Caldas Novas, os mananciais de águas quentes fascinam, de modo que é comum os turistas colocarem a mão no “Poço do Ovo”, no qual a água borbulha a 50°C.

Num mundo globalizado o turismo apresenta-se em inúmeras modalidades, sob diversas fases evolutivas, que podem ocorrer sincronicamente num mesmo país, em escalas regionais ou locais. Expande-se em nível planetário, não poupando nenhum território – nas zonas glaciais, nas cadeias terciárias, até nas regiões submarinas – nas cidades; no campo; na praia; nas montanhas; nas florestas, savanas, campos e desertos; nos oceanos, lagos, rios, mares e ares (RODRIGUES, 2001, p. 17).

Várias são, portanto, as modalidades de turismo. No século XXI, o tempo livre transformou-se em tempo de lazer para muitos. Para atrair

o turista, há uma manipulação da natureza transfigurada em mercadoria. Busca-se, em nome da satisfação do consumidor, o máximo lucro.

Os pacotes turísticos são impregnados de signos que os transfiguram na realização de sonhos. O consumidor compra o futuro. “O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade de manipulação sistemática de signos. Para tornar-se objeto de consumo é preciso que o objeto se torne signo” (BAUDRILLARD, 1993, p. 206).

Em Caldas Novas, signos são as águas quentes, produto da natureza e de consumo. Em torno desse signo, outros foram criados pela propaganda (Figura 13).



Figura 13 - Lagoa quente de Pirapitinga, Caldas Novas (GO), 2004. Autor: GUIMARÃES, S., 2004.

A publicidade pode encantar o consumidor, o que a torna, de acordo com Barbosa (2001, p. 19), “uma ferramenta para gerar produção e criar lucro”. Pela propaganda/publicidade, Caldas Novas foi sendo construída, em um processo permanente.

A publicidade constitui no todo um mundo inútil, inessencial. Pura conotação. Não tem qualquer responsabilidade na produção e na política direta das coisas e, contudo, retorna integralmente ao sistema dos objetos, não somente porque trata do consumo, mas porque se torna objeto de consumo (BAUDRILLARD, 1993, p.174).

E assim, Caldas Novas tem mesclado a uma história de cidade interiorana, o turismo de águas quentes. Em 1970, é criado o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas (Figura 14).

Um trabalho de ecologistas, no fim da década de 1960 foi essencial para a decretação do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas, garantindo que uma importante área de captação de água de chuva que vai alimentar o lençol termal fosse preservada. A mobilização da população para impedir o loteamento do Parque e construção de infra-estrutura no alto da Serra, em 1977, foi essencial para sua preservação (ALBUQUERQUE, 1998, p. 59).



Figura 14 - Praça de entrada do Parque Estadual da Serra de Caldas com a escultura siriema, do artista Tolosa, Caldas Novas (GO), 2005. Autor: BORGES, O. M. 2005.

Esse Parque é uma das áreas de recarga do lençol termal e, desde 1999, está aberto à visitação pública (Figura 15). Ele dista cinco km do centro da cidade. “Partindo da sede administrativa caminha-se pela mata ciliar

até chegar na Cascatinha, onde é permitido tomar banho” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 127).

A trilha do Paredão requer preparo físico para percorrer 700 metros e vislumbrar uma cascata de águas frias e transparentes. Chegando ao mirante leste da Serra de Caldas, é possível descortinar um cenário de rara beleza: as encostas da serra, a cidade, o lago Corumbá, o aeroporto, as fazendas da região. São quase 1500 m de caminhada.

Do mirante leste ao oeste do Parque, são quase oito quilômetros de distância. “Pode-se ver ao longe a sede do município do Rio Quente, o bairro Esplanada, várias fazendas e, logo abaixo dos próprios pés, toda a Pousada do Rio Quente” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 128).



Figura 15 - Marco de entrada do Parque Estadual da Serra de Caldas, Caldas Novas (GO), 2005. Autor: CARVALHO, R. M. 2005.

Albuquerque (1998) descreve uma visita ao Parque:

Penhascos de quase 300 metros de altura, quase na vertical, grandes erosões, ninhos de pássaros feitos em aberturas da rocha, urubus planando, bando de papagaios fazendo estardalhaço dão uma sensação de liberdade e de um contato mais estreito com a natureza. (ALBUQUERQUE, 1998, p. 129).

Na geomorfologia do município, destacam-se a serra e o planalto. Com as chuvas de verão as formas mamelonares do relevo, revestidas pelo cerrado, vestem-se dos vários tons de verde, criando uma beleza “cênica”.

Segundo Almeida (1958, p. 89), “a serra de Caldas é possivelmente o único testemunho isolado no interior da depressão periférica goiana, e mantém-se graças ao volume e resistência dos quartzitos que a sustentam”. Tem-se a impressão de uma superfície plana, mas o ponto mais alto chega a 1.043m acima do nível do mar (Figura 16).

A leste observa-se na figura 16 a localização da Serra de Caldas e o único testemunho de uma estrutura dômica, constituída de metassedimentos do grupo Paranoá (Palestra, 6/6/2005).

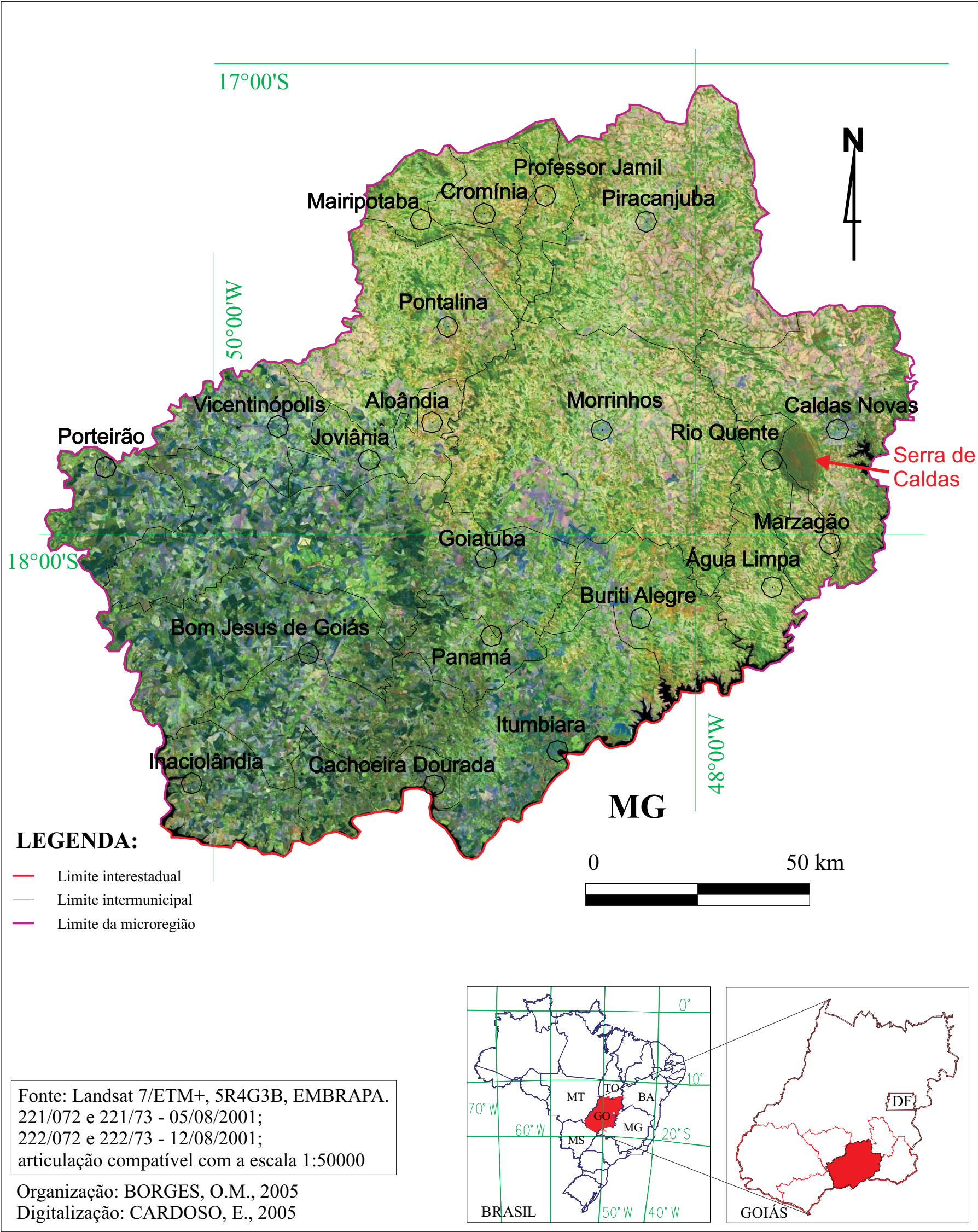
Há o predomínio de rochas metamórficas, resistentes e com densidade de drenagem mais acentuada. O solo apresenta na maior parte das vezes pouco espesso.

A topografia e a vegetação favorecem à pecuária extensiva.

A sudoeste nas imagens de satélite a coloração mais escura corresponde à área da bacia sedimentar do Paraná. É representada por rochas de origem magmática da formação Serra Geral. São rochas basálticas que

deram origem a solos de média e alta fertilidade – são as terras roxas. A cor azulada na carta imagem são os pivôs de irrigação onde se destaca portanto, os cultivos (Figura 16).

Figura 16: Carta-imagem da microregião geográfica de Meia Ponte



Os moradores de Caldas Novas, participantes da Oficina Consolidada do PNMT, enumeraram os atrativos turísticos do município.

Quadro 02 - Principais atrativos turísticos de Caldas Novas, 2004.

Atrativos	Características
Lago do Corumbá	- formado a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Corumbá I
Igreja Matriz	- na Praça Mestre Orlando, construída em 1850, possui colunas de aroeira maciça
Casarão*	- construção típica goiana, em estilo do séc. XIX
Jardim Japonês	- retrata o paisagismo oriental
Balneário Municipal	- banheiras destinadas ao uso terapêutico
Parque Estadual da Serra de Caldas Novas**	- reserva ambiental que guarda a biodiversidade do cerrado e é área de recarga do aquífero termal
Lagoa de Pirapitinga	- lago de águas quentes, marco histórico de Caldas Novas
Praça do Cerrado	- onde se localiza a biblioteca municipal e o teatro de arena
Galeria Ala	- feira de artesanato, confecções, souvenir, entre outros
Feira do Luar	- feira noturna ao ar livre (produtos do artesanato goiano, alimentação e confecções)
Feira Livre	- comércio de produtos diversos, de verduras a vestuário
Parques Aquáticos	- infra-estrutura de lazer aquático, com piscinas, toboáguas, bar molhado, cascatas e outros
Cachaçaria Vale das Águas Quentes	- possui demonstrativo do processo de produção da cachaça em alambique
Festa do Folclore	- festas representativas da cultura popular
Rally das Águas Quentes	- rallys terrestres e náuticos
Caminhada Ecológica	- caminhadas pelo parque da Serra de Caldas, em meio ao cerrado
Festa Junina	- festas religiosas celebradas no mês de junho

(Continuação)

Magia do Natal	- ornamentação típica do Natal (Área central)
Folia de Reis da Bucaina	- festa religiosa celebrada nos meses de dezembro e janeiro
1ª Casa de Caldas Novas (Martinho Coelho Siqueira)	- marco histórico, localizado dentro do Club-Hotel SESC
Doces caseiros de Caldas Novas	- doces fabricados artesanalmente, inclusive com frutos do cerrado
Pesque e Pague	- recanto de entretenimento voltado à pescaria

Fonte: PNMT - Oficina Consolidada, 2004.

Adaptação: BORGES, O. M., 2005.

* Figura 17

** Figura 18



Figura 17 - Casarão, construção do final do século XIX, Caldas Novas (GO), 2004. Autor: BORGES, O. M. , 2004.



Figura 18 – Vista parcial da Serra de Caldas e Pousada do Rio Quente, Caldas Novas (GO), 2004. Autor: Cardoso, E. 2004.

O fenômeno turístico deve ser compreendido, portanto, na sua complexidade como atividade econômica, mas, sobretudo, como atividade sociocultural imbricado no lugar que já existia anteriormente, produzindo e abrigando “duas” territorialidades distintas [...] a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar mesmo que fugidamente, dos territórios que freqüentam. (CRUZ, 2000 *apud* MORANDI, 2002, p. 72).

A população local tem uma identidade com o lugar que vai além do trabalho e do mundo da mercadoria. As suas relações sociais acontecem em casa, na rua, no bairro, territórios da vida.

A população autóctone, com seu jeito goiano de ser, simples, hospitaleira, uma religiosidade marcante, seu linguajar e suas comidas típicas, atrai aqueles que vêm à cidade, que muitas vezes retornam com o objetivo de ali permanecerem. De fato, o turista, ao estabelecer relações sociais com os moradores da cidade, nas feiras, nos cafés, nos clubes, nos restaurantes, nas horas dançantes, apropria-se, temporariamente, desses territórios.

O turismo, fenômeno, a um só tempo, econômico, social, cultural, político, ambiental, causa grande impacto socioambiental. Na produção da cidade, as transformações são visíveis: arruamentos, calçadas, meio-fios, edificações.

A base, o alicerce do espaço geográfico é a própria rocha, o chão. A vegetação primitiva é retirada, dando lugar às metamorfoses que ocorrem, na cidade. Córregos, rios são canalizados; impermeabilizando-se ruas e avenidas para o deslocamento de veículos, em número cada vez maior; lugares de “convivência” são edificadas.

A cidade é um invento humano, um centro de consumo de alimentos, de energia e de matérias primas. Esses elementos consumidos engendram problemas no espaço urbano.

Os elementos da natureza foram apropriados pelo homem que os transformou em mercadorias. É o que ocorre em Caldas Novas. Novos hotéis e clubes foram construídos. Os novos ambientes atraem turistas ávidos por novidades.

A competência turística de uma localidade é vista atualmente a partir não somente de seus atrativos e potencialidades, mas, sobretudo, de sua capacidade de seduzir e, principalmente, agradar a clientela cada dia mais exigente e sedenta de novidades (PORTUGUEZ; TEUBNER JÚNIOR, 2001, p. 80).

Poucos se atêm ao fato de que, sob o espaço construído, achasse o aquífero termal. Com o aumento da população, os problemas ambientais se avolumam, sendo, geralmente, tratados pontualmente.

O ecossistema urbano é campo de estudos dos modelos de gestão, tendo em vista a sustentabilidade. Muito se tem falado em

desenvolvimento e sustentabilidade, mas é importante lembrar que a “sustentabilidade vai além da preservação dos recursos naturais e da viabilidade de um desenvolvimento sem agressão ao meio ambiente”. Efetivamente, ela “implica um equilíbrio do ser humano consigo mesmo e, em consequência, com o planeta (e mais ainda com o universo)” (GADOTTI, 2000, p. 34).

Os elementos de um ecossistema estão integrados em um sistema maior, no qual o homem está inserido. Trata-se, como o espaço geográfico, de “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1994).

Se, como afirma Albuquerque (1998, p. 183), “durante os últimos três séculos, a natureza foi encarada como algo que tinha de ser domado”, esse pensamento “vem esmaecendo lentamente”.

Observando o que ocorre em Caldas Novas, a fragmentação do seu espaço urbano, sua verticalização, sua carência de infra-estrutura, equipamentos urbanos, serviços, asfaltamento, os impactos ambientais devidos à perfuração de poços e às queimadas, pergunta-se: como pensar em desenvolvimento sustentável se os impactos ambientais ocorrem devido ao modelo de desenvolvimento capitalista que sempre tratou os recursos da natureza e os frágeis ecossistemas como “inesgotáveis” fontes de energia e de matérias primas?

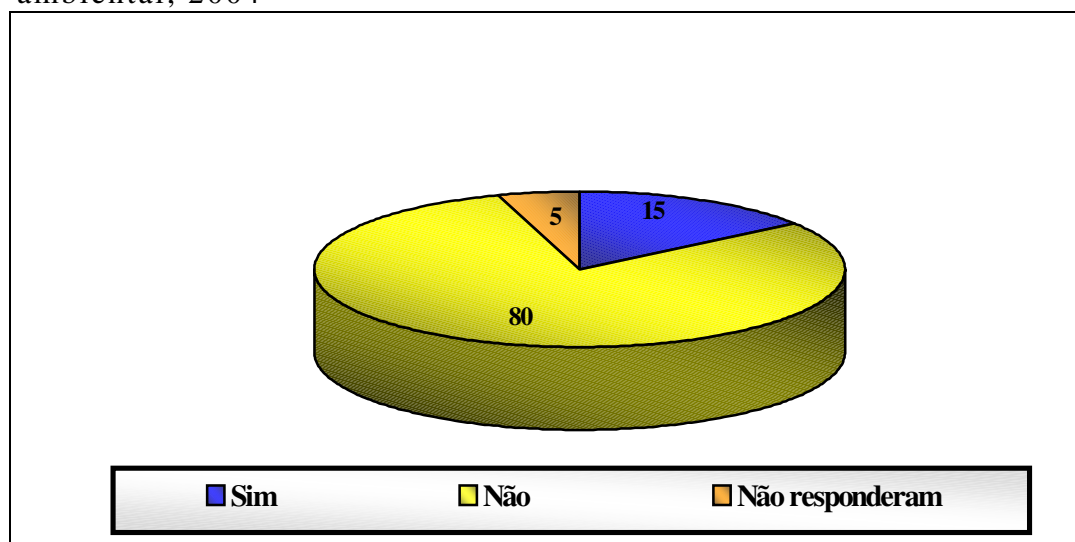
Com a natureza tratada como fonte de lucros, a cidade consome matéria e energia e gera resíduos sólidos, líquidos e gasosos e nada recicla. Normalmente não são exigidos exames médicos para o uso das piscinas e das duchas quando se sabe que inúmeras das doenças são

veiculadas pelas águas.

Em entrevista à autora, uma moradora do bairro Itanhangá, afirma que “a cidade ainda não tem uma política ambiental que funcione, e ainda não é arborizada ecologicamente”. Ela gostaria de poder “trabalhar o ano todo e não somente em épocas de feriados ou férias”. Acha importante a “coleta seletiva de lixo em todos os bairros”, sugere que a escola promova “trabalhos de arborização, coleta seletiva e reciclagem do lixo”, para “maior conscientização sobre educação ambiental”.

A educação ambiental é apontada pela entrevista como o caminho para a melhoria do ambiente urbano, enquanto a figura 19 indica que 80 dos entrevistados não tiveram acesso a ações de educação ambiental em Caldas Novas, reafirmando essa necessidade.

Figura 19- Caldas Novas (GO): acesso a programas de educação ambiental, 2004



Fonte: Pesquisa de campo, 2004.
Org.: BORGES, O. M. (2005).

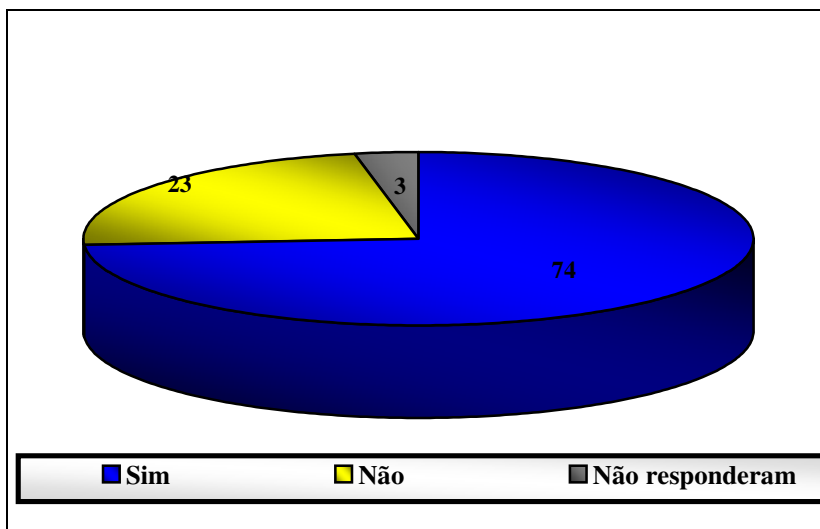
Em Caldas Novas, há um elevado consumo de água. As edificações estão muito próximas das fontes termais, o que leva hidrogeólogos a se preocuparem com os riscos de contaminação do lençol

termal.

Outro problema grave na cidade é o do lixo. Coletado nos bairros e no centro, ele é transportado para um lixão a poucos quilômetros da cidade. Sabe-se que os transtornos que o lixão provoca são vários, tais como doenças, mau cheiro, contaminação de cursos d água bem como o lençol freático, ainda atrai insetos, ratos e urubus, colocando em risco os vôos de aeronaves. “O lixo perigoso que pode contaminar o ambiente, oriundo de hospitais, farmácias, clínicas veterinárias também não tem tratamento específico e é jogado junto com o lixo comum que vai para o lixão” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 207).

Somente a área central e bairros adjacentes têm rede de esgoto. Nos bairros mais distantes, existem fossas e o esgoto doméstico de uma parcela da população é lançado diretamente nos córregos. Entre os nossos entrevistados, 23 afirmam morar em residências não servidas por rede de esgoto (Figura 20).

Figura 20- Caldas Novas (GO): acesso a rede de esgoto, 2004



Fonte: Pesquisa de campo/2004.
Org.: BORGES, O. M. (2005).

“Existem prédios de apartamentos que não estão ligados à rede de esgotos e têm várias fossas” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 208). Há cerca de 15.000 fossas na cidade, com risco de contaminação do lençol freático (Palestra em 6/6/2005).

No bairro Parque Real, existem duas lagoas de estabilização, cujo tratamento do esgoto é feito através de microorganismos. Todo esgoto chega pela rede coletora ou da limpeza das fossas¹², a estas lagoas que têm contato com o córrego Caldas, que, por sua vez, verte suas águas no Rio Pirapitinga e este no Lago Corumbá (Pesquisa de campo, 2004).

A população do bairro Parque Real sofre com o mau cheiro e a presença de insetos e animais.

São toneladas de sacos plásticos, vidros, entulhos, solo erodido, agrotóxicos, que são jogados ou carregados para os cursos d'água e também para o Lago Corumbá, trazendo perigos à saúde da população e dos animais e tornando o ambiente pouco propício ao lazer e turismo (ALBUQUERQUE, 1998, p.208).

A Lei nº 1.118/03, de 14 de abril de 2003, que estabelece a política urbana e o PDU de Caldas Novas, no seu artigo 3º menciona:

A cidade de Caldas Novas apresentou nas últimas décadas crescimento econômico e populacional acima da média do Estado de Goiás e de inúmeros municípios. Com isto, e sem um planejamento de investimento em infra-estrutura, acumularam-se problemas localizados nos serviços prestados à população, e que tendem a se agravar se não houver uma decisão de reverter essa situação com investimentos significativos a esses serviços (PDU, 2003, p. 70).

¹² Este trabalho é realizado pelo DEMAEE, que, usando caminhões coletores de esgoto sanitário, o recolhem, descarregando nestas lagoas.

No item IV.3, refere-se ao esgoto sanitário e propõe:

- Dotar o sistema de tratamento de esgoto de aeradores, de forma que otimize o atual atendimento;
- Ampliar a rede atual de maneira que atenda a área atualmente ocupada e, que se estenda também pelo menos na região abastecida por poços semiprofundos e cisternas;
- Permutar a atual área do Bairro Jardim Prive das Caldas, Quadras 99 a 108 com as áreas públicas no mesmo loteamento, para ampliação do sistema das lagoas de estabilização e tratamento do esgoto sanitário;
- Elaboração de estudos e projetos que viabilizem o sistema de tratamento de esgotos de toda a área urbana atualmente loteada, com implantação de acordo com a ocupação;
- Dotar as habitações onde não tenha a rede de coleta de esgotos da obrigatoriedade de execução por parte dos moradores, do sistema de caixa séptica e sumidouro;
- Em condomínios verticais e horizontais dotar de sistemas de tratamentos independentes até que sejam atendidos pelo sistema público;
- Proceder a atividades de despoluição de córregos onde já é presente , e estabelecer um processo de prevenção à poluição da represa do rio Corumbá (PDU, 2003, p.72).

Como “a realidade de mercado prevê, através da lógica de consumo, que os produtos sejam constantemente repostos para que os clientes possam comprá-los, fenômeno que, obviamente, é impossível ocorrer com a natureza” (BLANCO, 2005, p. 02), é objeto de preocupação o uso indiscriminado das águas termais¹³. É o lençol termal que alimenta os poços que abastecem piscinas e parques aquáticos na cidade.

A seguir, discutem-se os vários agentes sociais que produzem o espaço urbano de Caldas Novas e suas intervenções previstas, que podem, ou não, melhorar a vida urbana.

¹³ Legislação do DNPM, sobre as fontes termais de Caldas Novas, encontra-se em anexo.

4.2 - Entendendo a organização e as novas formas do espaço caldasnovense

Diversos agentes sociais, através do tempo, produzem a ordenação urbana, a hierarquia de valores, que favorece suas atividades econômicas, no caso de Caldas Novas, o turismo.

Castrogiovanni (2001, p. 23) afirma que “a ordenação turística é a busca conveniente dos meios existentes no espaço para o sucesso das propostas relativas às atividades turísticas”.

É, em função dessas ações, que se vê, em Caldas Novas, no pós 1980, a explosão imobiliária: “novos hotéis, loteamentos, prédios de apartamento, flats, casas comerciais, construções individuais iam surgindo a cada dia, num verdadeiro clima de euforia” (Albuquerque, 1996, p. 47). A figura 21 ilustra aspectos da paisagem urbana de Caldas Novas que validam as afirmações anteriores.



Figura 21 - Vista aérea de clubes-hotéis, Caldas Novas (GO), 2005. Autor: RAMOS, D. S., (2005).

Em Caldas Novas, “forasteiros” compram lotes, que deixam vazios ou nos quais constroem pousadas, condomínios verticais ou horizontais, na busca de turistas e lucros. Barbosa e Paranhos (2003) afirmam, ainda, que a verticalização em Caldas Novas já chega a 70%. São construídas casas de segunda residência, utilizadas apenas em períodos de alta temporada. O rápido crescimento da cidade, nas duas últimas décadas, fez surgir bairros com infra-estrutura subutilizada e outros, distantes da área central, sem infra-estrutura.

Trinta e sete dos entrevistados afirmam que a venda de novos loteamentos na cidade baseia-se em propagandas falsas, apenas 18 concordam com elas e os restantes não souberam opinar.

Barbosa; Paranhos (2003) discorrem sobre as contradições da modernidade em Caldas Novas:

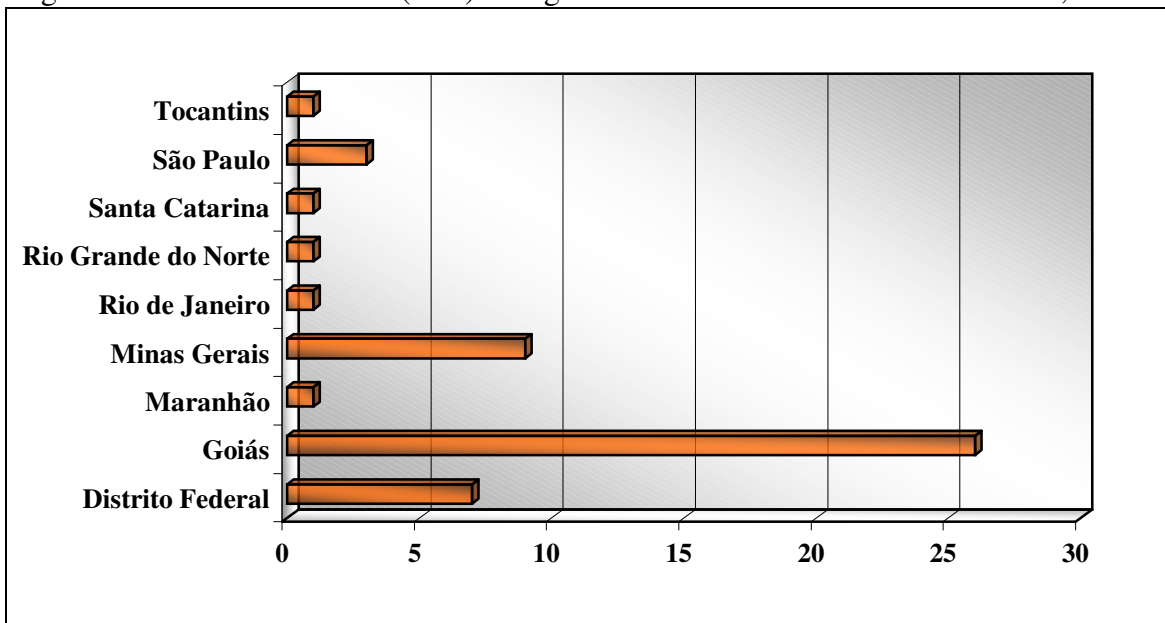
A partir dos anos 1990, intensifica-se a verticalização da cidade, com apartamentos pequenos, predominando o apart-hotel. [...] O volume de vendas soma em média dois apartamentos por dia em Caldas Novas, e como já foi salientado o grande comprador destes apartamentos está em Brasília. (BARBOSA; PARANHOS, 2003, p. 2).

Esses autores continuam:

Os investimentos em Caldas Novas originam-se de empresários locais. [...] O lazer em Caldas Novas encontra-se cercado por esses poucos empresários locais, [...] apresenta uma característica de um monopólio regional e familiar. O processo de globalização dos meios de hospedagem e do turismo, com grandes cadeias hoteleiras ainda não investiu em Caldas Novas (BARBOSA; PARANHOS, 2003, p. 3).

A figura 22 reproduz a origem de turistas entrevistados na Feira do Luar, um dos principais espaços de visitação de Caldas Novas.

Figura 22- Caldas Novas (GO): origem dos turistas na Feira do Luar, 2004



Fonte: Pesquisa de campo, 2004.

Org.: BORGES, O. M., 2005.

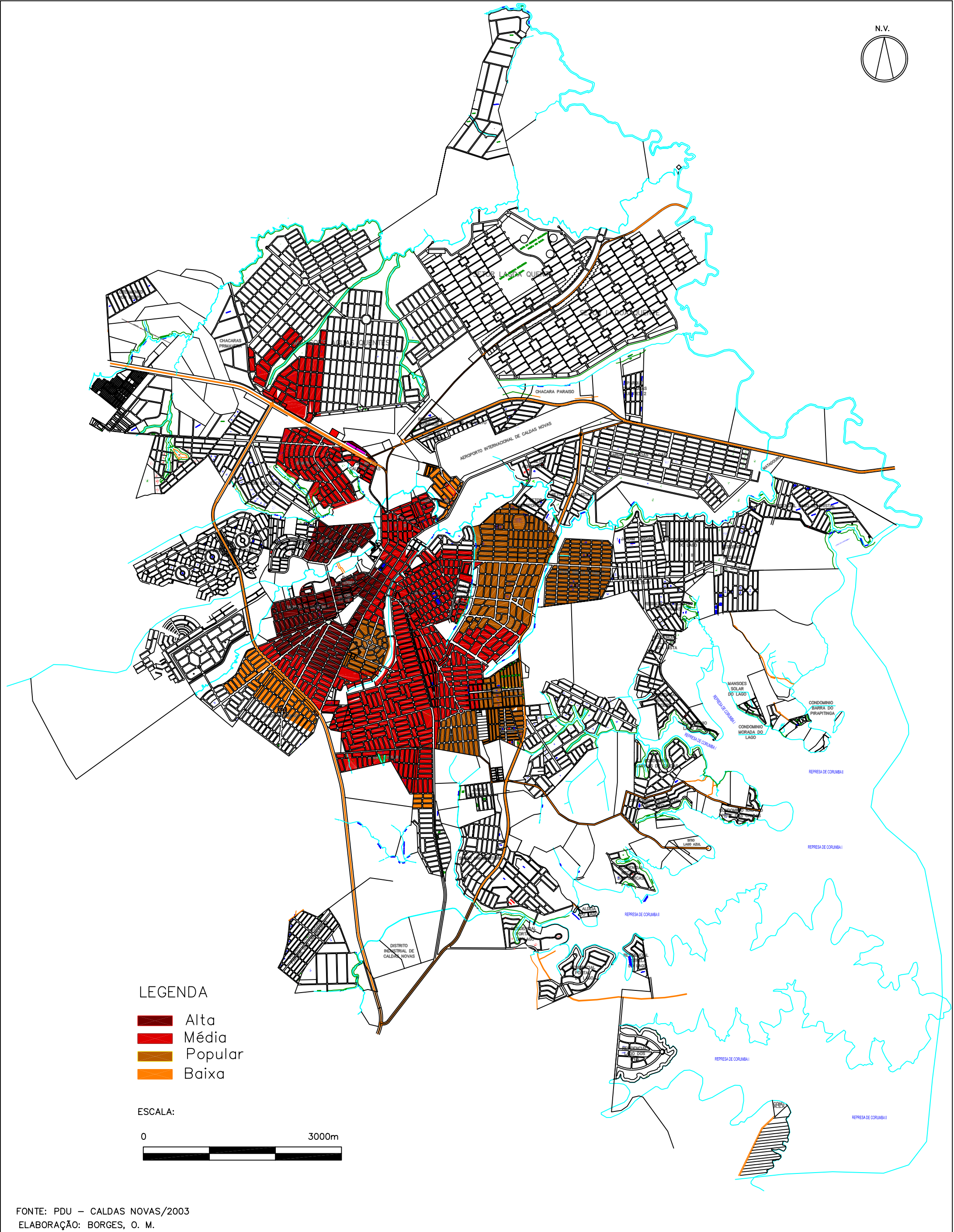
Na busca de lucro, entrega-se a cidade ao turista que, “principalmente no período do carnaval e férias escolares, ‘detona’ com a cidade. Não tem respeito algum pelo lugar e com os moradores”, como afirma uma jovem entrevistada pela autora.

A “memória” da cidade vai se esvaecendo, posto que “para permanecer habitante há que ser morador, há que ser aquele que usa, que delimita territórios de uso” (SEABRA, 2004, p.183).

Os conflitos de uso estabelecem-se entre moradores e entre estes e os gestores do território urbano. Para normatizá-los, o PDU (2003, p. 1) estabelece o zoneamento urbano, “procedimento que delimita o solo municipal em zonas que devem sujeitar-se às normas de controle de uso, ocupação e densidades populacionais”. Tais normas devem ser “compatíveis com a garantia do meio ambiente ecologicamente equilibrado, com o bem estar da população e de acordo com a função social da propriedade”.

O segundo artigo do PDU divide as zonas de uso residencial em: a) Zona Residencial com predomínio de uso para habitação; b) Zona Residencial de Baixa Densidade; c) Zona Residencial de Média Densidade e Zona Residencial de Alta Densidade (Mapa 05).

Mapa 5: Densidade Residencial - Caldas Novas - GO



Essa lei municipal também define a zona de uso misto e a zona de atividade econômica. Na primeira, admite-se, além do uso residencial, usos especiais e atividades econômicas. Na segunda zona, predominam atividades econômicas.

São legalmente estabelecidas pelo PDU as zonas de proteção (Mapa 06):

I – Zona de Proteção Ambiental compreende as zonas de valor ecológico, paisagístico e recreativo cujos usos devem ser compatíveis com a sua preservação;

Zona de Proteção Ambiental I: corresponde a zona de proteção permanente;

Zona de Proteção Ambiental II: corresponde a unidade de conservação;

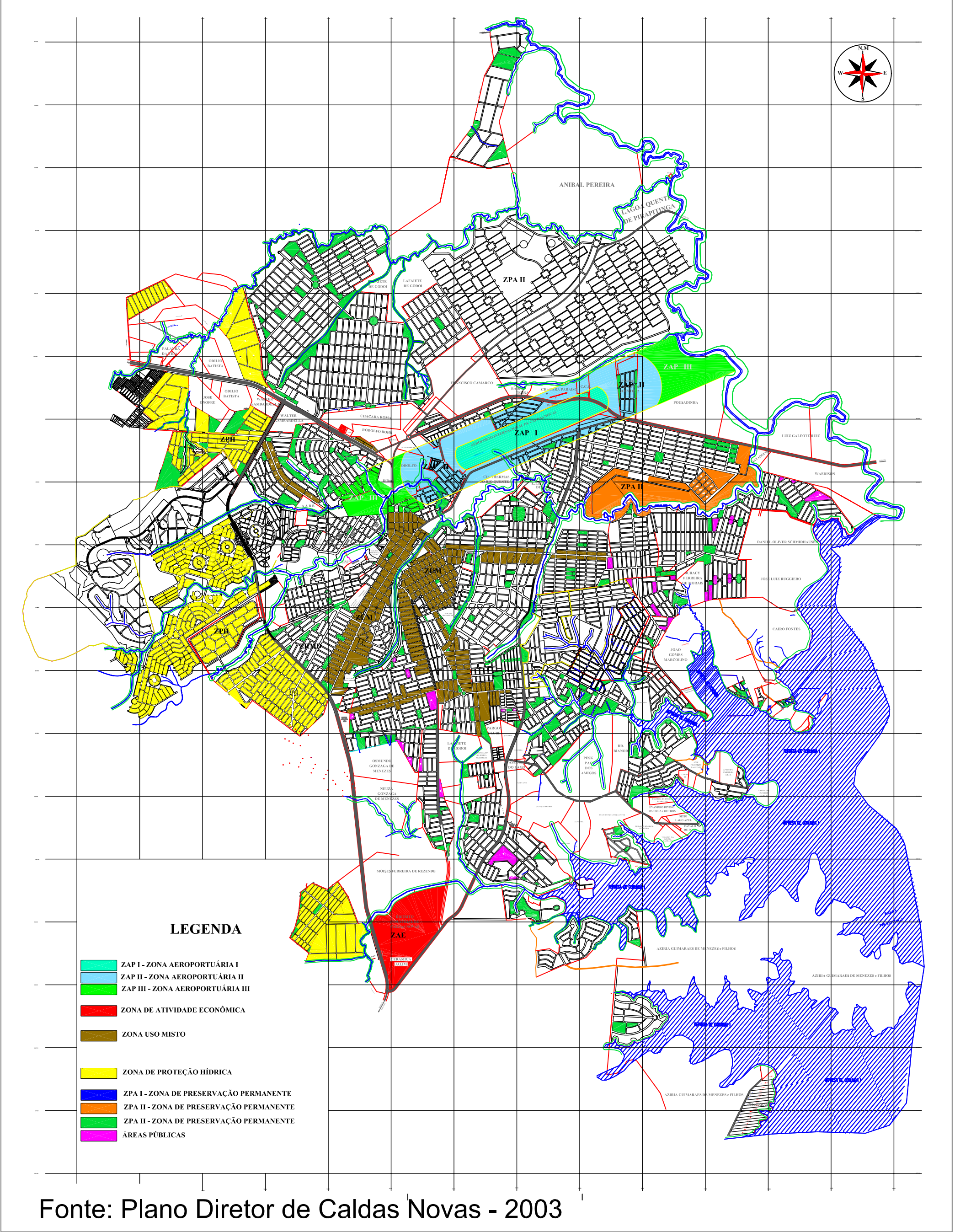
Zona de Proteção Ambiental III: corresponde a área institucional localizada em zona urbana e destinada à praça, jardim, rótula e canteiro do sistema viário.

II – Zona Aeroportuária – Toda área adjacente ao Aeroporto.

III – Zona de Proteção Hídrica: compreende a zona localizada sobre a área de recarga do aquífero termal (PDU, 2003, p. 3).

O PDU, promulgado em 15 de agosto de 2003, objetiva, em tese, estabelecer a função social da cidade e da propriedade, as diretrizes da política urbana e as leis específicas para o ordenamento do espaço. A ação do poder público “é marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como das alianças entre eles. Tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos de classe dominante que, a cada momento, estão no poder” (CORRÊA, 1995, p. 26).

Mapa 06: Zoneamento Urbano - Caldas Novas - GO



O poder público cria condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, muitas vezes propiciando favorecimentos e exclusão. Essa regulamentação de usos é tanto mais importante porque o turismo é um grande consumidor de espaço.

As diferentes formas de uso do solo urbano são resultado do processo de divisão do trabalho, em que determinados agentes se apropriam de forma diferenciada da cidade. Assim, quanto mais intenso for esse processo, tanto maior será a sua subdivisão em espaços singulares, particulares, que podem servir como suporte às atividades urbanas (SOARES, 1995, p. 98).

Na construção da cidade das águas quentes, os “espaços singulares, particulares”, de que fala Soares, caracterizam-se pela função turística, ou seja, por uma infra-estrutura programada para promover acomodação, recreação e lazer.

O conhecimento e o reconhecimento das singularidades devem traduzir-se em identidades mercadológicas locacionais. A cidade passa a ser também repensada pela nova necessidade em oferecer certo produto turístico e vai ganhando novos designs (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 26).

Em Caldas Novas, com a expansão da malha urbana, os proprietários de terra e os promotores imobiliários procuram maximizar seus lucros. Até a promulgação do PDU, permitia-se a construção de prédios em todas as áreas do perímetro urbano e, rapidamente o bioma cerrado deu lugar à cidade.

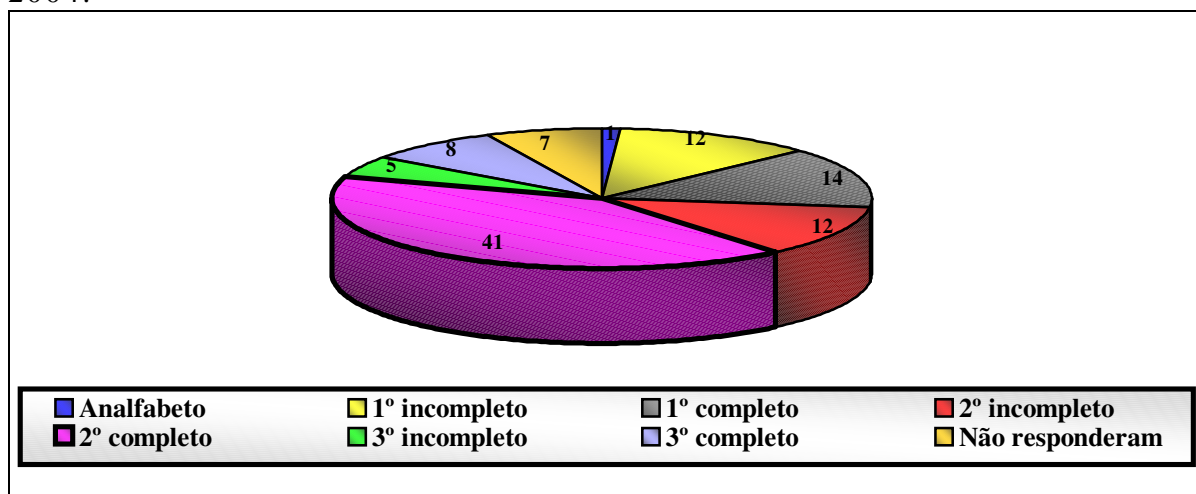
De acordo com Barbosa (2004, p. 128), “em agosto de 1997 foi aprovado um novo perímetro urbano para a cidade. Nesse, foi mantida a delimitação ao norte, a leste e ao sul e a área urbana foi ampliada para contornar a Represa do Rio Corumbá, recém construída”, o que permitiu a

ação dos agentes imobiliários com os loteamentos, condomínios horizontais, clubes e chácaras. Isso está de acordo com “a ideologia básica do turismo” que busca “novos ambientes para a reposição da energia física e mental” (ALMEIDA, 2001, p. 184).

À medida que a cidade ganha novas formas, com a construção civil em alta, foi necessária mão-de-obra barata e desqualificada, que chegava em caminhões. “Muitos vêm porque têm um parente morando aqui, que já ganhou um lote ou casa da Prefeitura e, por isso, vêm com a expectativa de conseguir um emprego e algumas benesses oficiais” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 27). Assim, surgiram os bairros Parque das Brisas III, Lago das Brisas e Santa Efigênia, oriundos de lotes doados pelo poder público municipal (pesquisa de campo, 2004).

A figura 23 indica a escolaridade observados nos cem moradores de Caldas Novas entrevistados pela autora.

Figura 23- Caldas Novas (GO): nível de escolaridade dos entrevistados, 2004.



Fonte: Pesquisa de campo/2004.

Org.: BORGES, O. M. (2005).

Se, por um lado, as benesses do poder público induziram a

migração da população de baixa renda, por outro, favorecem os detentores do capital, que alteram a paisagem urbana da área central, expulsando a população residente para a implantação de novos usos comerciais e de serviços.

No próximo item, aborda-se a renovação da área central, proposta pelo PDU de Caldas Novas.

4.3 - Dinâmica da área central: revitalização ou requalificação?

O centro de Caldas Novas apresenta novas atividades em função do turismo. Antigas residências foram demolidas ou modificadas para instalação de restaurantes, barzinhos, lojas de *souvenirs*, farmácias e comércio em geral. Lugares antes familiares foram abolidos para a produção de novas formas urbanas, processos que aprofundam a segregação, expulsando a população, perdendo-se as referências da identidade cidadão/cidade que sustenta a memória.

Essas transformações impõem um novo tempo para a morfologia urbana, agora definida pela necessidade de produção do “novo espaço” dos serviços. A vida cotidiana perde sua força no espaço fragmentado pela propriedade privada nos espaços renovados ou reabilitados que produzem novas formas para o uso – até sua inexistência total, porque esse processo é imposto: o cidadão não fala, quando fala, não é ouvido, e há instrumentos políticos que simulam a participação da população. A revitalização por sua vez, também produz a assepsia dos lugares, pois o “degradado” é sempre o que aparece, na paisagem, como o pobre, o sujo, o feio exigindo sua substituição pelo rico, limpo, bonito: características que não condizem com a pobreza. O uso do espaço é modificado pela imposição do valor de troca (CARLOS, 2004, p.112).

Tais transformações compõem o cenário urbano neste começo de século XXI e se manifesta no mercado de emprego, na qualidade de vida, nas novas formas de apropriação do espaço urbano, na crescente fragmentação socioeconômica e na segregação urbana. Esses elementos retratam uma profunda diferenciação e segregação social e econômica entre as diversas camadas da população, que acaba por ocupar diferentes setores da área urbana em função de seus novos valores, sendo que a área central é a primeira a ser renovada.

O centro permite uma coordenação das atividades urbanas. De acordo com Castells (1983, p. 271), o centro promove “uma identificação simbólica e ordenada destas atividades e, daí, a criação das condições necessárias à comunicação entre os atores”.

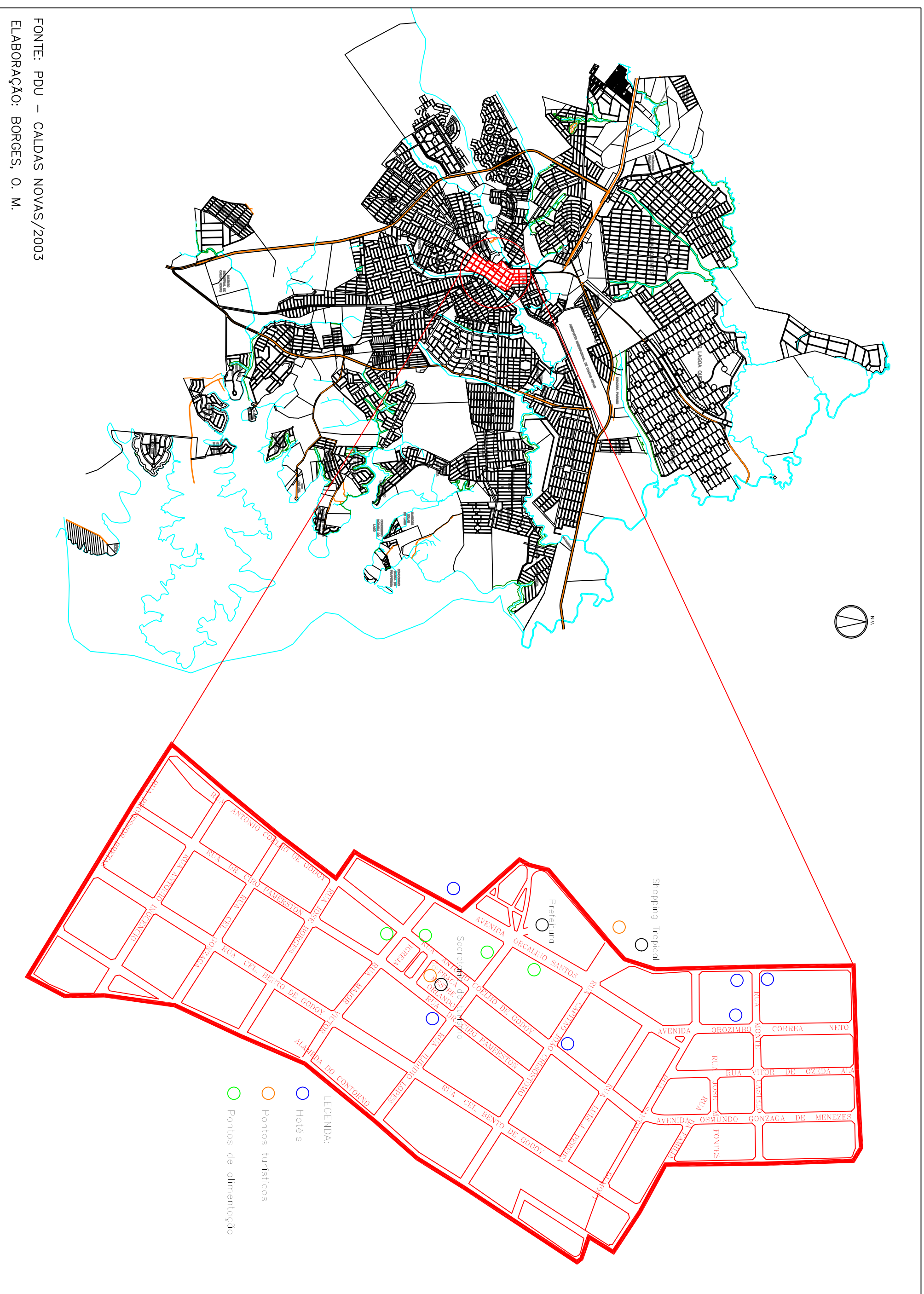
A revitalização do centro deve, no dizer de Simões Júnior (1994, p. 17) buscar “uma nova vitalidade para essas áreas, tanto do ponto de vista econômico, quanto funcional, social e ambiental”, mas o que, geralmente ocorre é que os que não podem pagar pela mudança do uso desse espaço são expulsos para áreas periféricas da cidade.

Uma cidade não é apenas um conjunto funcional, capaz de gerir sua própria expansão, é também uma “estrutura simbólica”, que permite a passagem entre sociedade e espaço, estabelece uma relação entre natureza e cultura.

A noção de espaço é uma estrutura mental que se constrói ao longo do desenvolvimento, desde o nascimento da criança até a formalização de um pensamento – através de um processo complexo e progressivo que implica a mediação constante do adulto que a cerca (PEREZ, 1999, p. 32).

O centro era local de convergência das pessoas para divertir-se, encontrar com amigos, namorar, ir à igreja matriz. Na contemporaneidade a área central expandiu-se a partir daquele núcleo original, mas mantém como referência a mesma Praça Mestre Orlando e a igreja (Figura 24).

Figura 24: Área central em destaque - Caldas Novas - GO



Dentre as entrevistas concedidas à autora em 2004, foi ouvida a D^a. Hélia Rodrigues da Cunha, residente à Rua Antônio Coelho de Godoy, em frente à praça Mestre Orlando, comentou:

No entorno da praça da Matriz eram casas ocupadas pelas famílias proprietárias e construídas de parede e meia. Muitos faziam parte da mesma família. As festas na igreja atraíam o pessoal todo. Aos domingos, as moças e rapazes colocavam as melhores roupas para irem à igreja, à praça. A praça era conhecida como Praça da Matriz. Era referência para toda população. As pessoas se reuniam na praça, nas calçadas para conversar, namorar, contar piadas. Ali na esquina, entre as ruas Ilídio Lopes e Antônio Coelho de Godoy era o sobrado onde funcionava a cadeia pública. Depois foi demolido e construiu o Cine Teatro Caldas Novas. Hoje é um supermercado. Onde é o Balneário Municipal havia uma casa de banho da família Ozeda Ala. Depois foi construído o balneário público pela família Palmerston em sociedade com a família Victor Ala. Victor Ala era meu avô, pai de minha mãe. Caldas Novas tinha poucos lugares para hospedar, então as pessoas chegavam em caravana e acampavam em alguns lugares da cidade e ficavam meses. Um desses locais era acima do Balneário Municipal, onde havia uma árvore, tamboril e os banhistas ficavam em baixo dessa árvore, na sombra, esperando a hora dos banhos.

A figura 25 ilustra D^a Hélia descerrando a placa com o nome da Praça Mestre Orlando, em homenagem a seu pai.



Figura 25 - D. Hélia descerrando a placa em homenagem à Mestre Orlando (seu pai), 1973.
Fonte: Arquivo de RODRIGUES, H. da C., 2005.

Sobre turismo e lazer, na diretriz II, o PDU propõe:

- Resgatar o turismo saúde com a instalação do Museu das Águas Quentes para divulgação das propriedades terapêuticas das águas quentes.
- Restaurar o prédio e equipamentos.
- Manter o balneário aberto todos os dias da semana.
- Comercializar publicações sobre as águas quentes de Caldas Novas e região.
- Elaborar folhetos explicativos sobre a utilização das águas quentes.

Em entrevistas na Praça Mestre Orlando, ouviram-se poucas

queixas sobre sua apropriação por visitantes que chegam a praticar vandalismo, usam drogas, impedem o trânsito livre e seguro dos pedestres.

Uma entrevistada afirmou:

Todos os dias, no intervalo do almoço, dirijo-me à praça e, sentada à sombra das árvores desligo de todos os problemas. Nunca presenciei nada de ruim que pudesse me afastar desse lugar. A praça significa para mim paz, energia, tranquilidade. Hoje, vejo famílias passearem e até crianças brincando por aqui.

Um senhor, que “cuida” de carros estacionados no entorno da Praça Mestre Orlando (Figura 26), mostrou-nos como os canteiros estão sendo cuidados, os banheiros limpos, as árvores podadas. Disse ele:

A Prefeita tirou o carnaval aqui do centro da cidade. Muita gente achou ruim mesmo. Eu achei muito bom porque a praça agora já está ficando bonita. O carnaval este ano (2005) aconteceu nos clubes e lá na Lagoa de Pirapitinga, mesmo assim, aqui no centro aconteceu problemas.



Figura 26 - Vista parcial da praça Mestre Orlando, Caldas Novas (GO), 2005. Autor: CÂNDIDO, M.D.G., 2005.

Outro ponto de referência no centro é o CTC, o primeiro clube-hotel da cidade com piscinas de águas quentes, que data de 1968. No local havia uma nascente de água termal, mas a partir do momento que passam

a perfurar poços e bombear água para abastecer as piscinas e usos diversos do próprio clube, a nascente deixa de existir (pesquisa de campo, 2004).

A população de Caldas Novas vive a expectativa de uma ação transformadora da nova gestão municipal (2005-2008), no sentido de se construir uma cidade que acolhe o turista, mas também se pensa como totalidade.

Seja qual for a tradução espacial numa forma histórica determinada, podemos reter uma primeira noção fundamental do centro, enquanto intermediário entre os processos de produção e de consumo na cidade, ou, mais simplesmente entre a atividade econômica e a organização social urbanas. O processo de troca urbana compreende ao mesmo tempo um sistema de fluxo, isto é, a circulação, e as placas giratórias de comunicação, isto é, os centros. O centro urbano permutador é, portanto a organização espacial dos canais de troca entre os processos de produção e o processo de consumo (no sentido de organização social) num aglomerado urbano (CASTELLS, 1993, p. 277).

O centro permutador, de que fala Castells (1983), muda, além da forma, no decorrer de gerações, o seu conteúdo social, sendo o uso do espaço transformado pela evolução e inovação das técnicas. As práticas do cotidiano possibilitam a leitura do lugar, reconhecendo os elementos culturais, sociais e naturais que formam o espaço geográfico.

No centro de Caldas Novas, há avenidas amplas, edificações de um pavimento e uma verticalização pontual, com edifícios de quatro a cinco pavimentos. Nesse centro, predomina o comércio. “A área central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia”. Nessa área, “concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos” (CORRÊA, 1989, p. 38).

O centro de Caldas Novas caracteriza-se pela diversificação de suas atividades e pela grande circulação de pessoas. Roupas de banho, bóias acham-se penduradas nas marquises, atrapalhando a passagem dos pedestres. Caldas Novas destaca-se pelas confecções da moda praia. São biquínis, maiôs, saídas de banho, shorts e camisetas (Figura 27).



Figura 27 - Ocupação das calçadas pelos comerciantes, Caldas Novas (GO), 2004. Foto: BORGES, O. M., 2004.

O cheiro dos petiscos é um convite para adentrar nos restaurantes e barzinhos. “O consumo invade toda a vida”, de modo que “todas as atividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal de satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o envolvimento é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado” (BAUDRILLARD, 1995, p. 19).

Para Carlos (2002, p. 176), “o espaço do turismo e do lazer são espaços visuais, preso ao mundo das imagens que impõem à redução e o simulacro. E que reduzem a apropriação enquanto ‘mercadoria de uso

temporário’ definida pelo tempo de não-trabalho”.

“Os *shopping centers* se tornaram um lugar central para uma parte da sociedade brasileira”, afirma Pintaudi (2002, p. 157), e o mesmo ocorre em Caldas Novas. A cidade de Caldas Novas “conta com vários *shoppings centers*, situados no centro da cidade, a maioria de pequeno porte” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 31). Destacam-se o *Shopping Águas Calientes* e o Tropical (Figura 28).



Figura 28 - Shopping Tropical, Caldas Novas (GO), 2004. Autor: BORGES, O. M., 2004.

Vale ressaltar, no entanto, que, em Caldas Novas, ainda é possível o andar lento e descontraído, prevalece o uso dos espaços abertos em detrimento dos fechados.

Uma aluna do sexto período de Pedagogia afirma que “a cidade atualmente ainda “é calma e muito boa para se viver. Não é uma cidade típica de interior (pacata), mas ao mesmo tempo não tem aquela correria das grandes cidades” (entrevista à autora, 2005).

No entorno imediato desse centro, a verticalização destaca-se,

como atestam os bairros Termal, Turista I e parte do Setor Oeste (Figura 29).

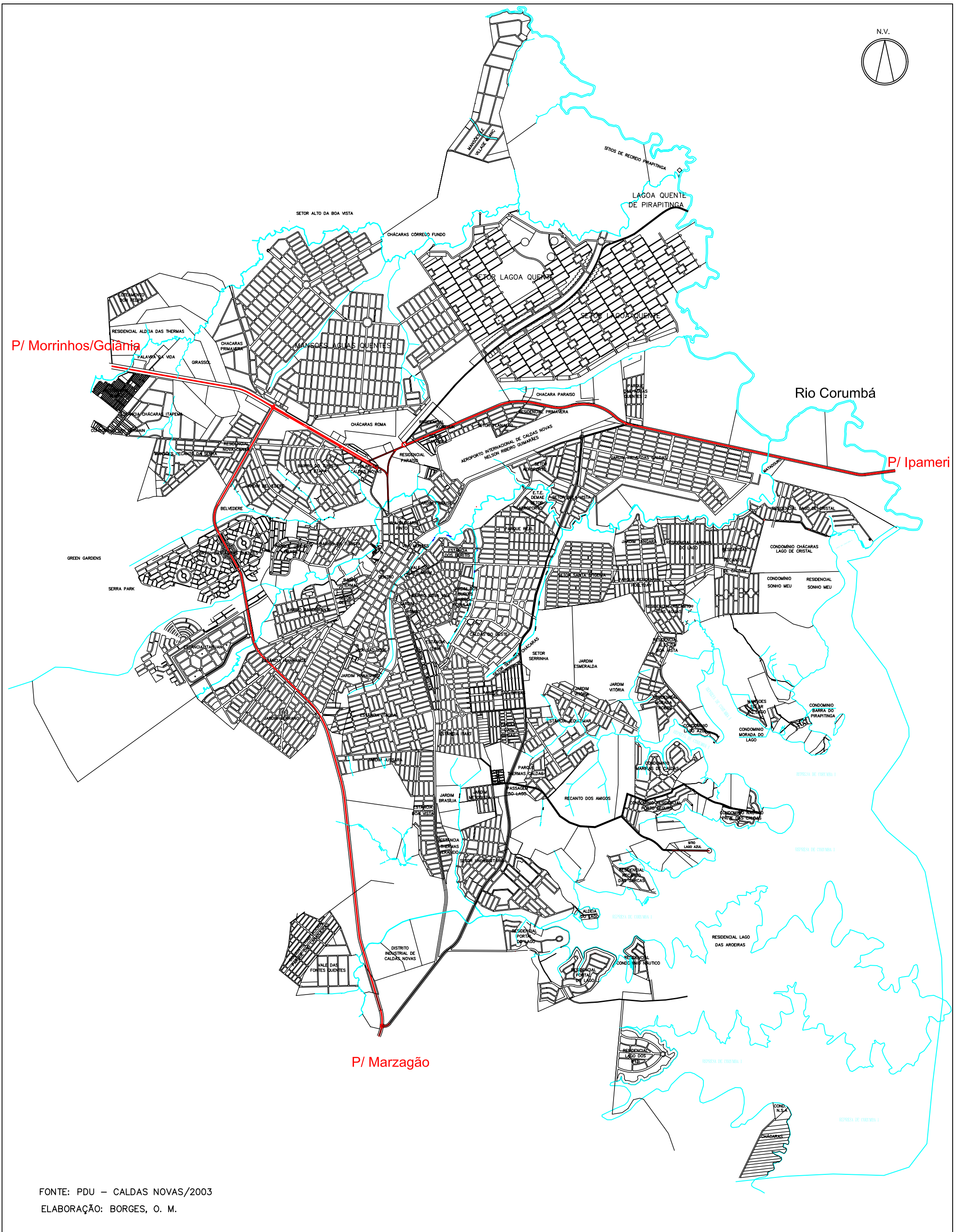


Figura 29 – Vista parcial dos bairros Termal e Turista I (fundo), Caldas Novas (GO), 2004. Autor: BORGES, O. M., 2004.

A formação e o crescimento da cidade vinculam-se à área central. A leste dessa área, flui o córrego do Açude e a oeste, o córrego Caldas. O sul da cidade acha-se conectado com o centro através da Av. Cel. Bento de Godoy. Esta dá acesso ao trevo sul, com saída para Uberlândia e São Paulo, pela rodovia GO-139. Esta por sua vez, conecta com a rodovia GO-213 no trevo norte, saída para Goiânia e Brasília.

A figura 30 ilustra as vias de acesso da cidade de Caldas Novas para outras localidades.

Figura 30: Acessos de Caldas Novas a outras localidades, 2005



FONTE: PDU – CALDAS NOVAS/2003
ELABORAÇÃO: BORGES, O. M.

Embora se perceba um crescimento veloz, em Caldas Novas, há eixos que convergem para o centro da cidade e, do ponto de vista funcional, esse centro atrai atividades diversas.

Concordamos com Pintaui (2002, p. 144) ao afirmar que “a atividade comercial pertence à essência do urbano e seu aprofundamento nos permite um melhor conhecimento desse espaço e da vida na cidade”.

A atividade comercial sempre demandou centralidade, o que também significa dizer acessibilidade. Por sua vez, a centralidade também significou um tempo determinado. A determinação do tempo é mais complexa é o tempo do cotidiano que torna complexo o tempo histórico (a longa duração) numa rede necessária e difícil de discernir (idem, 2002, p.155-156).

O centro de Caldas Novas representou a concentração das atividades urbanas, desde as funções comerciais, sociais, de entretenimento, institucionais e de administração pública. Todavia, com a expansão da malha urbana, outras áreas passam a atrair movimento, principalmente, em razão do turismo de lazer. Porém, a área central continua sendo um importante foco articulador de acessibilidade e de referência para toda a população. Em períodos de alta temporada, quando o fluxo de turistas aumenta consideravelmente e, não havendo uma sinalização adequada para o trânsito de veículos e pedestres, torna-se, em alguns momentos, inviável movimentar-se pelo centro.

As discussões em torno da política pública de revitalização de áreas urbanas centrais ocorrem desde os anos 1980. Em grande parte das cidades brasileiras, o centro encontra-se em processo de deterioração, causada pelo aumento explosivo de população e pelo crescimento da malha urbana.

No PDU de Caldas Novas, a revitalização do centro é entendida como parte do processo de revalorização do solo urbano, tendo por diretrizes:

- Construir uma identidade urbana renovada, valorizando a diversidade cultural, étnica e de bairros, bem como a cultura do trabalho, que caracterizam o município.
- Dotar a cidade de múltiplos centros com qualidade urbana e espaços públicos democráticos, articulados a propostas econômicas de geração de renda e trabalho.
- Criar o paisagismo como elemento constitutivo do desenvolvimento urbano.
- Fomentar a apropriação dos espaços públicos pelo conjunto da população, garantindo as condições para tal e revertendo a tendência de fragmentação da vida urbana.
- Combater os processos de segregação social e espacial, de modo a tornar mais igualitário o acesso da população a terra e aos serviços urbanos.
- Aprimorar o sistema de planejamento e gestão da cidade, democratizando-o e propiciando maior controle social.
- Desenvolver propostas inovadoras de planejamento urbano integrado nos fóruns regionais. (PDU, 2003, p. 38-39)

As propostas do PDU vêm ao encontro da necessidade de resgatar parte da história e da cultura do povo caldasnovense. Revitalizar o centro da cidade seria aumentar a humanização na vida urbana, diminuindo o excesso de veículos motorizados nas ruas, privilegiando o pedestre e o convívio.

Os itens que se referem ao centro da cidade de Caldas Novas afirmam:

- Implementar ações de revitalização do centro da cidade, entendendo como espaço de referência da população de Caldas Novas, integrando-se aos programas de natureza urbanística, turística, social e cultural.

- Potencializar a ocupação e diversificar os usos de áreas urbanas centrais que disponham de infra-estrutura subutilizada, adequando a legislação de uso e ocupação do solo e readequando os imóveis aos novos usos requeridos. (PDU, 2003, p. 39-40)

Há que se liberar o trânsito de pedestres, intervindo nos espaços de convívio já existentes, ambientando-os adequadamente ao uso público, seja como passagem ou para permanência.

Quanto ao mobiliário urbano, destacamos a necessidade de implantação de telefones públicos, lixeiras, bancos, sinalização indicativa com os principais pontos turísticos da cidade, quiosques padronizados para a venda de flores, doces regionais, artesanato, policiamento, informações turísticas e outros, propondo-se um *design* que favoreça a identidade da cidade.

Em relação ao transporte urbano, faz-se necessária a implantação de pontos de ônibus com abrigos, com *design* próprio, constando mapas indicativos e legíveis, exibindo, com clareza, o traçado dos logradouros públicos.

No texto do PDU, que trata do “Futuro da Cidade”, propõe:

Promover a revitalização do centro da cidade, tornando-a agradável ao turista, com padronização das calçadas, reforma da praça central, construção da rua de lazer em torno da Praça Mestre Orlando, e na rua Major Victor, entre a Av. Orcalino Santos, e a Rua Antônio Coelho; elaborar um projeto paisagístico incorporando a área da Prefeitura ao sambódromo, constituindo uma praça pública, com lâmina d’água, e fontes luminosas exaltando as águas termais.

Propõe-se ainda:

- Desenvolver atividades culturais para maior

participação da comunidade e dos turistas.

- Revitalizar o tronco do tamboril com menção do poema da Dr^a. Wanda Rodrigues como marco dos viajantes.
- Construir concha acústica para ter um espaço adequado à realização de eventos culturais.
- Construir banheiros públicos para maior comodidade do público.
- Implantar painéis com calendário dos eventos que ali se realizarão.
- Construir quiosques padronizados para comercialização de sorvetes, pamonhas, água de coco, caldo de cana, pipoca e algodão doce.

O projeto de requalificação da área central deve contemplar esses itens, objetivando a melhoria na qualidade do espaço urbano e, conseqüentemente, da vida de cidadãos e visitantes. Para tanto, é imprescindível a participação destes na definição das necessidades e prioridades da cidade. Participar é responsabilizar-se, resgata o respeito pelo bem público.

Nesse centro, há todo um patrimônio histórico e cultural, que possibilita o resgate do valor da história, do imaginário da população e das raízes da própria cidade. A Praça Mestre Orlando é um marco da emancipação de Caldas Novas, com sua igreja construída em 1850.

Criar incentivos, como ocorreu no Rio de Janeiro com o projeto Corredor Cultural, com a isenção do IPTU para comerciantes e proprietários que recuperassem e / ou mantivessem edificações com valor histórico, arquitetônico, artístico e cultural, pode viabilizar a execução desse projeto.

Ao requalificar o centro, a preservação ambiental também deverá ter uma atenção especial. As praças e as áreas verdes existentes são

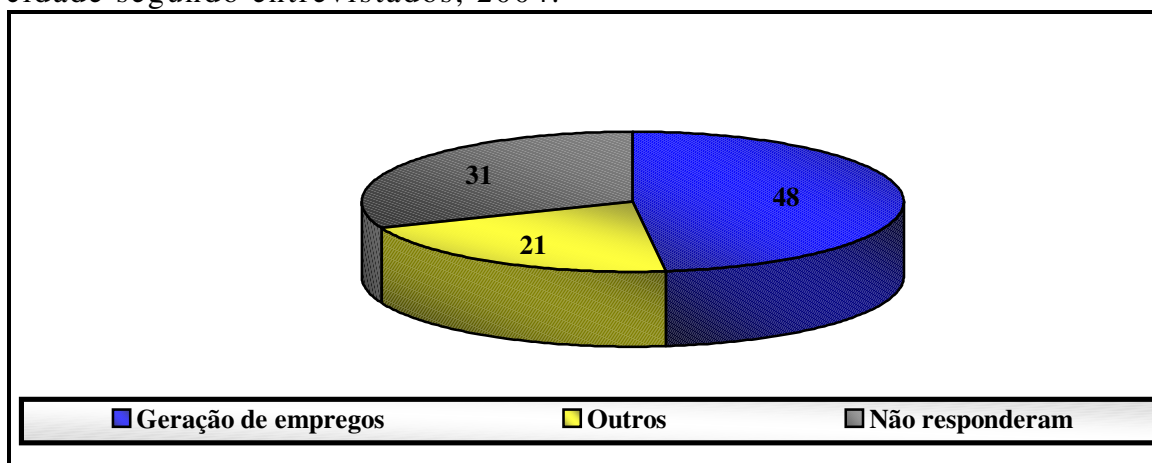
um cenário da paisagem urbana, merecendo tratamento adequado não só paisagístico, mas como local de infiltração das águas pluviais. Com isso a fisionomia local torna-se mais agradável e atrativa, trata-se da melhoria na qualidade de vida ambiental e humana.

Os investimentos no centro devem estender-se aos bairros, que, no item a seguir, são caracterizados.

4.4 - A expansão da malha urbana

Sobre o crescimento da cidade de Caldas Novas, a Figura 31 revela que, de 100 habitantes entrevistados, 48 apontaram como aspecto positivo a geração de empregos; 21 consideram a importância das faculdades, porque capacitam os jovens da cidade e de municípios vizinhos a exercerem trabalhos relativos ao turismo e 31 os entrevistados não se manifestaram (Figura 31).

Figura 31- Caldas Novas (GO): aspectos positivos do crescimento da cidade segundo entrevistados, 2004.



Fonte: Pesquisa de campo/2004.

Org.: BORGES, O. M., 2005

Em pesquisa de campo, realizada em 2004, constatou-se a existência de grandes vazios no entorno da cidade, com loteamentos, arruamentos, mas com ausência de toda e qualquer infra-estrutura básica. Nas zonas residenciais, deparamos com territórios exclusivos, marcados pela auto-segregação. Essa forma de uso do espaço reside na apropriação privada de território, acentuando cada vez mais uma forma exclusiva de morar.

Quanto aos espaços segregados de lazer na cidade de Caldas Novas, esses se misturam em meio aos espaços residenciais. Clubes hotéis e parques aquáticos coexistem com outras temporalidades. Apresentam imagens arquitetônicas e equipamentos modernos de animação que contrastam com as construções horizontais, mais antigas.



Figura 32 - Vista parcial da cidade de Caldas Novas (GO): diversas formas de uso e ocupação do solo urbano, 2005. Autor: RAMOS, D. S., 2005.

O uso dos espaços de lazer limita-se a uma determinada parcela da população residente e aos turistas, o que configura a cidade “como lugar de encontros e de desencontros para onde fluíam migrantes na expectativa de trabalho” (SEABRA, 2001, p. 202).

Essa é uma das realidades de Caldas Novas. Em época de baixa temporada, isto é, nos períodos entre as férias escolares, ao se observar com atenção as ruas da cidade, verifica-se que lojas, restaurantes, barzinhos fecham as portas, dando a entender que a cidade entra em “hibernação” para depois “acordar” com o barulho intenso dos carros, dos sons e a animação dos turistas.

O bairro Turista I e o bairro Termal apresentam intensa verticalização. São condomínios, clubes hotéis, vias pavimentadas, iluminação e jardinagem. Nesses bairros, as estruturas se elevam e as cores tornam-se referenciais (pesquisa de campo, 2004).

Dos 148 bairros da cidade, apenas uma parcela é servida pelo sistema de esgoto (30%), enquanto 70% têm como destino as fossas, e, com isso a possibilidade de contaminação do lençol freático (PALESTRA, 06/06/2005).

O Turista II, atualmente com baixo adensamento de construções, caracteriza-se como segunda etapa do bairro Turista I, sendo que já desponta a verticalização do mesmo (Figura 33).



Figura 33 - O bairro Turista I e II vistos a partir do bairro Solar das Caldas, Caldas Novas (GO), 2004.
Autor: BORGES, O. M., 2004.

A vila Olegário Pinto é uma das mais antigas da cidade. Apresenta maior adensamento construtivo, com poucos lotes vagos. Há hotéis, residências e edifícios de quatro a cinco pavimentos. A entrevistada Izabel Cristina, maranhense, comentou que “há água encanada e rede de esgoto. A coleta de lixo é feita três vezes por semana e as ruas são asfaltadas”. Na Rua 3, nesta Vila, está instalada a Cooperativa dos Produtores de Leite de Morrinhos junto ao córrego Caldas. Esse bairro limita-se com o Jardim Paraíso que possui alta densidade de construções, a maioria residências. As vias são asfaltadas e com iluminação (Pesquisa de campo, 2004).

O bairro Itanhangá I é considerado um dos mais novos da cidade, com toda infra-estrutura básica. Um dos lugares procurados pelos turistas é a Cachaçaria Vale das Águas Quentes, localizada neste bairro. Um guia acompanha os turistas e explica o processo de fabricação da cachaça que é produzida na região e envelhecida em barris de madeira nobre. A proprietária da empresa informou que, na fazenda, faz-se o plantio e o processamento da cana, a bebida, por sua qualidade, já conquistou o mercado

externo. Os licores de sabores variados (pequi, menta, jenipapo, ervas e outros) podem ser degustados, o que possibilita ao consumidor fazer a sua escolha. Além do licor de pequi, os vidros de tamanhos e formas diferentes exibem as conservas do fruto (Pesquisa de campo, 2003).

Uma estudante, entrevistada neste bairro, informou:

Há casas de material de construção, lojas de carros, sacolão, salão de cabeleireiro, barzinhos. As calçadas têm condições de trânsito para os pedestres. Existem lotes vagos mas são poucos e mal cuidados, sujos. É um bairro de classe média. O valor de um lote é muito alto, de trinta a trinta e cinco mil reais. Meu bairro foi uma fazenda mas não sei a quem pertenceu (Pesquisa de campo, 2004).

Outra entrevistada do bairro Itanhangá I escreveu: “o lugar é calmo, com alguns lotes baldios, sem áreas verdes porque os prefeitos doaram para grandes empresários, sem parques e com uma praça, a dos Maçons com fontes e sem árvores”. Quanto à cidade, ela afirma que “teve um crescimento muito rápido, existindo bairros de crescimento espontâneo e carentes de infraestrutura, contrastando com bairros novos com certa infra-estrutura”. Sugere “melhorar o transporte coletivo, coleta e tratamento de lixo, o fornecimento de energia e comunicações, o saneamento básico, implantação de parques e áreas verdes e pavimentação das ruas” (pesquisa de campo, 2004).

Sobre o bairro Bandeirantes, um entrevistado, trabalhando com vendas de imóveis, deu-nos as seguintes informações:

O bairro localiza-se a oeste da cidade, é um bairro novo com pouco mais de treze anos. Fazia parte de uma fazenda da família Sanches, proprietários do Hotel Clube Itatiaia. Vieram de São Paulo, capital, de descendência espanhola. No início da década de 1990 foi urbanizado e vendido, no auge da expansão imobiliária. Na sua maior parte os lotes foram vendidos para pessoas que residem em outras cidades. Ainda hoje, existem

muitos lotes baldios que só servem para as pessoas jogarem entulhos. De vez em quando a Prefeitura passa o trator para roçar o mato. Sua infra-estrutura está completa, com asfalto, água, luz e esgoto. Fica localizado a quinze minutos, à pé, do centro. Sua característica principal – é um bairro residencial. Há um colégio, o 7 de Setembro. Existe pequeno comércio com bares, padaria, frutaria e outros. Para o pedestre o tráfego já se torna mais difícil por falta de calçadas nos lotes vagos. Tem poucas árvores – as que existiam, num ato de falta de conhecimento das leis de preservação do meio ambiente, o prefeito podou deixando só o tronco das árvores e alguns pequenos galhos. É considerado um bairro de classe média-alta. Os lotes são caros, próprios para investimento, o que é proporcionado pela especulação imobiliária.

A vila São José, também situada nas proximidades do centro, originou-se a partir de invasões e as construções apresentam-se precárias (pesquisa de Campo, 2004). Uma estudante de 18 anos, residente na mesma, descreveu o bairro da seguinte maneira:

É bem localizado, perto do centro. É servido por água e esgoto. Há escolas de ensino fundamental e médio. Há um pequeno comércio: padarias e outros. Há terrenos vagos e as pessoas depositam o lixo nestes. Há um córrego que divide o meu bairro com o Itaguaí – é o córrego do Açude. O lugar onde eu moro é muito violento, grande foco de distribuição de drogas. Gostaria que fosse mais limpo e com policiamento para melhorar a convivência no lugar.

Outra estudante de 14 anos, residente no Setor São José, qualificou o bairro como sendo “mal cuidado e que precisaria de uma boa administração”. Sobre a cidade, ela acha que “não é cuidada e deveria trabalhar noções de política para que os cidadãos saibam votar”. Os bairros Jardim Roma, Jardim dos Turistas, Vila São José, Setor Oeste, localizados no entorno próximo ao centro apresentam média densidade de construção. Já o bairro Bandeirantes possui alta densidade construtiva.

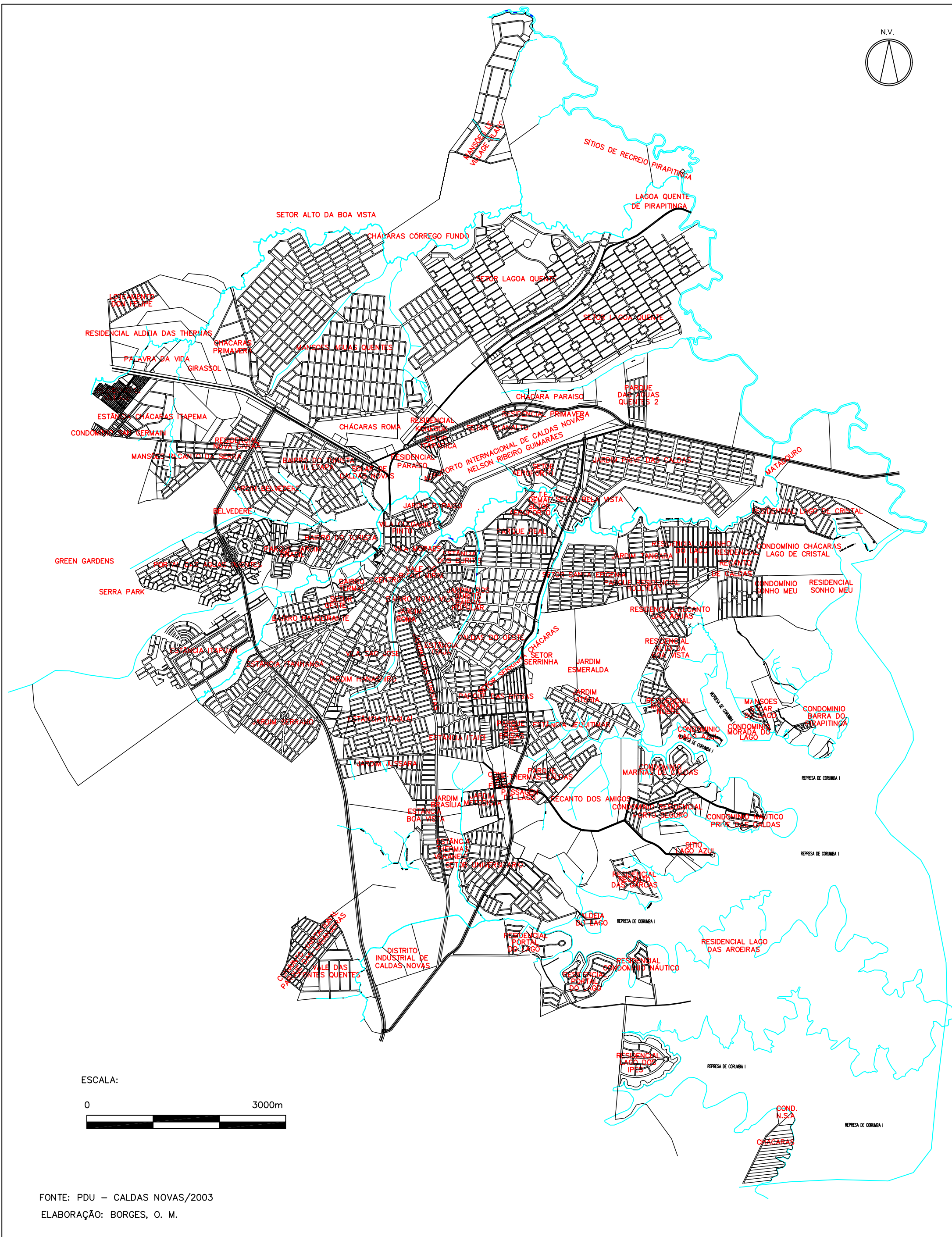
O mapa 07 ilustra a localização geográfica dos bairros da cidade. O bairro Portal das Águas Quentes, possui somente uma via asfaltada, a única com iluminação. Inexiste comércio e não há calçadas para pedestres, a água vem da cisterna e não há esgoto. É um bairro com baixa densidade de construções e existem inúmeras quadras invadidas pelo mato. Segundo um morador entrevistado, “o lixo que é coletado no centro da cidade é depositado em um setor do bairro. Não há infra-estrutura, é tudo muito sujo” (Pesquisa de campo, 2004).

Os bairros Estância Itanhangá II, Setor Itaparica, Setor Planalto, Residencial Konesuk, Residencial Primavera, Condomínio Residencial Porto Seguro, Jardim Interlago, Sítio Lago Azul, Condomínio Marina de Caldas, Jardim *Privé* das Caldas, Jardim Hanashiro, Lago das Brisas e Santa Efigênia apresentam as mesmas características de baixa densidade de ocupação, abastecimento de água de cisterna e o esgotamento sanitário através de fossas.

É interessante observar o nome dado aos bairros, que busca a indução do consciente a lugares apazíveis. Segundo O’Grady (*apud* KRIPPENDORF, 2000, p. 41) “os pregadores da igreja só podem prometer o paraíso após a morte, enquanto no turismo ele já é oferecido aqui na terra”. Esse paraíso é prometido até mesmo na denominação dos bairros.

No bairro Jardim Serrano as vias são, em sua maioria, de terra; uma via asfaltada liga ao Parque Estadual da Serra de Caldas; o nome das ruas, normalmente, é fixado nas casas junto com a numeração das mesmas.

Mapa 07: Caldas Novas - GO: Bairros



FONTE: PDU – CALDAS NOVAS/2003

ELABORAÇÃO: BORGES, O. M.

Sobre a Avenida Andes, uma moradora, a gari Lúcia, informa que “a água é de cisterna, há energia mas o banho é frio porque a energia é muito cara”. Não há iluminação, as construções são simples e com baixa densidade de ocupação (pesquisa de campo, 2004).

O bairro Serra *Park* possui arruamento sem pavimentação e com o posteamento implantado cercado com alambrado. Não há nenhuma construção. O bairro *Green Gardens* apresenta as mesmas características.

Os bairros Itaici II, Itajá,, Estância Itaguaí, Clube dos 20, Recanto dos Amigos e Itaguaí 2 apresentam média densidade de construção e o Setor Lagoa Quente, baixíssima densidade construtiva.

A professora de História, residente no bairro Mansões das Águas Quentes (quadras transformadas em condomínio), escreveu sobre o lugar onde mora:

Ainda não tem asfalto, nem rede de esgoto, água tratada e precisa de maior atenção do poder público municipal. Gostaria que tivesse saneamento básico, ruas asfaltadas e posto policial para dar mais segurança aos moradores. Para diminuir essas distâncias, o trabalho com projetos ligados a questão do lixo, lotes baldios, entre outros.

No contato com os entrevistados, com o que eles escreveram ou falaram, observa-se a reprodução desigual e fragmentada do espaço urbano de Caldas Novas.

A professora do bairro Mansões Águas Quentes afirmou:

Minha cidade é belíssima. Está crescendo num ritmo acelerado e por isso precisa de muito empenho da administração pública para cuidar da questão ambiental e dos setores básicos, que atendem a classe trabalhadora de baixa renda e, por outro lado, a questão ambiental exige cuidados imediatos, sobretudo no

que diz respeito ao lixo e na queima do cerrado, que constitui o cinturão verde do município. A poluição da rede hidrográfica também pede socorro e a destruição das matas ciliares pelos chacareiros das áreas verdes.

O investimento diferenciado do poder público acentua as diferenças. Os mecanismos de segregação, adotados pelo Estado, acham-se presentes nas normas de controle do uso e ocupação do solo urbano. Os diferenciais nas taxas de IPTU deixam transparecer a discriminação, “afetando o preço de terra e dos imóveis e, como consequência, incidindo na segregação social” (CORRÊA, 1995, p. 26).

A Prefeitura Municipal de Caldas Novas, em pesquisa de recadastramento dos imóveis, constatou, de acordo com Barbosa (2004), a existência de 85.000 lotes no município, dentre eles, com 73% tendo o IPTU calculado apenas para o terreno. É uma realidade que gera conflitos e traz consequências para toda a sociedade. A evasão das divisas públicas não permite o retorno em benefícios para essa população, deixando de ser aplicado em educação, saúde, moradia infra-estrutura básica e outros.

A tabela 6 reproduz os dados apontados por Barbosa (2004), mostrando os percentuais de edificações irregulares nos bairros da cidade. Há bairros com elevados percentuais de edificações irregulares, como o Parque das Brisas III (84%) e o Lago das Brisas (72%).

Tabela 06 - Caldas Novas: bairros segundo percentual de edificações irregulares, 2004.

Bairros	%	Bairros	%
Itajá	8,33	Parque Real	22,0
Itaguaí	29,08	Portal das Águas Quentes	2,0
Setor São José	6,0	Jardim Paraíso	19,0
Setor Oeste	2,0	Jardim Prive das Caldas	17,0
Olegário Pinto	5,32	Jussara	3,0
Centro	13,89	Bairro Termal	2,19
Bandeirante	8,55	Bairro popular	18,0
Itanhangá	6,25	Buriti Mirim	9,0
Estância Jequitimar	3,0	Caldas do Oeste	14,0
Jardim Belvedere	7,0	Estância dos Buritis	10,0
Jardim Esmeralda	1,0	Jardim dos Buritis	27,0
Jardim França	0,0	Nova Vila	7,0
Jardim Jeriguara	0,0	Vila Moraes	10,0
Jardim Serrano	12,61	Estância Boa Vista	14,0
Parque das Brisas III	84,0	Holliday	7,0
Recanto Passagem do Lago	0,0	Setor Universitário	5,0
Jardim Roma	14,38	Estância Tamburi	0,0
Residencial Nova Canaã	9,0	Jardim Tangará	9,0
Village Thermas de Caldas	0,0	Parque Termas de Caldas	0,0
Jardim Brasília	0,0	Prive de Caldas	0,0
Jardim Vitória	0,0	Recanto das Águas	9,0
Itaici	9,61	Recanto de Caldas	3,0
Jardim Hanashiro	17,76	Residencial Caminho do Lago	7,0
Jardim dos Turistas	15,0	Residencial Konesuk	7,0
Portal do Lago	1,0	Residencial Lago das Aroeiras	0,0
Alto da Boa Vista	0,0	Residencial Lago dos Ipês	0,0
Bairro do Turista I	2,0	Residencial Paraíso	3,0
Bairro do turista II	12,0	Residencial Porto Seguro	2,0

(Continuação)

Lago das Brisas	72,0	Residencial Primavera	5,0
Lago de Cristal	0,0	San Germain	0,0
Lagoa Quente	1,0	Santa Efigênia	35,0
Loteamento Anhanguera	15,0	Serrinha	14,0
Mansões das Águas Quentes	2,0	Setor Aeroporto	7,0
Mansões Recanto da Serra	3,0	Setor Bela Vista	2,0
Morada Nobre I	0,0	Setor Itaparica	8,0
Morada Nobre II	0,0	Setor Planalto	6,0
Parque das Laranjeiras	1,0	Solar de Caldas Novas	6,0
Parque Jardim Brasil	5,0		

Fonte: Barbosa, 2004, p. 147.

Essa realidade não é só de Caldas Novas, ocorre em outras cidades brasileiras. É fruto das contradições do capitalismo, que influenciam as estratégias locacionais.

O espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais” (CORRÊA, 1995, p. 9) .

Quaisquer que sejam as formas espaciais, elas se acham impregnadas de conteúdo social e de memória.

Olhar para as cidades é sempre um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama urbano. A cidade é uma construção física e imaginária, compreende um lugar e faz parte do todo geográfico. O tecido urbano é dinâmico e está inserido no processo histórico de uma sociedade. O traçado de uma cidade é uma arte processual e representa uma leitura temporal. A cada instante há mais do que os olhos podem ver, do que o olfato pode sentir ou do que os ouvidos podem escutar (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 25).

A cidade é uma história em construção. As próximas décadas poderão ver melhor o momento presente e cuidar para que a cidade retome a sua característica de local de abrigo e proteção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu-nos conhecer um pouco da história de Goiás pelas trilhas dos bandeirantes, por seus historiadores e pelo povo, nas águas quentes.

Na procura do ouro e pedras preciosas e do índio escravo, as águas quentes foram descobertas. O ouro cedo se esgotou e, na contemporaneidade, se teme o esgotamento do manancial de águas termais na região das Caldas.

Ao transitarmos pelos meandros da burocracia, deparamos com inúmeras dificuldades: obstáculos na obtenção de informações, inexistência de dados, dificuldade de acesso aos mesmos, imprescindíveis para análise mais apurada sobre a (re) construção do espaço urbano de Caldas Novas.

No decorrer de nossas pesquisas de campo, constatamos que ainda existem pessoas que têm uma referência com o lugar, à identidade com a terra. Por meio de suas falas, vemos que o “estranho” trouxe contribuições, mas também transformações acentuadas na ocupação e uso do solo e na apropriação cultural do mesmo.

A partir dos anos 1980, o espaço urbano expandiu-se rapidamente. A cidade “explodiu” ao tornar-se mercadoria nas mãos dos agentes do turismo e da especulação imobiliária. O espaço retalhado acentuou as diferenças socioeconômicas entre os habitantes, que não têm acesso aos lugares, ou aos “não lugares” construídos para o turista.

O *boom* do turismo determinou o rápido crescimento da população e a expansão da malha urbana. Ao se expandir, a cidade agregou novas áreas ao núcleo central e passou a receber inúmeros investimentos. Os clubes hotéis, pousadas, hotéis, a verticalização e os condomínios foram mudando a “cara da cidade”.

Ao mesmo tempo, a explosão urbana promoveu grandes desmatamentos e aumentou a pressão sobre os recursos naturais, o que desencadeou inúmeros problemas ambientais, que poderá acarretar sua insustentabilidade no curto e médio prazos.

Os agentes promotores da especulação imobiliária criaram o ideário do “Paraíso das Águas Quentes”, mas esse não reproduz a realidade urbana. Se existem, nesse espaço, “ilhas” de prazer, poucos são que delas podem usufruir. Em nossas inúmeras viagens e no contato com moradores dos mais diversos estratos sociais, constatamos que o cotidiano dos habitantes está bem afastado da representação de Caldas Novas. Tudo leva a crer que é preciso reeducar o olhar dessa comunidade que tem na atividade turística as bases da sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AGETUR - Agência Goiana de Turismo. **Viaje por Goiás**. Disponível em: <<http://www.agetur.go.gov.br/>>. Acesso em: 10 de ago., 2005.

ALBUQUERQUE, C. **Caldas Novas além das águas quentes**. Caldas Novas: Kelps, 1996.

_____. **Caldas Novas ecológica**. Caldas Novas: Kelps, 1998.

ALMEIDA, F.F.M. Traços gerais da geomorfologia do Centro-Oeste brasileiro. In: TEIXEIRA NETO et al. **Complexo termal de Caldas Novas**. Ed. Universidade Federal de Goiás, 1986 (Coleção documentos goianos, 7).

ALMEIDA, Maria G. de. Turismo e os novos territórios no litoral cearense. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.) **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 184-190.

ALENCASTRE, J. M. P. de. **Anais da Província de Goiás**: Convênio SUDECO/Governo de Goiás. Secretaria do Planejamento e Coordenação. Goiânia, [197_?].

AMBIENTE BRASIL. Revista da Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Paraná. **Goiás**. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&conteudo=./estadual/go4.html>>. Acesso em: 10 de mar., 2005.

ANDRADE, M. C. de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas (SP): Papirus, 1989.

ANUÁRIO TURÍSTICO DE GOIÁS, Goiânia, 1997. p.46.

AUGÊ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de M. Lúcia. Campinas (SP): Papirus, 1994.

BARBOSA, D. L. **Um olhar sobre o Estatuto da Cidade enquanto instrumento de reforma urbana**: um estudo sobre a elaboração e implementação do Plano Diretor em Caldas Novas. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Federal de

Uberlândia, Uberlândia, 2004.

BARBOSA, Y. M.; PARANHOS, M. C. **As contradições da modernidade em Caldas Novas**. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 8, Recife (PE), 2003. Recife (PE): AGB, 2003.

BARROS, N. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: UFPE, 1998.

BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. Tradução de Aníbal Alves. Lisboa: Ed. 70, 1972.

_____. **A sociedade de consumo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1991.

_____. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BLANCO, E. **O turismo ecológico sustentável e a autoconsciência do homem contemporâneo: uma abordagem filosófica da questão ambiental**. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/293/boltec293e.htm>>. Acesso em: 30 de jan., 2005.

BRASIL, L. N. Caldas Novas de Goiás. In: ORIENTE, T. (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. 6. ed. Goiânia: Ed. Oriente, 1982, p. 57-66.

BORGES, A. M.; PALACIN, L. **Patrimônio histórico de Goiás**. Fundação Pró-Memória, 1987.

CHAUL, N. N. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no / do mundo**. São Paulo: UCITEC, 1996.

_____, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____, A. F. A. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Tradução de A. Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Pensamento Crítico, 18).

CASTROGIOVANNI, A.C. Turismo e ordenação do espaço urbano. In: FILHO, A.B.; CASTROGIOVANNI, A.C. (org.) **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001; p. 23-31.

CATELAN, A. **Caldas Novas**: o paraíso das águas quentes – 1911-1991. s.n.

CORRÊA-NETO, O. As águas termais de Caldas Novas. In: ORIENTE, T. (org.) **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. 6. ed. Goiânia: Ed. Oriente, 1982, p. 69-100.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995, (Série Princípios).

DAMIANI, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

ELIAS, A. C. **Caldas Novas ontem e hoje**. Caldas Novas: Secretaria Municipal de Educação, 1984.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).

GEIGER, P.P. **Evolução da rede urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, MEC, 1963, p. 17.

GOIÁS (Estado). Prefeitura Municipal de Caldas Novas. **Caldas on line**. Disponível em: <<http://www.caldasonline.com.br/prefeitura.htm>>. Acesso em: 12 de maio, 2005.

GONÇALVES, F. R.; DEL GROSSI, S. R. **Geografia e turismo**: um caminhar circunstancial. SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2, Uberlândia (MG): IGUFU, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário**. Rio de Janeiro: 1995.

_____. **Censos demográficos**. Rio de Janeiro, 1980; 1991; 2000.

_____. **Contagem da população 1996**. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Estimativa populacional 2004**. Rio de Janeiro, 2005.

INGEO. Instituto de Genealogia de Goiás. **História de Goiás**. Disponível em: <http://www.ingego.org/BV_Historia_de_Goias.htm>. Acesso em: 10 de jan, 2005.

IZUWA, M. Turismo sustentável: economia, educação e preservação. **Guaiás**, Caldas Novas (GO), v. 2, n. 2, p.56-63, 2002.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do turismo**. Campinas (SP): Papyrus, 1991.

LEMO, A. I. G. de. Turismo, Modernidade e Globalização. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 238-246.

LISTA DE TELEFONES. **Guia Comercial 2005**. Telegoiás, Caldas Novas (GO), 2005.

MENDONÇA, M. R.; THOMAZ JÚNIOR, A. A modernização da agricultura nas áreas de Cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho. **Investigaciones Geográficas**: Boletín del Instituto de Geografía, Cidade do México, n. 55, pp. 97-121, 2004. Disponível em: <<http://www.diplomado-sig.igeograf.unam.mx/instituto/publicaciones/boletin/bol55/b55-6.pdf>>. Acesso em: 10 de maio, 2005.

MERY, M. **Políticas públicas, turismo e a coisificação do lugar**: estudo de caso: a (re) valorização e (re) organização do espaço-turístico de Paulo Afonso (BA). SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2, Uberlândia (MG):

IGUFU, 2003.

MORANDI, S. Espaço e turismo: uma proposta de geografia para o pós-médio. In: PONTUSCHKA, N. N. e OLIVEIRA, A. U. (org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo. Contexto: 2002; p. 69-76.

MOREIRA, G. L.; TREVIZAN, S. D. P. O turismo nas cidades litorâneas. **Revista Turismo**, ago. 2005. Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/materiasespeciais/litoraneas.htm>> Acesso em: 2 de set., 2005.

MUNFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NOGUEIRA, A. C. **Rio Quente**: uma história aquecida pelas suas próprias águas. Rio Quente: Prefeitura Municipal, 2002.

OLIVEIRA, E. de; DUARTE, L. M. G. Gestão da biodiversidade e produção agrícola: o cerrado goiano. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 105-142, jan./abr., 2004.

OLIVEIRA, L. V. A. A dimensão cultural dos migrantes e a formação de territórios nordestinos em Caldas Novas. **Simpósio Regional de Geografia**, 2, Uberlândia (MG). Uberlândia (MG): IGUFU, 2003.

PALACIN, L. **O século do ouro em Goiás**, Goiânia: Oriente/ Brasília: INL, 1979.

PEREZ, C. L. V. Ler o espaço para compreender o mundo: a função alfabetizadora da geografia. **Presença pedagógica**, v. 5, n. 28, p.29-39, jul. - ago. 1999.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas de comércio. In: CARLOS, A. F. A. (org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p.143-159.

PIRES, P. A paisagem litorânea como recurso turístico. In. YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (org.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 161-177.

PLANO DIRETOR DE CALDAS NOVAS. Prefeitura Municipal, Caldas Novas

(GO), 2003.

PORTUGUEZ, A. P.; TEUBENER-JÚNIOR. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec 2001.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002. (Coleção Milton Santos).

SE LIGA NO FUTURO. Caldas Novas (GO). Governo Itinerante; Secretaria de Indústria e Comércio; Secretaria de Educação; AGETUR Agência Goiana de Turismo, 2004.

SILVA, A. M. da. **Dossiê de Goiás**. Goiânia: Máster Publicidade, 2001.

SEABRA, O. C.de L. Urbanização e Fragmentação: apontamentos para estudo do bairro e da memória urbana. SPOSITO, M. E. B. (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: Unesp-GasPerr, 2001.

_____. Territórios de uso: cotidiano e modo de vida. **Cidades**: Revista científica/Grupo de Estudos Urbanos, v.1, n. 1, 2004. p. 181-206.

SOARES, B. R. **Uberlândia**: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia.** 1988. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SOUZA JÚNIOR, X. S. DE S. DE; ITO, C. A. Turismo e espaço: uma leitura geográfica da interferência da atividade turística no processo de (re)organização sócio-espacial do município de João Pessoa - PB. **Scripta Nova:** revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, v. IX, n. 194, 01 de ago., 2005.

TEIXEIRA NETO, A. T. et al. **Complexo Termal de Caldas Novas.** Goiânia: EFGO, 1986.

TRINDADE JÚNIOR, S. C. da. Espacialidades e temporalidades na dinâmica das formações urbanas. **Cidades:** Revista científica/ Grupo de Estudos Urbanos, v. 1, n. 1, p. 241-258, 2004.

UNIMONTE. Centro Universitário Monte Serrat. Rio Quente terá investimentos de R\$ 104 milhões. Disponível em: <<http://www.unimonte.br/comum/imprime.asp?materia=2166>>. Acesso em: 30 mar, 2005.

XAVIER, H. A incorporação da dimensão do turismo do ensino da Geografia. In: PONTUSCHKA, N. N; OLIVEIRA, A.U. (org.) **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 59-68.